

ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO
RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)



VOLUME VII

A MULHER COMO AUTORA

ANTENOR FISCHER

ANTOLOGIA

DA LITERATURA DRAMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XIX)

Produzida ao longo de um Estágio Pós-Doutoral, realizado no PPGL da PUCRS, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Moreira, em 2009, a presente Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) faz parte de uma série de estudos acadêmicos realizados por Antenor Fischer, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS, entre 2002 e 2011.

A Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (cujos ensaios introdutórios, em seu conjunto, constituem e/ou proporcionam uma visão sociológica do Rio Grande do Sul oitocentista, a partir do teatro nele produzido), foi precedida pelos seguintes estudos: A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX – Subsídios para uma história (Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003) e A literatura dramática do Rio Grande do Sul – de 1900 a 1950 (Tese de Doutorado, PUCRS, 2007, 2 volumes).

A esses estudos, o autor acrescentaria o Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul, produzido ao longo de novo Estágio Pós-Doutoral, agora no PPGL da UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, em 2011. A obra, que reúne 900 verbetes de autores, foi considerada, pelo crítico teatral Antonio Hohlfeldt, “o principal livro publicado no Rio Grande do Sul, em 2014, sobre teatro”.

Radicado em Porto Alegre, desde 1978, Antenor Fischer nasceu na Linha Vista Alegre, Crissiumal, RS, a 26/10/1959. Passou a infância e a juventude em Palmitos e Cunha Porã, municípios do Oeste de Santa Catarina. Ex-ator do “Caixa de Pandora” (grupo teatral porto-alegrense, que integrou ao longo de quase dez anos), diretor de teatro, historiador da literatura dramática gaúcha, escritor e bancário aposentado (CEF), Fischer, como é conhecido, é Bacharel em Artes Cênicas – Direção Teatral, pelo DAD-UFRGS (1997), Mestre e Doutor em Letras, pela PUCRS (2003 e 2007, respectivamente), com Pós-Doutorado, na mesma área, pela PUCRS (2009) e pela UFRGS (2011).

Além do Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Porto Alegre: FischerPress, 2014, 350 p.), publicou as seguintes obras: A república dos miseráveis – Ascensão e queda do Reich da Modernidade (2000); A odisseia de H.Romeo (2005); A primavera de Praga (2006); Que mistifório é este? – Crônica, poesia, teatro & Cia. (em parceria com César Dias da Silva, 2008); Era uma vez no Leste – Impressões de uma viagem a República Tcheca, Polônia, Repúblicas Bálticas e Rússia (2010); Em busca do sentido perdido – No Caminho de Santiago (2012); e Do outro lado do mundo – Crônicas da Ásia e da Oceania (2015).

Antenor Fischer

ANTOLOGIA
DA LITERATURA DRAMÁTICA
DO RIO GRANDE DO SUL
(SÉCULO XIX)

VOLUME VII
A MULHER COMO AUTORA

1ª Edição

Porto Alegre

P | Fischer
Press

2015

Copyright@ 2015 por Antenor Fischer

Título Original

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (Século XIX)

Editor

Antenor Fischer

Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica

Daniel Scheer

Ilustração da Capa

Gilmar Fraga

Bibliotecária Responsável

Ginamara de Oliveira Lima – CRB 10/1204

Catálogo na Fonte

F529a

Fischer, Antenor

Antologia da literatura dramática do Rio Grande do Sul (século XIX) /
Antenor Fischer. – Porto Alegre : FischerPress, 2015.
8 v. ; 21 cm.

Conteúdo: v.1. Autores primordiais e textos fundadores. – v.2. A desonra como *Machina Fatalis*. – v.3. O jusuitismo na alça de mira. – v.4. O divórcio em cena. – v.5. O drama abolicionista. – v.6. O ideal republicano. – v.7. A mulher como autora. – v.8. A comédia.

ISBN: 978-85-68558-02-7 – Coleção

978-85-68558-03-4 – v.1

978-85-68558-04-1 – v.2

978-85-68558-05-8 – v.3

978-85-68558-06-5 – v.4

978-85-68558-07-2 – v.5

978-85-68558-08-9 – v.6

978-85-68558-09-6 – v.7

978-85-68558-10-2 – v.8

1. Literatura Brasileira - Teatro. 2. Literatura Sul-rio-grandense - Teatro.
3. Literatura Dramática do Rio Grande do Sul. 4. Teatro do Rio Grande do Sul. 5. Dramaturgia brasileira. 6. Dramaturgia gaúcha. I. Título.

CDD 869.99209

Antenor Fischer

fischerpress@gmail.com

www.fischerpress.com.br





SUMÁRIO

A mulher como autora.....	07
Notas sobre as autoras	41
<i>Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas</i> (1887), de Maria da Cunha.....	45
<i>A flor do deserto</i> (1887), de Maria da Cunha.....	67
<i>A calúnia</i> (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.....	77
<i>A culpa dos pais</i> (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.....	107
<i>As vítimas do jogo</i> (1896), de Anna Aurora do Amaral Lisboa.....	143
Bibliografia	177



A MULHER COMO AUTORA

Muito se tem escrito, nas últimas décadas, sobre as lutas envolvendo ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, por condições e direitos justos e igualitários; muito se tem cobrado, dos Estados, em termos de leis e ações governamentais que possibilitem, senão a derrubada, pelo menos uma redução das fronteiras. Muito se tem feito, também, no campo das Letras (especialmente, no dos estudos literários), no sentido de resgatar a contribuição da mulher como produtora de literatura, em seus diferentes gêneros.

Ainda que a História, escrita pelos homens, muitas vezes ignore ou não mostre claramente a atuação do sexo feminino no processo evolutivo da sociedade, sabe-se que – do mesmo modo que as mulheres jamais deixaram de lutar contra a opressão, visando à mudança de seu papel social¹ – em nenhum momento elas deixaram de participar ativamente desse processo, ampliando paulatinamente seu campo de atuação.

Apesar de a ligação principal do feminismo com a literatura remontar ao século XIX, com a questão do direito da mulher à educação e à profissão, o chamado feminismo na literatura é um vasto campo que passou a se descortinar para os estudiosos da literatura, somente um século mais tarde – mais precisamente, a partir da década de 1970.

Nos estudos iniciais, segundo Zahidé Lupinacci Muzart (2003, p. 268), “era comum a análise das obras dos homens para nelas encontrar a visão masculina, as imagens de mulher (...). Nas obras de autoria masculina, eram analisados principalmente os estereótipos femininos e as obras seriam lidas desde o ponto de vista de uma mulher”. Dessa prática se originou o modelo de crítica chamado “Imagens de mulher”, que

¹ A primeira demonstração de resistência por parte do sexo feminino, pelas informações que se tem, remonta à Grécia antiga, ocasião em que as mulheres de Atenas realizaram greve de sexo (o primeiro movimento grevista do mundo ocidental “civilizado”) e, obviamente, saíram vitoriosas. Aristófanes trata dessa questão na comédia *Lisístrata*, na qual as mulheres se revoltam contra a guerra; o expediente de que se servem para obrigar os maridos a fazerem a paz reinar novamente é simplesmente “uma greve de amor”, uma suspensão geral dos “ritos de Afrodite”.



perdurou bastante tempo. Porém, segundo a mesma autora, “logo se inicia uma outra corrente que não se preocupava mais com a mulher como leitora, mas sim como autora, como escritora”.

Afinados, neste estudo introdutório, com os adeptos dessa última linha – graças aos quais ocorreu, nos últimos anos, uma impressionante expansão na área dos estudos sobre “Mulher e Literatura” –, nos propomos enveredar, aqui, por um campo ainda pouco explorado: o da dramaturgia produzida pelas mulheres gaúchas, do século XIX.

O fato de entendermos que a compreensão do significado e da dimensão do feito das primeiras intelectuais sul-rio-grandenses – seja na poesia, no jornalismo ou, finalmente, no drama – passa, necessariamente, pela recomposição, ainda que superficial, do cenário social do Oitocentos, leva-nos a dedicar preliminarmente algumas páginas ao resgate da longa batalha que vem sendo travada pela mulher – mais acentuadamente, desde as décadas finais do século XIX –, em busca da equidade dos gêneros.

Na avaliação de Elaine Showalter (1993, p. 83), apesar do alto preço pago – pelo menos uma geração, a do final do século XIX, integrada por mulheres notáveis como Olive Schreiner² e Eleanor Marx (filha de Karl Marx), foi impelida a sacrificar, ao menos parcialmente, sua sexualidade e suas oportunidades de experimentar o amor, com o objetivo de garantir a liberdade futura para outras mulheres –, a luta das mulheres valeu a pena.

Nas últimas décadas, segundo Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994, p. 13), “vimos assistindo a uma considerável alteração do papel social da mulher nas sociedades ocidentais modernas. Hoje já encontramos um número significativo de mulheres investindo com sucesso numa carreira profissional e algumas ocupando, inclusive, postos de prestígio no espaço público”.

² Essa escritora sul-africana entendia que se algumas mulheres de sua geração tivessem a coragem de optar pela independência e pela solidão em detrimento do amor, elas ajudariam a abrir o caminho para um futuro no qual não teriam de fazer essa opção ou escolha.



Em sua obra *Tecendo por trás dos panos – A mulher brasileira nas relações familiares*, Rocha-Coutinho analisa a família patriarcal do Brasil em seus primórdios e a evolução do papel feminino, passando por questões como o confinamento da mulher à esfera doméstica e à maternidade como programa político; a identidade feminina como discurso ideológico; a representação do sexo como resultado de práticas linguísticas; para, no final, tratar de estratégias de controle feminino como resultado do papel e da posição da mulher na sociedade.

Andrea Nye (1995) é outra estudiosa que procede a um interessante estudo sobre a mulher: na obra *Teoria feminista e as filosofias do homem*, enfoca o liberalismo e os direitos da mulher no século XIX, compila inúmeros pensamentos acerca do lugar da mulher na sociedade (donde não escapa o que têm de “machista” as filosofias de John Locke, Jean-Jacques Rousseau, Adam Smith, David Hume, Augusto Comte e, mesmo, de Aristóteles, que já no século IV a.C. argumentava sobre as virtudes próprias das mulheres), analisa as diversas teorias feministas – principalmente o feminismo liberal de Harriet Taylor e John Stuart Mill – e a questão da extensão dos ideais da Revolução Francesa às mulheres.

O estudo mais consistente com que deparamos sobre a questão em foco – e que nos ajudará a compreender a gradativa transformação do papel da mulher nas sociedades brasileira e sul-rio-grandense, das décadas finais do Oitocentos –, no entanto, é o da já citada Elaine Showalter. Em *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle* (1993), essa autora nos apresenta uma história das transformações sexuais ocorridas a partir do final do século XIX, bem como suas representações no cinema, na arte e nas literaturas inglesa e norte-americana.

O estudo de Showalter remete o início do movimento feminista e do que foi chamado de “Questão da Mulher” (que desafiava as tradicionais instituições do casamento, do trabalho e da família) ao último quartel do século XIX. O palco dessas lutas iniciais, segundo ela, foi a Inglaterra, país que se viu mergulhado, juntamente com toda a Europa Ocidental, numa profunda depressão econômica, a partir do final da década de 1870.



As palavras do controvertido romancista George Gissing (citado por Showalter, 1993, p. 15), autor de *The Odd Women* (1891) – romance que trata não só das questões da abstinência feminista, da “feminilidade” e da repressão sexual, mas também de problemas masculinos mais subliminares, relacionados à concorrência com as mulheres pelo poder e pela fala –, nos dão uma ideia do espírito que marcou o final do século XIX. Na opinião do romancista, as décadas de 1880 e 1890 foram décadas de “anarquia sexual”, em que todas as leis que regiam o comportamento e a identidade sexual pareciam estar em colapso.

Showalter (1993, p. 14) reforça essas palavras de Gissing, dizendo que o fim do século XIX foi marcado pelo “colapso da família, o declínio da religião, os movimentos de liberação da mulher e dos direitos dos homossexuais, a epidemia das drogas e a redefinição das humanidades”.³

Não bastasse o fato de as fronteiras relativas às raças e às classes sociais estarem ameaçadas, o *fin de siècle* foi um período repleto de escândalos sexuais, principalmente na Inglaterra, os quais, segundo Showalter (1993, p. 16) “afetaram o nível de conscientização do público a respeito da sexualidade e geraram uma violenta reação em campanhas pela pureza social, num renovado senso de preocupação com a moral pública e em exigências, muitas vezes atendidas, no sentido de maiores restrições na legislação e na censura”. Na tentativa de “normalizar” a situação, os ingleses procuraram reafirmar a importância da família como baluarte da sociedade, contra a decadência sexual.

O surgimento e transformação em caso médico da moderna identidade homossexual, na década de 1880, segundo Showalter (1993, p. 16), conquistou a ampla atenção do público com o julgamento e condenação de Oscar Wilde, em 1895

³ Foi durante esse período que começaram a ser usados, pela primeira vez, os termos “feminismo” e “homossexualismo”. No campo econômico, remonta a essa época a origem do termo “desemprego”. Para definir o estado de espírito próprio do período, foi cunhada, na França, a expressão *fin de siècle*, que rapidamente se espalhou por toda a Europa e Estados Unidos (SHOWALTER, 1993, p. 14).



(citamos o caso, aqui, pela importância das discussões em torno da homossexualidade masculina, que levaram, imediatamente, à discussão da sexualidade feminina).

O poeta irlandês foi condenado a dois anos de trabalhos forçados num presídio, com base numa lei criminal de 1885, que tornava ilegais todos os atos homossexuais entre homens, quer íntimos quer públicos. Vista como uma patologia, ou até mesmo uma doença, as especulações médicas e científicas procuravam estabelecer rótulos e contornos nítidos, traçar “uma linha intransponível entre o comportamento aceitável e abominável”.

Um dos mais ferrenhos adversários da mulher, em sua luta pela emancipação, foram as ciências médicas. Exatamente numa época em que o homem apostava, cada vez mais, na crença de que a ciência poderia ser capaz de dar a ele todas as respostas, os cientistas formulavam uma série de teorias (a maioria delas, bizarras), não só acerca do homossexualismo e da miscigenação racial (campo no qual alertavam para os perigos e as degenerações que poderiam advir dos relacionamentos inter-raciais), mas também a respeito da mulher.

Esse tipo de atitude, aliás, parece ser comum em períodos revolucionários. Na Revolução Francesa, por exemplo, os argumentos científicos em defesa das diferenças fundamentais entre os sexos relegaram a mulher a um segundo plano (ou melhor, mantiveram-na num segundo plano). Os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade excluía as mulheres. Segundo Showalter (1993, p. 22), “o medo da igualdade política e social entre os sexos sempre gerou vigorosas reações no sentido de sustentação das linhas divisórias por meio da comprovação científica das absolutas diferenças físicas e mentais entre homens e mulheres”.

E foi assim que, antes do fim do século XIX, uma “ciência sexual” pós-darwiniana apresentava, “com autoridade”, provas das diferenças evolutivas entre homens e mulheres. Tal ciência concluía que as qualidades agressivas e competitivas do homem o predestinavam à vida pública; e que, por outro lado, as características de domesticidade, de proteção e criação dos filhos, tornavam as mulheres mais ajustadas ao aconchego do lar.



Num quadro que já oferecia à mulher oportunidades de instrução, trabalho e mobilidade, a busca, por parte do sexo feminino, de alternativas para o desenvolvimento pessoal fora do casamento, levou a medicina e a ciência a fazerem advertências no sentido de que ambições dessa natureza resultariam em doenças, comportamento aberrante, esterilidade e degeneração racial.

Alarmados com a onda de atividade feminista que varreu a França de 1889 a 1900 – incluindo vinte e um periódicos feministas e três congressos internacionais, bem como a amplamente divulgada queda do coeficiente de natalidade nacional –, médicos, políticos e jornalistas uniram-se, segundo Showalter (1993, p. 63), para condenar a nova mulher que surgia e festejar o tradicional papel feminino: “Que a mulher continue sendo como a natureza a fez: uma mulher ideal, companheira e amante do homem, a senhora do lar”.

Entre outros argumentos, os médicos sustentavam que a nova mulher representava um perigo para a sociedade, porque sua obsessão com o desenvolvimento do cérebro fazia definhar seu útero. Mesmo que ela, porventura, desejasse se casar, seria incapaz de procriar.

Em seu discurso, ao assumir a presidência da Associação Médica Britânica em 1886, o Dr. William Wither Moore (citado por Showalter, 1993, p. 63) advertia que as mulheres instruídas ficariam “de certa forma assexuadas”. Ao estudar a nova mulher, que “saiu ao mundo para trabalhar”, dois cientistas ingleses deram um aviso ainda mais apocalíptico: o de que essas mulheres “têm o cérebro extremamente desenvolvido, mas em sua maioria morrem jovens”.⁴

⁴ Para se ter uma ideia de quanto tempo perduraram essas “teses científicas” ou, então, de quão tarde elas passaram a ser discutidas entre nós, em meados da década de 1920, Maria Lacerda de Moura, uma das líderes da emancipação feminina no Brasil, publicou uma obra intitulada “*A mulher é uma degenerada*” (assim mesmo, entre aspas), na qual analisa e discute as tais teorias médicas. A tese de que o homem seria mais inteligente que a mulher, por ter uma caixa craniana mais avantajada, ela refuta com o seguinte argumento (1924, p. 20): “o que está provado é que a mulher, não tendo precisado do cérebro, teve um órgão que se atrofiou pela inutilidade, e que a atividade intelectual aumenta o poder mental tanto no homem como na mulher (...) Que coisa impede a elevação da mulher até o homem (sic) ou o desenvolvimento da



Os médicos associavam o que consideravam uma epidemia de distúrbios nervosos, incluindo-se a anorexia, a neurastenia e a histeria, às mudanças nas aspirações femininas. Os conflitos das mulheres quanto ao uso de seus dons iriam, ainda, condená-las a toda uma vida de doenças nervosas.

Showalter (1993, p. 64) informa que as estatísticas, em 1895, apontavam que havia quatorze mulheres neurastênicas para um homem neurastênico; um homem histérico para vinte mulheres histéricas. Naquele mesmo ano, em seus *Estudos sobre a histeria*, Sigmund Freud e Joseph Breuer observaram, a partir de suas experiências, ser provável que as moças histéricas fossem “animadas, talentosas e cheias de interesses intelectuais”.⁵

É curioso verificar, também, que alguns dos ataques mais ardorosos ao feminismo partiriam das próprias mulheres. A incansável romancista e ativista antifeminista Eliza Lynn Linton (citada por Showalter, 1993, p. 43), por exemplo, descreveu desdenhosamente as várias oradoras de um encontro pela emancipação das mulheres, em *The Rebel of the Family*.

Foi ela quem criou a expressão “confraria das descontroladas”, para descrever as oradoras e as atividades feministas. “Uma das nossas brigas com as mulheres avançadas da nossa geração”, diz Linton, “está na exibição histérica que elas fazem de seus desejos e intenções... para cada defensora histérica, a ‘causa’ perde um partidário racional, ganhando um inimigo enojado”.

Era mais fácil explicar o desejo das mulheres pela emancipação como uma forma de desequilíbrio no aparelho

mentalidade feminina? Só há uma objeção: o comodismo, a indolência, os hábitos servis da mulher de hoje, selecionada em vista desse mesmo objetivo: a escravidão e a tutela social”.

⁵ Todas essas teorias e a postura das ciências médicas frente a questões cruciais da humanidade – e, especialmente, em relação à “Questão da Mulher” – mereciam uma análise mais profunda, mas não é nosso objetivo tratar delas neste estudo introdutório. Se dedicamos a elas um espaço considerável, é porque tais teorias nos ajudam a visualizar que a guerra contra a nova mulher que surgia nas décadas finais do século XIX foi travada com bastante intensidade não só nas páginas de jornais e livros, nas Universidades e no Parlamento, mas também (e principalmente, talvez!) nas clínicas médicas.



reprodutor e na mente do que levar esse desejo a sério. Tal argumento já servia, aliás, para mostrar quão perigosa seria para o bem público “a incorporação dessas instabilidades às estruturas da vida política”.

É evidente que logo o feminismo viria a ser associado ao lesbianismo (fenômeno que, apesar de ser um tópico na literatura e na arte, de óbvia compreensão por parte do público em geral, quase não aparecia no discurso médico e só passaria a ter a atenção de alguns sexólogos a partir de meados da década de 1880), cuja associação, de acordo com Showalter (1993, p. 41), resultou no estereótipo da mulher sem par: “a imagem popular da mulher sem par combinava elementos da lesbica, da solteirona feiosa e da feminista histórica”.

Segundo Showalter (1993, p. 36, *passim*), a anarquia sexual começou exatamente com a mulher sem par – um problema social decorrente do desequilíbrio entre o número de mulheres solteiras e o de homens solteiros disponíveis e dispostos ao casamento, que gerou uma atitude de alarme nacional. A mulher sem par era a que sobrava, a que não encontrava quem quisesse casar com ela.

A mulher nessa condição não era um fenômeno recente. Em muitas ocasiões anteriores haviam surgido na Inglaterra manifestações de ansiedade quanto ao excesso de mulheres solteiras, em especial após guerras e em outros períodos de crise entre os sexos. Mas nunca as mulheres solteiras haviam oferecido também perigo. Tratava-se, agora, na verdade, de um grupo sexual e político que, aos olhos dos homens, ameaçavam tomar-lhes o poder.

Já na década de 1860, o jornalista William R. Greg (citado por Showlater, 1993, p. 36-37) chamava a atenção para o “número enorme e crescente de mulheres solteiras no país, um número desproporcional e totalmente anormal, que tanto em termos absolutos quanto relativos indicava um estado social pouco saudável”. O jornalista ressaltou o problema social, uma vez que milhares delas precisavam ganhar o pão de cada dia, entrando em concorrência com os homens pelos empregos, em vez de “gastar e administrar os ganhos do marido”.



Opondo-se à ampliação das oportunidades de emprego para as mulheres, porque isso poderia “cercar a vida de solteira com um caminho tão agradável, confortável e bem-enfeitado” que o casamento passaria a ser visto como apenas mais uma opção entre muitas, estimulando um celibato antinatural, Greg propunha a “emigração das solteiras, sob o patrocínio do governo, para as colônias, onde mulheres inglesas estavam em falta e onde talvez conseguissem um marido”.

As feministas, por sua vez, usavam o excesso de mulheres solteiras como argumento para provar que os tradicionais papéis domésticos a elas destinados eram antiquados e que as políticas sociais que lhes negavam a instrução superior, papéis alternativos, oportunidades profissionais e o voto eram cruéis e auto-destrutivas.

Se as mulheres não mais podiam esperar ser sustentadas por maridos, elas teriam de ser formadas e treinadas para prover seu próprio sustento, ainda mais que seus únicos empregos tradicionais – de governanta e professora –, agora profissionalizados, tinham excesso de oferta. Para tanto, reivindicavam a permissão à mulher solteira de se dedicar “livremente a todas as ocupações adequadas à sua força física”, convertendo-se, assim, em membros úteis à sociedade.

Os organismos sociais de defesa da mulher, surgidos já no final da década de 1850, que tentavam descobrir novos campos de atuação para as mulheres de classe média sem formação – tais como serviços de escritório e alguns trabalhos manuais, como o telégrafo, a tipografia e a profissão de cabeleireiro –, preocupavam-se também com a mulher solteira da classe operária, cujos problemas eram ainda mais graves.

Três décadas mais tarde, contudo, a maioria das atendentes de lojas, por exemplo, continuava vendo no casamento sua única esperança de libertação. Showalter (1993, p. 38) diz que a preocupação das reformistas feministas com a mulher trabalhadora teve sua manifestação mais radical na solidariedade à prostituta, que talvez tivesse sido levada às ruas por não ter nenhuma alternativa de trabalho.

Nessa mesma década – em que já era possível que mulheres solteiras de classe média trabalhassem, tivessem onde





morar e formassem um círculo de amizades –, começava a demolição do venerável sistema patriarcal da Inglaterra. Uma série de Decretos Legislativos beneficiou materialmente a situação legal da mulher. Foram definidas questões relativas aos bens da mulher casada e à guarda de crianças.

A partir de então, as grandes lutas femininas passaram a ser a derrubada do bloqueio ao seu ingresso no sistema de ensino superior⁶ e o direito ao voto (conquista que só veio a se concretizar no século XX). Tais bandeiras se espalharam, rapidamente, por toda a Europa Ocidental e Estados Unidos, e não demoraram a chegar, também, ao Brasil.

* * *

Ainda que o Brasil do primeiro e segundo Impérios tenha sido, em vários aspectos, uma espécie de cópia ampliada da era colonial (muitas de suas características – como a escravidão, o modelo fundiário imposto pelo colonizador português e a influência da Igreja Católica, como força política e instrumento de controle social – mantiveram-se com extrema vitalidade), nesse período, inúmeras transformações ocorreram, principalmente, na vida urbana. Surgiram teatros, bancos, empresas de transporte; jornais passaram a circular. Tudo isso fez com que aparecessem, também, novas ocupações (comerciante, político, escritor, artesão, funcionário público, jornalista, etc.).

A vida familiar e, especialmente, a vida da mulher não escaparam às transformações provocadas pela urbanização, pelos câmbios sócio-econômicos e demográficos, pela expansão do setor público e pelo fluxo de novas doutrinas, que promoveram uma certa libertação dos costumes e um enfraquecimento parcial das instituições que enclausuravam as mulheres.

Segundo Viviane Schitz (2002, p. 22), “a família começa a desenvolver novos aspectos, as moças passam a adquirir certa liberdade na escolha de seus maridos” e “a mulher come-

⁶ Reduto exclusivo dos homens, as Universidades ofereciam violenta oposição ao ingresso de mulheres. Para se ter uma ideia, em 1897 havia somente 844 mulheres em todas as Universidades inglesas reunidas. Na Inglaterra, havia apenas 87 doutoras; na França, 95 (SHOWALTER, 1993, p. 21).



ça a aparecer nos salões, a receber e a tratar com convidados, a conviver com estranhos, a frequentar modistas, a fazer visitas, a ler figurinos e romances”.

Apesar dessas mudanças, mais acentuadas ou perceptíveis na Corte, continuava vigorando, em muitas regiões do País (inclusive no Rio Grande do Sul, conforme demonstram os debates promovidos pelo Partenon Literário, na década de 1870), o seguinte dito português – que resume a situação da mulher brasileira na era colonial e no Império: “Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais que isso seria um perigo para o lar”.

Charles Expilly (1935, p. 401, citado por Sodré, 1982, p. 172), que fez referência ao dito, comentou que dele “nasceu um hábito odioso, conscienciosamente praticado em Portugal e introduzido por Cabral e seus companheiros no Brasil”, que imperou por mais de três séculos:

A desconfiança, a inveja e a opressão resultantes prejudicavam todos os direitos e toda a graça da mulher, que não era, para dizer a verdade, senão a maior escrava do lar. Os bordados, os doces, a conversa com as negras, o cafuné, o manejo do chicote, e aos domingos uma visita à igreja, eram todas as distrações que o despotismo paternal e a política conjugal permitiam às moças e às inquietas esposas.

Alguns dos viajantes franceses, ingleses ou norte-americanos que visitaram o Brasil, no decorrer do século XIX, deixaram, através de seus registros e relatos, sinais preciosos para o pesquisador interessado em recompor o cenário social do Oitocentos.

A americana Elizabeth Cabot Cary Agassiz (1938, p. 336, citada por Quintaneiro, 1996, p. 43-44), que passou os anos de 1865 e 1866 no Brasil (juntamente com seu marido, o paleontólogo suíço, radicado nos Estados Unidos, Jean Louis Rodolphe Agassiz), e que, a exemplo da maioria dos estrangeiros que visitaram nosso País, penalizou-se sinceramente com a monotonia que marcava a vida da senhora brasileira, especialmente a das pequenas cidades – “triste o bastante para



tornar melancólica uma dama europeia ou norte-americana” –, foi quem melhor expressou os sentimentos que aquele modo de viver inspirava, principalmente, às mulheres estrangeiras:

É impossível imaginar coisa mais triste e monótona do que a existência da senhora brasileira das pequenas cidades... Seus dias decorrem tão descoloridos como o das freiras de um convento e sem o elemento entusiasta e religioso que sustenta estas últimas... É triste verem-se essas existências fanadas, sem contato algum com o mundo exterior, sem nenhum dos encantos da vida doméstica, sem livros, sem cultura de qualquer espécie. A mulher nessa porção do Império embota-se no torpor de uma existência vazia e sem objetivo ou, se se revolta contra suas cadeias, a sua infelicidade então só é comparável à nulidade de sua vida.

Se nos centros urbanos mais desenvolvidos, como o Rio de Janeiro, a vida tinha esse tom e o acesso das mulheres à literatura ou a qualquer outro veículo de cultura era limitadíssimo, quase proibido em muitas famílias, não passando do livro de orações, o que dizer da situação e da realidade nos *hinterlands*?

John Codman (1872, p. 172, citado por Quintaneiro, 1996, p. 338) relata que “perdidas no interior do Rio Grande do Sul, às jovens Ubaldomina, Anita e Olinda não restava mais do que se lamentar junto à vizinha inglesa sobre a falta de livros. Comovida, ela lhes franqueia o próprio piano”.

Vários dos viajantes estrangeiros registraram que as moças, no Brasil, viviam reclusas sob o poder dos pais até o momento de passar, ainda adolescentes, às mãos dos maridos. E, mais que isso, criticaram a precocidade com que adquiriam modos e conhecimentos impróprios à idade. May Frances, em sua obra *Beyond the Argentine, or Letters from Brazil* (1890, p. 123, citado por Quintaneiro, 1996, p. 97), por exemplo, registra que:

Antes de cumprir dez anos, uma menina conhece perfeitamente bem o valor dos homens como maridos e o que é o flerte, gracejará com suas irmãs a respeito



deste ou daquele rapaz e se dará conta muito bem de que seu próprio objetivo na vida é assegurar-se um homem. Quando estiver com catorze anos ela saberá tudo a respeito das coisas que se supõe que uma inglesa não saberá até que esteja casada.

As palavras de Frances revelam que a fase da adolescência era quase desconhecida mesmo para as brasileiras do fim do século XIX, que passavam do brevíssimo interregno da infância à maternidade. Essa impressão é corroborada pelo comentário de um missionário que viveu no Brasil no princípio do século XX, transcrito por Tânia Quintaneiro (1996, p. 111).

Segundo esse registro, a idade prematura com que as moças se casavam refletia-se tanto nos repetidos malogros que ocorriam ao darem à luz quanto no fato de elas se tornarem velhas e inválidas antes dos vinte e cinco anos, praticamente incapazes de criar uma família, sendo a mortalidade infantil consequentemente alta.

Aliás, não foi apenas a nubilidadade temporã das mocinhas brancas que chamou a atenção dos viajantes estrangeiros que por aqui passaram, mas também o fato de que a idade delas contrastava com a de seus pares, “com frequência homens quase senis”. Seus comentários a respeito desse fenômeno são inúmeros e refletem, invariavelmente, surpresa e indignação.

O norte-americano Walter Colton (1850, p. 108, citado por Quintaneiro, 1996, p. 106), que visitou o Rio de Janeiro em meados do século XIX, por exemplo, comenta alarmado:

Uma brasileira me foi indicada hoje que tem doze anos de idade e dois filhos que estavam fazendo traquinagens a redor de seus pés. Ela casou-se aos dez anos com um rico negociante de sessenta e cinco, uma violeta primaveril presa numa crespa rajada de neve. Mas as damas aqui casam-se extremamente jovens. Elas mal se ocuparam com seus bebês fictícios, quando têm os sorrisos e as lágrimas dos reais.⁷

⁷ Também no Rio Grande do Sul era comum, no século XIX, atribuir o “status de mulher” a meninas com menos de 12 anos de idade. Na edição de 16 de dezembro de 1837 (p. 1-2), o redator d’*O Artilheiro*, além de responsabilizar as uniões por interesse (de moças de 16 a 20 anos com velhos caducos ou rapazolas com velhas rançosas,



Não foi à toa que os viajantes, acostumados ao padrão estético e físico que exigiam de suas conterrâneas, segundo Quintaneiro (1996, p. 189 e 195), viam “com desagrado a figura frouxa da brasileira, liberta de barbatanas compressoras, quase indecentemente desalinhada, logo após a primeira juventude”. Cheias e arredondadas quando mocinhas, ao chegarem aos trinta anos já eram matronas corpulentas, incapazes de exercer qualquer fascínio sobre os nossos visitantes.⁸

Arsène Isabelle (1983, p. 56-69), viajante francês que, entre 1833 e 1834, teve a oportunidade de conhecer Porto Alegre (um dos cerca de vinte municípios que até meados do século XIX compunham a Província do Rio Grande do Sul), mais que com o isolamento e a rusticidade dessa pequena Capital, mostrou-se surpreso com a situação das mulheres que ali viviam, com as condições a que eram submetidas por seus homens, fossem esses pais, maridos, tutores ou irmãos, privando-as do convívio social e da instrução.

Isabelle revela a tirania e severidade que não permitiam a estranhos, como ele próprio, a aproximação dessas mulheres e o fato das mesmas serem condenadas a permanecer em casa, longe dos olhos alheios, ousando apenas observar furtivamente o movimento da rua, “entrincheiradas” nos para-peitos ou sacadas de suas residências.

Segundo Tânia Quintaneiro (1996, p. 33), o costume de esconder as mulheres da vista dos forasteiros era comum em todo País e a todas as classes: “se a sociabilidade dos brasilei-

ocorrendo estes últimos com mais frequência) por tantos casamentos infelizes ou mesmo divórcios, critica o fato de os pais ensinarem com quem casar a crianças que mal sabem falar. O redator observa que a criança cresce com malícia e a menina aos 12 anos, mal aparecendo alguém que lhe fale em casamento, já está presa. O pior, segundo ele, é o número de casais que ainda cheiram a leite, sem meio de vida, que logo se aborrecem, brigam e se separam. Na edição de 24 de novembro de 1837 (p. 1-2), *O Artilheiro* chamou a atenção para a fome e a miséria, que facilitavam a entrada de conquistadores nas casas de famílias em que havia moças, e criticou a moralidade do século, que permitia homens depravados se aproveitarem da miséria provocada pelo sítio de Porto Alegre, pelos rebeldes, seduzindo as mulheres, já que os chefes de família, conhecendo a fama destes indivíduos, deixavam que eles entrassem em suas casas e as moças não ignoravam o infortúnio das iludidas.

⁸ Desse juízo escaparam as mulheres negras, cuja beleza era quase uma unanimidade entre os estrangeiros que a descreveram.



ros já se mostrava pouco porosa à aceitação dos elementos estranhos, a parte feminina das famílias era quase inteiramente vedada à observação”. Ainda segundo a mesma autora (Idem, p. 41), “emparedadas, privadas do relacionamento livre com o mundo”, no Brasil “as mulheres mostravam-se tímidas e ariscas, oprimidas pelo dever de preservar sua honra e, por extensão, a de seus guardiões. E aí daquelas que se recusassem a obedecer a pais e maridos!... Os recolhimentos dos conventos mantinham sempre as portas abertas para quem tivesse desafiado o interdito”.

De acordo com o registro de alguns dos viajantes, devido ao isolamento e à conseqüente falta de contatos com pessoas que não fossem da família, muitas vezes compartilhando unicamente “a presença embrutecedora do escravo”, ao ser abordada pelo forasteiro, a mulher raramente era capaz de sustentar uma conversação. Nessas ocasiões, a mulher “reagia timidamente, ria desajeitada, ocultava-se, expressando assim, pelo menos à primeira vista, sua ignorância e inexperiência no trato social”.⁹

Essa dificuldade da mulher em manter uma conversação com os forasteiros ou desconhecidos não era só da mulher gaúcha. Tânia Quintaneiro (1996, p. 42-3) explica que esse era o comportamento condizente com a imagem de honradez e

⁹ No drama *Estrelas e diamantes* (1874), do gaúcho João da Cunha Lobo Barreto, a incapacidade da mulher de “sustentar uma conversação” é motivo de crítica. Vindo do Rio de Janeiro, o Dr. Sempronio não perde oportunidade de fazer os porto-alegrenses perceberem o atraso em que vivem. É o que ocorre, por exemplo, no seguinte diálogo que mantém com Arnaldo: “Esta sua terra, senhor Arnaldo, é bastante insípida, não há uma única distração. (...) Além da monotonia de todos os dias, não vi ainda por aqui uma beleza, são todas as moças vulgares, não entretém uma conversação... poucas dizem quatro palavras sem dois erros gramaticais” (Ato I, Cena VI, p. 42). Essa mesma queixa já aparecera num texto intitulado “Educação feminina: suas vantagens para o Brasil”, publicado n’*O Guaíba*, de 12 de outubro de 1856 (ano I, nº 11, p. 78): “Quando nossas jovens patricias possuírem, além do que é necessário a seu sexo, ideias claras de gramática, e rudimentos das ciências e artes mais necessárias, estarão colocadas, quando mães, na posição que nos deve trazer tantos benefícios. Ensinarão seus filhos a falar a nossa rica língua, sem esses erros, esses vícios, que carecem depois de tão grandes esforços para se corrigir”. Também a culpa pela difusão dos erros gramaticais e vícios de linguagem é atribuída à mulher, porque ela não emprega os esforços necessários “para enfraquecer essa influência nociva que os escravos exercem, entre nós, sobre a infância”.



decência femininas que vigorou durante um longo tempo no Brasil, quando “respeitável” era sinônimo de “recatada” e “normas não explícitas determinavam os momentos e os locais propícios, assim como as exigências de idade e estado civil para que as mulheres pudessem comparecer diante de estranhos”.

Alguns viajantes relatam que das solteiras esperava-se um comportamento bem mais retraído que das casadas. Durante a primeira metade do século XIX, em raras ocasiões elas saíam para uma visita, porém nunca desacompanhadas.

Segundo Tânia Quintaneiro (1996, p. 70), “as mulheres saíam de casa quase que exclusivamente em dois momentos: de manhã cedo ou à noite, veladas por capas de sarja negra, indo ou voltando da missa ou da confissão”, sempre acompanhadas por algum criado ou alguém da família, ou, então, “nos domingos e feriados religiosos, acompanhadas por todos os membros da família e pelos escravos domésticos”. No dia a dia, as ruas permaneceram fechadas ao trânsito de mulheres sozinhas durante quase todo o século, “a tal ponto que, se uma dama era encontrada exclusivamente a passeio, podia se inferir que provavelmente não se tratava de brasileira e ‘se ela estava usando chapéu podia-se afirmar com certeza que não o era”.

Excursionando por estas bandas entre 1820-1821 – antes, portanto, que Arsène Isabelle –, o francês Auguste de Saint-Hilaire, ainda que revele que as mulheres gaúchas ignoravam os encantos da sociedade e os prazeres da boa conversação, estando a uma infinita distância das europeias, não confirma a impressão de Isabelle, no tocante à “tirania e severidade que não permitia seu contato com estranhos” e ao “fato das (sic) mesmas serem condenadas a permanecer em casa, longe dos olhos alheios, ousando apenas observar furtivamente o movimento da rua, ‘entrincheiradas’ nos parapeitos ou sacadas de suas residências”.

Numa visão mais parecida com a de Joseph Hormeyer, viajante que escreveu sobre a Porto Alegre de 1850¹⁰, não pas-

¹⁰ Joseph Hormeyer (1986, p. 25-79) destaca o crescimento populacional da cidade após o término da revolução farroupilha e acrescenta à percepção anterior de Isabelle a divisão das mulheres porto-alegrenses em três tipos: a escrava (que exercia as tarefas de lavadeira, vendedora de frutas ou assemelhados, que trabalhava descalça e com



sou despercebido para Saint-Hilaire o desembaraço e a naturalidade das mulheres do Rio Grande do Sul, no trato com as pessoas do sexo oposto. O fato de que o pioneiro, entre nós, “foi um soldado sem dia de folga”, fez com que a mulher gaúcha se diferenciasse do modelo de outras regiões mais velhas do País, onde se radicou profundamente a concepção de vida da sociedade quinhentista: aqui, ela não serviu apenas para enfeitar o lar.

De acordo com Guilhermino Cesar (1994, p. 92), “enquanto o marido guerreava, a gaúcha cuidava da educação da prole, representava o ausente em seus negócios, punha, dispunha, sem temer a masculinização temporária”. Seja por ter participado do processo econômico com a decisão que sabemos; seja por ter se formado num regime de trabalho menos escravocrata que o de outras regiões do País (o que fez com que, na Província sulina, se formasse uma sociedade não tão marcada pelo aviltamento do trabalho), ou mesmo por outras razões, o fato é que a mulher rio-grandense caminhou muito cedo para o magistério, as profissões liberais, a imprensa e o livro.

As primeiras intelectuais a publicarem livros no Brasil, segundo Hilda Agnes Hübner Flores (1999, p. 67-68), são do Rio Grande do Sul. Vale destacar que isso aconteceu antes mesmo que o Romantismo fosse “oficialmente” introduzido no País.¹¹ Com um opúsculo de oito páginas, intitulado *Versos*

a permissão de seu dono com a condição de lhe entregar ao final de cada tarde uma pataca), as morenas livres, por vezes designadas de “chinas” (“que dotadas de pouca ou nenhuma formação, fazem de seus encantos um comércio mais ou menos decente”) e as mulheres brancas e de pequena mescla, o tipo mais detidamente caracterizado pelo viajante. Segundo Hormeyer (1986 p. 65), as mulheres dessa classe “são bonitas, inteligentes, amáveis e bondosas, donas de casa fiéis e econômicas; mas não se deve exigir delas (...) conhecimentos de economia doméstica, já que o brasileiro dispensa sua esposa, em respeito a seu sexo, de tais afazeres”.

¹¹ Segundo Alfredo Bosi (1984, p. 174), no ano de 1836, Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre, “em contato com a cultura francesa, introduziram no Brasil uma forma passadista ou eclética de Romantismo”. São daquele ano três obras importantes da nossa literatura: o famoso *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*, de Magalhães, publicado no primeiro número da revista *Niterói*, editada em Paris (no qual constavam os principais pontos que iriam constituir a revolução romântica no Brasil);



heroicos (dedicados à aclamação de D. Pedro I e dado a lume na Imprensa Régia, em 1823), Maria Clemência da Silveira Sampaio se tornou a primeira mulher escritora no Brasil.

Já a primeira pessoa a publicar livro de versos nesta Província foi a ceguinha de Rio Grande, Delfina Benigna da Cunha – “mulher decidida e com ideias próprias”, na definição de Guilhermino Cesar (1994, p. 92), que “poetou furiosamente contra Bento Gonçalves e seus companheiros da República Rio-grandense”. Suas *Poesias oferecidas às senhoras Rio-grandenses* foram publicadas pela Tipografia de Fonseca & Cia., de Porto Alegre, em 1834.

Antes do início do período farroupilha, ainda outra mulher se destacou nas letras gaúchas, segundo Hilda Flores (2000, p. 170): a poetisa Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, com o jornal *Belona irada contra os sectários de Momo* (1833-34), em Porto Alegre. Legalista como todas as intelectuais da época, Maria Josefa foi a primeira mulher proprietária e redatora de jornal no Brasil.¹²

Aqui, poder-se-ia fazer alguns questionamentos, tais como: o que levou a mulher gaúcha a descobrir a poesia e o jornalismo logo após a Independência e o drama somente no penúltimo ano do Império, fazendo com que o campo do drama e do teatro fosse de domínio exclusivo do sexo masculino, por mais de meio século?¹³ Por que razão as mulheres sócias ou colaboradoras do Partenon Literário não recorreram ao uso do gênero dramático para fazer a defesa de sua causa?¹⁴

Suspiros poéticos e saudades, do mesmo autor; e as primeiras *Brasílianas*, do gaúcho Araújo Porto Alegre.

¹² Além dessas três mulheres, há que se mencionar ainda a nordestina Nísia Floresta Brasileira Augusta, que, em 1833, publicou, em Porto Alegre, a segunda edição de *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, “tradução feminista em que ela questiona as limitações que o homem impõe ao ‘sexo frágil’, embasado na ‘tese científica’ de que a caixa craniana menor comprova a inferioridade da inteligência feminina” (FLORES, 2000, p. 168-69).

¹³ O primeiro texto teatral, *O político, e liberal, por especulação*, escrito por “Hum Militar Avulso”, remonta ao ano que Delfina Benigna da Cunha publicou o primeiro livro de poesias no Rio Grande do Sul (1834), tendo sido publicado pela mesma editora.

¹⁴ Segundo Viviane Schitz (2002, p. 44), de um total de dezoito textos publicados por mulheres na *Revista Mensal*, no período de 1869-1879, doze pertencem ao gênero



Se atentarmos para o contexto social em que se encontravam inseridas nossas primeiras intelectuais, seus feitos assumem contornos de façanha. Alguns dos cerca de 40 jornais surgidos no advento e no decorrer do período farroupilha confirmam, de certa forma, as impressões registradas pelos viajantes estrangeiros, que por aqui passaram e pintam o retrato de uma sociedade que não só negava à mulher o direito à instrução, mas também o culto à beleza.¹⁵

Impedida de prestar culto ao espírito e ao corpo, à mulher gaúcha (a exemplo da brasileira) só restava um caminho: o casamento. A Igreja e os poucos padres que aqui se ocupavam, no período farroupilha, da instrução religiosa, adotaram os valores hebraicos sobre procriação e casamento – ou seja, a castidade como ideal de comportamento e a criação como benção do matrimônio. Quanto mais filhos, mais o casal seria abençoado por Deus.

Acostumados às guerras e aos trabalhos ligados à vida do campo, ainda nos anos de 1860-1870 a cultura continuava sendo um artigo de luxo entre os habitantes da Província do Rio Grande do Sul. Se os homens pouco ou nada se dedicavam à

poesia. Na sua totalidade, esses textos exploram os temas próprios do Romantismo, ou seja, o sonho, a natureza para expressão do eu, a melancolia, a solidão, a esperança, a saudade, a tristeza, a morte, dentre outros.

¹⁵ O jornal *O Artilheiro*, da Capital, em sua edição de 5 de agosto de 1837 (p. 4-5), por exemplo, satirizou os gastos de um pai ou marido para manter a filha ou a esposa na moda. Condenou, principalmente, a mulher casada que se enfeitava para agradar os outros, fazendo do marido um toleirão. A mulher casada devia cuidar do marido e dos filhos, evitando perda de tempo na janela e em frente do toucador. O jornal *O Povo*, de Piratini, de 2 de janeiro de 1839, publicou uma carta, de autor anônimo, com o objetivo de criticar o propósito da educação de tornar a mulher bela para os homens. Segundo o articulista, infelizmente a educação viciosa fez com que as mulheres se ocupassem mais de frivolidades, buscando apenas um destino: seduzir os homens. Se as mulheres atendessem sua verdadeira vocação social e compreendessem a missão que lhes fôra confiada por Deus, poderiam derramar bens imensos sobre a humanidade. Seria benéfico que as mulheres, além de atinar melhor suas obrigações sociais (leia-se fiar os fios para os hospitais da República e costurar os fardamentos para as tropas republicanas), aformoseassem a alma com todas as virtudes; que cultivassem o próprio gênio; que dessem continuados exemplos de boas e honestas ações; que seus sentimentos respirassem bondade, suas palavras a candura, seu traje o pudor. Também o jornal *O Povo*, de Caçapava, publicou, em sua edição de 11 de janeiro de 1840 (p. 2), uma série de máximas sobre a mulher, boa mãe de família.



literatura ou a outras manifestações culturais, o que dizer das mulheres, cuja situação era ainda mais restrita, em função do papel secundário que lhes era atribuído na sociedade gaúcha.

Tal situação só viria a se modificar em fins da década de 1870, com o surgimento da Sociedade Partenon Literário, que concedeu um lugar especial à mulher. Segundo Viviane Schitz (2002, p. 85), “se algumas mulheres escreveram antes do grupo do Partenon, não tiveram muita repercussão e menos ainda importaram como personagem de textos ou inspiração para versos”.

Ainda que, no Rio Grande do Sul, a questão da instrução e emancipação feminina tenha começado a ser discutida, com maior profundidade, somente após a constituição do Partenon Literário, engana-se quem pensa que a preocupação com a educação da mulher tenha se originado no seio daquela associação.

O grupo d'O Guaíba, constituído em 1856 (que tinha, entre seus integrantes ou colaboradores, duas mulheres: Maria Clemência da Silveira Sampaio e Rita Barém de Melo¹⁶), já na edição de seu periódico homônimo, de 12 de outubro de 1856 (p. 77-8), apresenta texto de duas páginas, com o seguinte título: “Educação feminina: suas vantagens para o Brasil”.

Eis o primeiro parágrafo:

Escritoras ilustres têm elevado modernamente na Europa eloquentes vozes a favor da educação de seu sexo. Essas vozes não se têm perdido nos espaços do indiferentismo; mas é sobretudo ao imenso voo da civilização europeia que se deve atribuir o cuidado que aí vai merecendo a educação feminina. Nós, porém, não iremos agora fazer coro com elas, porque não podemos compartilhar todas as suas ideias. Não iremos também defender direitos que são manifestos, ou combater os excessos à que o entusiasmo tem levado nessa parte a uma ou outra dessas escritoras como o que – preparar as mulheres para a sua emancipação –, excesso que desculpamos, porque os espíritos que têm sofrido alguma repressão, dificilmente reconhecem limites quando começam a mover-se em

¹⁶ Segundo Mauro Nicola Póvoas (2005, v. 1, p. 94).



mais liberdade, e ainda porque nelas o coração fala mais alto do que a razão. Vamos apenas examinar, ainda que resumidamente, as vantagens que da educação da mulher, levada até certo grau, pode colher o Brasil.

Na edição de 3 de outubro de 1858 (n. 35), *O Guaíba* volta a ostentar, agora à guisa de introdução, um artigo intitulado “A educação da mulher”, em que o grupo defende, novamente, a educação moral e a instrução para o sexo feminino.

Nas edições de 10 de outubro (n. 36, p. 287-8), 17 de outubro (n. 37, p. 295-6) e 7 de novembro de 1958 (n. 40, p. 319-20), d’*O Guaíba*, encontra-se publicado um “episódio contemporâneo”, chamado “Uma mulher manhosa”, cujo primeiro capítulo leva o seguinte título: “Em que a nossa heroína nos apresenta algumas teorias sobre a emancipação da mulher”. Trata-se de uma divertidíssima história, de autor anônimo, em que a mulher subjuga o marido, que conta com a solidariedade da filha.

No mais importante dos grupos culturais surgidos no século XIX, o do Partenon Literário, que por mais de dez anos difundiu suas ideias por toda Província, através da *Revista Mensal*, a luta pela educação e instrução da mulher – e sua consequente emancipação – entrou em pauta, efetivamente, com a publicação, em seu quinto número, do “Parecer sobre a tese seguinte: A influência da mulher sobre a civilização, desde os primeiros séculos até nossos dias, tem sido benéfica ou perniciosa?” (Ano 1, n. 5, julho de 1869, p. 23-5).

É possível que a erudição demonstrada pelo autor, Nicolau Vicente, na exposição do “martírio secular do sexo frágil”, tenha atiçado ou despertado o interesse de outros integrantes da associação, para a “causa feminina” – tanto que, a partir de então, o assunto passou a ser um dos mais frequentemente debatidos, não só nas páginas da *Revista Mensal*, mas também nos saraus literários organizados pela Sociedade Partenon Literário.

Na dissertação de mestrado intitulada *Presença de mulher: a produção feminina na Revista da Sociedade do Partenon Literário*, Viviane Salatti Schitz (2002) recupera a contribuição



das mulheres – “doze nomes à sombra das mais de oitenta referências masculinas”¹⁷ –, que com seus versos, crônicas, contos e discursos nos saraus da agremiação ou nas páginas da *Revista Mensal*, ajudaram o Partenon Literário a transformar e a instaurar novas ideias em nossa Província, nas décadas finais do século XIX.

Ainda que vários homens do Partenon tenham se engajado na luta pela emancipação feminina, o papel de defensor mais contumaz dessa causa coube, sem dúvida, a uma mulher: a educadora Luciana de Abreu.

Em sua conhecida “Preleção” (discurso proferido no salão do Partenon Literário, em 20 de dezembro de 1873, e publicado na *Revista Mensal*, 2ª série, 2º ano, n. 12, dezembro de 1873, p. 535-9), Luciana fez uma das primeiras e mais veementes defesas da instrução e da emancipação da mulher, de que se tem conhecimento, em nível nacional.

José Bernardino dos Santos, um dos oradores na ovação de que foi objeto Luciana de Abreu, por parte do Partenon Literário, no salão daquela Sociedade, em fevereiro de 1874 (oportunidade em que lhe foi conferida uma medalha de mérito), referiu-se a ela como “a primeira mulher que, no Brasil, calcando prejuízos arraigados, iniciou a propaganda emancipadora de seu sexo” (3º ano, fevereiro de 1874, p. 628).

A tese da primazia recebe o aval da poetisa D. Maria José Coelho (Idem, p. 645), na mesma edição, no poema “À Luciana de Abreu”: “Foste a primeira no Brasil, que ousando/ cheia de crenças desprende a voz,/ convicta e firme, sem temer tropeços.../ ecos bem santos despertaste em nós”.

Em outro discurso proferido pela educadora Luciana de Abreu, agora nas festividades do 11º aniversário do Partenon Literário (publicado na *Revista Contemporânea*, 4ª série,

¹⁷ A *Revista Mensal* contou com a colaboração de doze mulheres, sendo que apenas quatro delas eram sócias efetivas do Partenon: Amália dos Passos Figueiroa, Luciana de Abreu, Luísa de Azambuja e Revocata Heloísa de Melo. Além dessas quatro, inscreveram seus nomes junto a essa geração, firmando posições e defendendo ideias consideradas avançadas para o momento histórico em que viveram, as seguintes mulheres: Maria José Coelho, Ana Sabóia Viriato de Medeiros, Zulmira da Silveira, Cândida Isolina de Abreu, Avelina Barém, Maria Luísa Leal, Amélia de Souza e Joana Manoela Gorriti (SCHITZ, 2002, p. 14).



junho de 1879, n. 3, p. 111-3), ela convocou as mulheres ao exercício da literatura:

E vós, senhoras brasileiras, que reunis à beleza plástica uma vasta inteligência e um terno coração, não quereis que pulse ele ao amor das letras e da glória nacional? Ontem, proscritas das ciências¹⁸, e consideradas apenas meros ornatos dos salões, deu-vos o Partenon um lugar de honra no banquete do progresso. Hoje, que a voz autorizada de um Andrada se elevou no parlamento nacional em prol de vossos foros, estreai no Partenon o uso de vossos direitos.

Não se pense que todos os integrantes do Partenon Literário eram a favor da instrução e da emancipação da mulher. Na sessão “Tribuna do Partenon”, das edições da *Revista Mensal*, de setembro (3ª série, n. 3, p. 51 – 1ª parte) e outubro de 1877 (3ª série, n. 4, p. 75 – 2ª parte), por exemplo, encontra-se publicada a longa preleção do sócio Frederico E. E. Villeroy, intitulada “Missão de mulher”, em que ele confere ao sexo feminino o papel exclusivo de “esposa e mãe” (segundo ele, “essa dupla missão, que se resume na de *Mãe de família*, eis aí a missão da mulher, não prescrita pelos legisladores, mas pela natureza, contra a qual serão sempre impotentes todos os teóricos do mundo!”) e critica os defensores da emancipação da mulher, cujo “alcance de semelhante absurdo” diz não compreender, uma vez que “quebradas as cadeias que retém a mulher no lar”, “abertas as portas a todas as aspirações” e “facultadas todas as posições do homem na sociedade”, far-se-á da mulher “um segundo homem”.

Na opinião de Villeroy, ainda na mesma matéria, mil vezes feliz é a mulher que, “ao desprender-se da terra, puder, em um derradeiro sorriso, dizer em sua consciência: ‘cumpri devidamente a minha missão: fiz a felicidade de meu esposo,

¹⁸ Na sessão “Crônica”, da edição de abril de 1879 (p. 39-40), da *Revista Contemporânea*, Bernardot (possivelmente pseudônimo de Bernardino José dos Santos) dá parabéns às mulheres, por já não precisarem “ir à outra América, a terra da liberdade – buscar os lauréis da ciência”. Numa consulta de um Conselheiro da Província de São Paulo ao Sr. Ministro do Império, “a respeito da admissão da mulher em nossas academias de medicina”, o Ministro acena com um projeto, a ser brevemente aprovado pelo Parlamento nacional.



de que fui extremosa e fiel companheira; fui boa, verdadeira mãe, pois que eduquei meu filho, nos sublimes preceitos do Crucificado”.

Frederico Satamini, em texto intitulado “A mulher”, publicado na edição da *Revista Contemporânea*, de maio de 1879 (4ª série, n. 2, p. 91), segue na mesma linha, ainda que acrescente ao papel conferido à mulher, por Villeroy, uma terceira dimensão: o de filha. Diz ele: “Filha, mãe, esposa, ei-la aureolada nos padrões de faustosa missão. No recinto do lar, cenário de suas glórias, procurai-a, procurai-a sempre, e achá-la-eis abençoada: ora derramando lágrimas sobre a imagem doída de suas adorações; ora, sorrindo-se-lhe também pela serenidade, que às suas faces logra assomar”.

Arthur Rocha (possivelmente, o dramaturgo gaúcho mais representado do século XIX) também parece ter tido suas restrições às pretensões das mulheres de seu tempo. O *Álbum de Domingo*, na sua edição de 1º de dezembro de 1878 (Ano I, n. 35, p. 273), faz uma avaliação de sua preleção proferida no sarau realizado pela Sociedade Partenon Literário, no dia 23 de novembro de 1878:

Prelecionou o nosso companheiro A. Rocha. Dizer-se que Arthur subiu à tribuna das preleções do Partenon, é dizer-se: falou, brilhou e arrebatou o auditório; são esses os privilégios dos talentos fecundos.

O nosso amigo tomou para tese de sua preleção a *missão da mulher*, e a desenvolveu com todo o brilhantismo de sua inteligência e ilustração! Foi outra a face porque se nos apresentou Arthur Rocha; o conhecíamos como distinto dramaturgo, publicista e mesmo orador, onde muitas vezes nos tem demonstrado os recursos de seu esplêndido talento; porém como prelecionista foi a primeira vez que o ouvimos, e felizmente ainda o admiramos, desenvolvendo com brilhantismo a tese escolhida.

O nosso amigo não se deixou iludir com a nova propaganda da emancipação da mulher; ele a quer instruída, ilustrada no âmbito do lar, cumprindo a sagrada missão que lhe coube na partilha universal de mãe, esposa e irmã. É nessa sublime trindade que a mulher deve ser apreciada e venerada. Que seja instruída, ilustrada, mas nunca atirada ao caos da corrupção.



Já com a Sociedade Partenon Literário extinta, passa a circular, na Capital e no interior da Província, a *Revista Literária*. Nela podemos encontrar artigos que defendem a emancipação feminina, como este, sob o título de “A mulher de ontem e a mulher de hoje”, assinado por S. de Frias (Ano I, n. 6, de 13 de março de 1881, p. 46-7), que começa com uma verdadeira ameaça: “Eduque-se a mulher, ou ela será um fardo insuportável para o homem trabalhador e honesto”:

(...) A emancipação da mulher pode, deve e há de fazer-se com todo o esplendor de um cometimento útil, com todas as louçanias de uma seara abundante de flores e frutos, desde que ela puder dispor de um ofício, cargo, ciência, profissão, mister, uma ocupação qualquer que estabeleça à volta de si a autonomia, concedida a qualquer pessoa pelas leis salutaras de um trabalho honesto.

(...) Quer levar a sua influência até aos altos poderes do Estado? Agradam-lhe as lutas políticas? Não acha justa uma lei de seu país, o lançamento de um tributo, o julgamento de uma causa? Quer reformas? Quer novas leis, novos empregados, novo governo? Lance mão da sua palavra e da sua pena. Não é ela a esposa do deputado, a filha do rei, a irmã do juiz, a prima do governador, a mulher do ministro, a parente de uns, a protetora e companheira de outros?

(...) Peça instrução moral e literária, peça trabalho honesto e útil, e ela deixará de ser o alvo ignóbil de uma transação mercantil, e obterá todos os privilégios que deseja.

Ainda que, já a partir da proclamação da República, as mulheres tenham transformado sua luta pelo direito ao voto na principal bandeira do movimento pela emancipação da mulher, no Brasil, o feminismo, enquanto movimento organizado, só aparece na terceira década do século XX e se expressa, no momento inicial, exatamente naquela mesma reivindicação.¹⁹

¹⁹ “Os movimentos organizados, que tinham como objetivo a conquista do voto feminino, começaram a surgir na segunda metade do século XIX. Foi em Manchester, em 1865, que se formou o primeiro agrupamento de mulheres dispostas a lutar por esse direito. O exemplo foi logo seguido e outros movimentos começaram a brotar por toda a Inglaterra, principalmente nas cidades que eram pólos importantes de crescimento



A exemplo do que ocorreu na Revolução Francesa, a República brasileira, grande esperança das poucas mulheres que ousavam clamar por seus direitos, também se preocupou apenas com os direitos do cidadão do sexo masculino. O Partido Republicano Rio-grandense, por exemplo, com base nos (ou movido pelos) princípios do Positivismo, que reputava à família um papel e um valor fundamental por ser ela a instituição básica da sociedade, era contrário ao feminismo, às ideias de emancipação das mulheres e ao divórcio, pelos perigos que representavam à sociedade.²⁰

Ainda assim, segundo Viviane Schitz (2002, p. 28), o ideário republicano, que propunha a maior participação da sociedade nas decisões e na vida política da Província e do País, permitiu o ingresso da mulher, na vida cultural:

Os discursos femininos abrem espaço para a manifestação de um grupo até então pouco representativo e as mulheres passam a se impor e a subir em plenários. Ana Sabóia Viriato de Medeiros, Luciana de Abreu e Luísa Azambuja são os nomes femininos que fizeram de seus discursos o meio para falar dos preconceitos em relação à mulher, das causas abolicionistas, da vida guerreira, procurando libertar o homem da ignorância, do fanatismo e da escravidão.

industrial, como Londres, Birminghan e Bristol. Nessa época, a luta pelo voto esteve sempre ligada a outras questões de interesse das mulheres, como maiores oportunidades de acesso à educação, ampliação do mercado de trabalho, salários e direitos trabalhistas iguais aos dos homens e maior proteção à maternidade". Naquele país, a partir de 1920, o direito ao voto feminino foi sendo reconhecido aos poucos, "primeiro nas eleições regionais e depois para as mulheres de mais de 30 anos. Finalmente, em agosto de 1928, o Parlamento inglês outorgou o direito ao voto a todas as mulheres, em igualdade de condições com os homens" (TOSCANO & GOLDENBERG, 1992, p. 19-20). A Nova Zelândia foi o primeiro país do mundo a conferir o sufrágio à mulher (em 1893). Seguiram-se a Finlândia (1906), a Noruega (1907), a Austrália (1908) e a Dinamarca (1915) (MORAIS, 1968, p. 124). No Brasil, o direito ao voto para as mulheres, bandeira levantada por Josefina Álvares de Azevedo em 1890, somente seria conquistado em 1932.

²⁰ No jornal *A Federação*, principal órgão de divulgação do ideário republicano, o feminismo é alvo de admiração e de crítica. Inúmeros artigos informam seus avanços no mundo, mostrando simultaneamente o quanto é moderno na Europa, porém distante e pernicioso para as instituições sociais do Rio Grande do Sul. Chama atenção o fato de que *A Federação* jamais fez referência às mulheres "feministas" gaúchas, talvez porque não as reconhecesse como tal ou, então, porque quisesse negar a existência de suas ideias na Província.



Na dramaturgia gaúcha, apesar de não termos nenhuma peça engajada ou dedicada exclusivamente à causa feminina, a questão da instrução e emancipação da mulher aparece subliminarmente em vários textos. Com o drama *A adúltera* (1887), João Maia, além de manifestar seu repúdio à mulher infiel, se posiciona também, através da personagem Luciano, ferrenhamente contrário à emancipação feminina.

Os argumentos a que o autor recorre para defender sua posição ganham ainda mais força porque o embate é completamente desigual: de um lado, temos um republicano, revolucionário e intelectual (Luciano), que escreve artigos para o jornal; de outro, a defesa da causa fica por conta de uma jovem de 15 anos (Clélia), casada com um homem de 55 (o general farrapo Jorge Castelar, pai de Luciano), a quem trai e abandona, deixando para trás, inclusive, um menino de apenas um ano de idade (pelo qual, 22 anos mais tarde, se apaixonará).

Coincidentemente ou não, também no drama *Janina* (1900), de Mário de Artagão – texto que melhor reflete sobre a questão do divórcio –, quem defende a emancipação (Clara) é amante de um homem casado (Raul), a quem, depois, trai.

Janina, a heroína que dá título ao drama de Artagão, não apenas tem consciência de sua triste condição de mulher, num mundo em que as leis são feitas pelos homens e para a comodidade dos homens, que, além de acharem a infidelidade masculina uma prática normal, entendem que a função exclusiva da mulher é a de governar o lar e cuidar dos filhos.

Janina, porém, foi sempre “a mulher das extremas resoluções. No seu espírito já existe a apregoada emancipação moral de que tanto nos falamos os teóricos da propaganda feminista” (Ato II, cena I, p. 77), o que a leva, diante da comprovada infidelidade do marido, a requerer ação de divórcio, “em defesa da honra”.

Artagão conduz sua heroína à solução extrema do divórcio muito mais para mostrar às mulheres o risco e o preço a ser pago por essa “ousadia”, do que para encorajá-las a lutarem pela emancipação e, conseqüentemente, pela igualdade de tratamento e de direitos.



Não tendo a mulher, em geral, uma profissão, que tipo de vida lhe estava reservado, após o divórcio? A volta à casa dos pais, a prostituição ou uma segunda união? Janina opta pela última alternativa, levada pelo desamparo em que a deixara o ex-marido, como ela própria confessa a ele, no final: “O medo à fome... o medo de não lhe macular a honra!”.

É nisso, talvez, que reside a “inconsistência” dessa personagem: por um lado, Janina é portadora da mentalidade de uma nova mulher e de uma nova atitude; por outro, mesmo traída e relegada a uma situação de penúria financeira, é ela quem defende, com ênfase, a ideia de que, mesmo após a separação, a honra do ex-marido continua nas mãos da ex-esposa.

No drama *Adelina* (1879), de Damasceno Vieira, a personagem Paulo reafirma o papel da mulher na sociedade oitocentista: “O casamento é apenas a realização de um desejo e uma mulher que se adquire por meio da religião do Estado. A missão da esposa está admitido que é ocupar-se com os afazeres domésticos...”. Quem completa a sentença é seu amigo Alberto: “... que consiste na educação dos filhos e em cuidar da roupa branca” (Ato III, Cena X, p. 104). Como se não bastasse, atribuem, também, à mulher – mais especificamente, às mães de família –, parcela considerável de culpa pela “degradação moral da sociedade”.

São raras as peças de autores gaúchos, do século em foco, em que temos personagens que defendem a igualdade de direitos entre os sexos. *Estrelas e diamantes* (1874), de João da Cunha Lobo Barreto, a que já fizemos referência, é uma delas.

O doutor Sempronio, vindo do Rio de Janeiro, não perde oportunidade de fazer os porto-alegrenses perceberem o atraso em que vivem. É o que ocorre, por exemplo, no diálogo que mantém com Flora, sua noiva: “Vai ao Rio de Janeiro: no Passeio Público, no *Carceller*, em toda a parte as moças tomam cerveja e ninguém repara! Esta é boa! Então a mulher não deve gozar dos mesmos direitos que o homem? Ela não é de carne e osso como ele?” (Ato I, Cena XI, p. 47). Ainda na mesma cena, ele defende: “É preciso quebrar-se com estes costumes que tiveram já sua época, porém que hoje não têm lugar. A mulher está o mesmo caso que o homem (sic)... Por que não pode uma moça ser doutora, negociante?...” (p. 48).



No ensaio *Resgate da dramaturgia feminina brasileira do século XIX* (1996, p. 124-127)²¹, Valéria Andrade Souto-Maior informa que um levantamento preliminar lhe permitiu “reunir mais de trinta nomes de mulheres que escreveram para o teatro no Brasil, entre fins do século XVIII e inícios do XX”, cuja dramaturgia ela se propõe resgatar. Mais adiante, abandonando o critério da produção, diz que seu “Índice”, “atualmente, registra cinquenta e três dramaturgas”, nascidas até fins do século XIX (quatro delas, no século XVIII). Dessas, nove seriam gaúchas. Nem todas, porém, escreveram peças no Oitocentos.

Segundo Souto-Maior (1996, p. 27), o “Índice” por ela elaborado informa “quais foram as principais atividades exercidas profissionalmente por essas mulheres, dentro ou fora do campo literário. (...) Além da atividade comum a todos, na área da dramaturgia, a maioria exerceu o magistério”. Muitas delas atuavam também em várias outras atividades.

Como exemplo, ela cita as gaúchas Andradina de Oliveira e Aplecina do Carmo. A primeira foi professora, contista, romancista, poetisa, jornalista, conferencista e biógrafa. A segunda, foi poetisa e tradutora, tendo atuado também nas artes plásticas, como desenhista e pintora.

De acordo com os dados que conseguimos apurar, a primeira mulher gaúcha a escrever uma peça teatral foi Maria da Cunha²², que, em 1887, publicou, de uma só vez, um drama e uma comédia: *Uma lágrima derramada* ou *O ramo de violetas* e *A flor do deserto*, respectivamente. A mesma autora viria a publicar um segundo drama, em 1889: *Edméia*.²³

No seu rastro – e já em tempos de República –, viria Andradina de Oliveira²⁴, com os dramas *Viúva e virgem*, *Berço*

²¹ Esse ensaio resume a dissertação de Mestrado desenvolvida por Valéria Andrade Souto-Maior, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1996. No mesmo ano, o estudo seria publicado, em Florianópolis, com o título de *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*.

²² Maria Clara da Cunha [Santos]. Pelotas, RS, 18 de novembro de 1866 - ? (MARTINS, 1978, p. 527).

²³ Vide informações acerca da dramaturgia de Maria da Cunha na sessão “Notas sobre as autoras”.

²⁴ Andradina América de Andrade e Oliveira. Porto Alegre, RS, 12 de junho de 1878 – São Paulo, SP, 19 de junho de 1935 (SOUSA, 1960, p. 382). Para Hilda Flores (2000, p.



vazio e *O sacrifício de Laura*, todos de 1891. Em 1899, essa autora escreveria ainda a comédia *Você me conhece* e, já no século XX, o drama histórico *Antônio Conselheiro* (1902).²⁵

Outras três mulheres escreveriam seus nomes na história de nossa literatura dramática, no século XIX: as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro²⁶ – as duas produziram, em parceria, os dramas *Coração de mãe* (1893), *Mário* e *Grinalda de noiva* (ambos sem data); a segunda escreveria ainda, individualmente, os dramas *Noivado no céu* (1899) e *O segredo de Marcial* (sem data)²⁷; e Anna Aurora do

177): Porto Alegre, 1858 – São Paulo, 1935. Dramaturga e professora, fundou o semanário *O Ecrínio* e publicou *Folhas mortas* (poesia); *Preludiando* e *Contos de Natal* (contos); *O perdão*, *Consuelo*/1915 e *O abismo* (romances); *Cruz de pérolas*/1890 (memória ao filho); *Pensamentos*/1904; *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*/1907 (biografias); e *O divórcio?*/1912 (contestação feminina às injunções de maridos bêbedos ou prepotentes).

²⁵ COUTINHO & SOUSA (2001, p. 1180), SILVA (1938, p. 178) e SOUSA (1960, p. 382) apenas fazem referência aos dramas *Viúva e virgem*, *Berço vazio* e *O sacrifício de Laura*, de 1891. FLORES (2000, p. 178), mesmo sem fornecer dados sobre a edição, informa que os mesmos foram publicados. A comédia *Você me conhece* (que também aparece em algumas bibliografias como *Você me conhece?*) foi encenada em Rio Grande, em 1899. O drama histórico *Antônio Conselheiro*, inspirado no episódio de Canudos, foi estreado por amadores do Centro Artístico “Furtado Coelho”, em Porto Alegre, no dia 12 de novembro de 1902 (HESSEL, 1999, p. 41; COUTINHO & SOUSA, 2001, p. 180; MARTINS, 1978, p. 401; e VILLAS-BÔAS & MARTINS, 1968, p. 344).

²⁶ “As irmãs Revocata Heloísa de Melo (Porto Alegre, 1858? – Rio Grande, 1945) e Julieta de Melo Monteiro (Porto Alegre, 1863 – Rio Grande, 1928) foram dramaturgas, poetisas, professoras e redatoras-proprietárias do *Corimbo* (Rio Grande, 1883-1943). Literárias em sua essência, procuraram ficar alheias a fatos histórico-políticos como a abolição, a proclamação da república (fiéis lusitanas, as Melo eram conservadoras), a Revolução de 1893 (poesias laudatórias aos chefes rebeldes), a I Guerra Mundial, a Revolução de 1923 (louvações aos chefes revolucionários de 1893: Joca Tavares, Silveira Martins e Saldanha da Gama); na Revolução de 1930, Julieta era falecida e Revocata assina um artigo getulista. Ausentes informações sobre a lei eleitoral que em 1932 concedeu voto à mulher, sobre a Constituinte de 1934 e o Estado Novo de 1937. Dentro do castilhismo, embora lecionando e vendendo assinaturas do *Corimbo*, as irmãs Melo pregavam a necessidade de instrução primária (e mais tarde ginásial) não como meio profissional, mas como forma de preparar a mulher a ser boa mãe e boa esposa” (FLORES, 2000, p. 178).

²⁷ O drama *Coração de mãe* foi encenado pelo Grêmio Dramático Damasceno Vieira, de Triunfo, no biênio 1910-1911 (HESSEL, 1999, p. 172) e publicado em Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-grandense, 1893, 40 p. Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras – 1711-2001* (São Paulo: Escrituras, 2002, p. 565) informa que *Mário* foi igualmente publicado, em Rio Grande, juntamente com outro (*Gri-*



Amaral Lisboa²⁸, que, no século XIX, escreveu e publicou três dramas: *A calúnia*, *A culpa dos pais* e *As vítimas do jogo*, todos de 1896. No século seguinte, acrescentaria a essa produção mais um drama (*Pela pátria*, 1901), uma cena dramática (*Pedro e Antônio* ou *Não saber ler*, 1916) e uma comédia (*Quem tudo quer...*, sem data).²⁹

Considerando apenas a produção datada, essas cinco mulheres produziram, juntas, entre 1887 e 1900, um total de 12 peças teatrais (11 dramas e uma comédia), das quais chegaram à publicação as de Maria da Cunha e Anna Aurora do Amaral Lisboa (três de cada), tendo sido localizadas, para exame e reprodução, apenas duas das peças da primeira e as três de Anna Aurora do Amaral Lisboa.

Até prova em contrário, além de lhe caber a primazia em nossa literatura dramática feminina, Maria da Cunha foi a única mulher gaúcha a escrever peças teatrais no período imperial. A importância de sua obra, no entanto, não vai além disso.

Ao contrário da primeira gaúcha a publicar um livro de poesias, Delfina Benigna da Cunha, que “teve em política atitudes viris”, no dizer de Guilhermino Cesar (1994, p. 92), Maria da Cunha, sem haver tomado conhecimento do realismo literário em voga, já há alguns anos, com seus textos impregnadas de um romantismo exacerbado, contribuiu para nossa literatura dramática apenas com algumas “flores e lágrimas derramadas”.

O mesmo não se pode dizer de Anna Aurora do Amaral Lisboa: mais realista, é a única dentre os dramaturgos gaúchos

nalda de noiva). O drama em verso *Noivado no céu* foi representado em 1899, pelo Centro Artístico Furtado Coelho (DAMASCENO, 1956, p. 310). A peça aparece ora como *Noivado no céu* (SOUSA, 1960, p. 364); ora, *Noivado do céu* (COUTINHO & SOUSA, 2001, p. 1099; e DAMASCENO, 1975, p. 43). O drama *O segredo de Marcial* é citado por CESAR (1956, p. 294) e COUTINHO & SOUSA (2001, p. 1099).

²⁸ Ana Aurora do Amaral Lisboa (Rio Pardo, 1860 – Rio Pardo, 1951). Professora estadual concursada e depois com colégio próprio, dramaturga, feminista e política, reagiu à prisão de seus irmãos. Processada, fez sua defesa no jornal *O Patriota* de Rio Pardo. Absolvida, seu primeiro livro, *Minha defesa*, é uma crítica ao promotor. Além de teatro escolar, escreveu *Preitos à liberdade*, poesias laudatórias aos chefes federalistas e de crítica à autoridade constituída (FLORES, 2000, p. 172).

²⁹ Vide informações acerca da dramaturgia de Anna Aurora do Amaral Lisboa em “Notas sobre as autoras”.



do século XIX a se enquadrar no Naturalismo – movimento literário inaugurado, no Brasil, por Aluísio de Azevedo, com o romance *O mulato*, em 1881. Em *A culpa dos pais* (1896), a questão da hereditariedade é fortemente realçada, com uma filha repetindo a história e o trágico destino da mãe. Em *As vítimas do jogo*, do mesmo ano, o marido de Luciana repete a história de seu pai.

Se *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, se caracteriza, sobretudo, pelo ataque ao provincianismo, ao clero e ao preconceito racial, as críticas de Anna Aurora do Amaral Lisboa voltam-se, essencialmente, à hipocrisia social – especialmente, à do sexo masculino, que faz de tudo para levar as moças de família a darem o “mau passo” e depois concorda com a exclusão das mesmas do convívio social.

O Dr. Lauro, personagem de *A culpa dos pais*, por exemplo, não permite que seu filho Artur desposse Cecília, pois isso o desonraria, já que ela é filha de uma prostituta. No entanto, aconselha o filho a tomá-la como amante (no fim do drama se ficará sabendo que quem “perdeu” a mãe de Cecília foi o próprio Dr. Lauro e que – triste ironia do destino! – Cecília é sua filha). O apaixonado Artur, não se conformando com a hipocrisia do pai e da sociedade, reage com estas palavras:

A sociedade é injusta e cruel: não vê na mulher que cai senão uma réproba, nunca uma vítima! Entretanto, recebe de braços abertos, nos seus salões, na intimidade sagrada do lar, o homem bastante infame que foi arrancar do lar uma donzela honesta, para arrojá-la, sem remorsos, na voragem da perdição! A sociedade não ignora esses fatos e cobre de baldões a vítima, glorificando o culpado, e, não contente com essa injustiça, aponta com o dedo a filha da vítima e fulmina-a com esta sentença: – “Eu te condeno à desgraça e à vergonha, porque sobre ti recai a culpa de tua mãe!” (Ato II, Cena I, p. 17).

Segundo Valéria Andrade Souto-Maior (1996, p. 125-6), apesar de reivindicar o perdão para a mulher perdida, “nos casos em que ela é antes vítima de uma sociedade injusta e preconceituosa e não culpada”, essa peça, com o final trágico



da protagonista, “explicita a punição à sociedade causadora de tantas desgraças, mas deixa entrever também uma certa condenação à mulher que, seja como for, ultrapassou os limites da moralidade”.

Na opinião de Hilda Flores (2000, p. 165), apesar de as mulheres terem estado sempre presentes, tanto na formação do Brasil como do Rio Grande do Sul, “só no século XX, com os avanços dos meios de comunicação social e da tecnologia nota-se mudança mais efetiva, com o acesso da mulher ao estudo superior e seu ingresso no mercado de trabalho”.

Ainda que, a partir das primeiras décadas do século XX, a mulher tenha conquistado, de forma gradativa, espaço em vários setores da sociedade, no campo da dramaturgia sua atuação, surpreendentemente, se manteve no mesmo nível, pelo menos até a metade daquele século.³⁰

³⁰ Informações sobre as autoras dramáticas gaúchas, da primeira metade do século XX, e sua produção, podem ser encontradas em nossa tese de Doutorado (*A literatura dramática do Rio Grande do Sul – de 1900 a 1950*, PPGI da PUCRS, 2007).



NOTAS SOBRE AS AUTORAS

1. MARIA DA CUNHA

Segundo Ari Martins (1978, p. 527), Maria Clara da Cunha [Santos] nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 18 de novembro de 1866. Ignora-se o local e a data de sua morte. Sua obra dramática, toda ela publicada, é composta pelas seguintes peças:

1) *Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas*, drama em três atos, 1887. Publicado juntamente com a comédia *A flor do deserto*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas de A Federação, 1887. Pedro Leite Villas-Bôas e Ari Martins (1968, p. 10) informam sobre a existência de um exemplar da edição na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande, junto à qual obtivemos cópia.

2) *A flor do deserto*, comédia em um ato, 1887. Vide informação acerca da publicação na peça anterior.

3) *Edméia*, drama, 1889. Segundo Villas-Bôas e Martins (1968, p. 10), a peça foi publicada em Porto Alegre: Tipografia de "O Mercantil", 1889.

2. ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA

Anna Aurora do Amaral Lisboa nasceu em Rio Pardo, RS, em 24 de setembro de 1860, vindo a falecer na mesma cidade, em 22 de março de 1951, com 91 anos de idade. Filha de Joaquim Pedro da Silva Lisboa e de D. Maria Carlota do Amaral Sarmento Mena, fez os estudos primários em escolas de Rio Pardo e, com o consentimento do pai, saiu de casa para estudar em Porto Alegre, formando-se em 1881, na Escola Normal da Província de São Pedro, com láurea, tendo obtido o prêmio Nota Distinção, por mérito. Depois de formada e concursada, lecionou no distrito de Couto, perto de Rio Pardo, por quatro anos. Promovida, passou a ensinar em Rio Pardo, de onde seria transferida para Vila Rica (hoje, Júlio de Castilhos), contra a sua vontade e nitidamente por perseguição política, coisa muito comum naquela época (no período que se seguiu à



proclamação da República, os seus irmãos mais velhos se envolveram em manifestações políticas contra o presidente Júlio de Castilhos, sofrendo Anna Aurora uma espécie de punição por tabela). Inconformada com a transferência, pediu demissão do ensino público. Com a ajuda da irmã Zamira, fundou na vila de Rio Pardo o “Colégio Amaral Lisboa”. E passou a encarar sua missão como um verdadeiro apostolado, a ponto de optar por permanecer solteira: uma forma de dedicação exclusiva às suas obrigações de educadora. Apesar disso, além de professora, foi jornalista, poetisa, teatróloga e propagandista da Abolição.³¹

Sua obra dramática é composta pelas seguintes peças:

1) *A culpa dos pais*, drama em três atos, 1896. Publicado no jornal A Reforma (14 de novembro a 30 de novembro de 1898). Para Afrânio Coutinho & J. Galante de Sousa, a peça, que foi representada em Taquari, RS, entre 1891/1905 (Hessel, 1999, p. 161), aparece como sendo de 1902, ano em que voltou a ser publicada, agora em livro (Porto Alegre: Tipografia da Livraria Americana). O drama mereceu uma terceira publicação, desta vez juntamente com *As vítimas do jogo*, *A calúnia*, *Pela pátria*, *Quem tudo quer...* e *Pedro e Antônio ou Não saber ler*, em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (em cuja apresentação consta que, a exemplo de *As vítimas do jogo* e *A calúnia*, essa peça foi submetida à apreciação de um crítico, em 1896). O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar dessa edição.

2) *As vítimas do jogo*, drama em três atos, 1896. Publicado no jornal A Reforma (29 de janeiro a 12 de fevereiro de

³¹ A bibliografia sobre esta autora é bastante ampla. Trataram de sua vida e obra, entre outros: FLORES, Hilda Agnes Hübner. A grande mestra. *Presença literária*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993, p. 39-44; _____. Ana Aurora do Amaral Lisboa. *Vidas e costumes*. Porto Alegre: Nova Dimensão; Martins, 1994, p. 143-54; SPALDING, Walter. *A grande mestra*. Porto Alegre: Sulina, 1953; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetisas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: 1956, v. 1, p. 685-7; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, IEL, 1978, p. 316; MAIA, João. “Poetisas rio-grandenses”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 3º trim. 1932; REVERBEL, Carlos. Feminista desde o século passado. Entrevista com D. Ana Aurora do Amara Lisboa. Porto Alegre, *Folha da Tarde*, 11 de fev. de 1943; VELLINHO, Moysés. Resgate de uma dívida. Porto Alegre, *Diário de Notícias*, 20 set. 1944.



1900). Voltou a ser editado em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (vide informação mais detalhada em *A culpa dos pais*). Vide análise da peça em Antenor Fischer (2007, p. 50), em cuja obra a peça foi considerada como sendo de 1900 (ano da primeira publicação).

3) *A calúnia*, drama em três atos, 1896. Publicado em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (vide informação mais detalhada em *A culpa dos pais*).

4) *Pela pátria*, drama em dois atos, com prólogo e epílogo, 1901. Publicado em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (vide informação mais detalhada em *A culpa dos pais*).

5) *Pedro e Antônio* ou *Não saber ler*, cena dramática, 1916. 1ª ed. Santa Maria: Oficina da Livraria Globo, 1916, 4 p. Representada em Rio Pardo, no mesmo ano (Villas-Bôas, 1978, p. 276). A cena foi republicada em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (vide informação mais detalhada em *A culpa dos pais*).

6) *Quem tudo quer...*, comédia em um ato, sem data. Publicada em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (vide informação mais detalhada em *A culpa dos pais*).

Além dessas peças, segundo consta no verbete “Ana Aurora do Amaral Lisboa”, organizado por Zahidé L. Muzart, na Internet, essa autora publicou ainda, para o teatro, a obra *Festinhas escolares*. Comédias, diálogos, monólogos. Petrópolis: Centro da Boa Imprensa, 1924.





UMA LÁGRIMA
DERRAMADA
OU
O RAMO DE
VIOLETAS

*Drama em três atos
Original brasileiro de
Maria da Cunha*

PORTO ALEGRE
Oficinas Tipográficas da Federação

1887³²

³² O drama *Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas*, que não consta ter sido alguma vez representado, foi publicado juntamente com a comédia em um ato *A flor do deserto*. O único exemplar localizado encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande.



PERSONAGENS

SÉRGIO
ARMANDO
BARÃO DE ALMEDINA
OTÁVIO
ALFREDO
LINDOLFO
SILVA
ARTUR
MARIA
JÚLIA, menina de nove anos.
MÃE DE MARIA
EVA, criada.
RITA, criada.
CARTEIRO
CRIADO

Ação em Porto Alegre – Atualidade.



ATO I

Ao levantar do pano[,] aparece uma sala bem mobiliada, Maria contemplando as flores que se acham colocadas sobre os vasos.

Cena I

MARIA, só.

MARIA – Como são lindas estas violetas, e o seu perfume tão agradável! É a flor da minha paixão!

Cena II

MARIA e o BARÃO.

BARÃO (*com muito amor*) – Meu anjo (*beijando-lhe a testa e oferecendo a Maria um ramo de violetas*), como sei que amas as violetas, lembrei-me de oferecer-te este ramo.

MARIA (*tomando o ramo*) – Obrigada, e para mostrar-te quanto eu amo-as, vou colocá-las sobre o meu coração. (*Coloca o ramo sobre o peito*).

BARÃO – Muito bem! Uma flor colocada sobre a outra. A violeta é a flor tímida e pura, e tu és a flor predileta... A rosa.

MARIA – Quer dizer que sou inconstante como a rosa[,] que com o menor sopro da viração deixa cair as suas aromáticas pétalas.

BARÃO (*tomando a mão de Maria e beijando-a*) – Comparei-te com a rosa, não pela sua inconstância, mas[,] sim, pela sua mimosa cor e perfume.

MARIA – Obrigada. (*Vai ao espelho ver se lhe fica bem o ramo*).

BARÃO (*à parte*) – Esta mulher perde-me a cabeça!

MARIA (*voltando-se para o Barão*) – Sabes? Fui à loja do Levy, e gostei muito de um laço de ouro com o nome de Maria. Fazes-me presente dele? (*Acari-nhando o Barão*). Olha, é para prender os ramos de violetas.

BARÃO – Sim, com a condição de prenderes-me ao teu coração.

MARIA – Já está preso[,] há muito tempo. (*Mudando de tom*). Já mandaste ver o leque que te pedi?

BARÃO – Vou sair para mandar-to trazer.

MARIA – Sim, quero ver se esquece-se como fez com o fichu³³[,] que foi preciso lembrar-lhe mais de cem vezes.

BARÃO – Para que eu não me esqueça[,] vou já à loja. (*Abraça Maria*). Até logo. (*Sai*).

MARIA (*só*) – Meu Deus! Será possível que eu não possa amar a este homem? Quando ele trata-me como se eu fosse sua própria filha, quando procura fazer-me todas as vontades, quando dispensa-me todos os carinhos! Oh! É horrível! (*Cai acabrunhada em uma cadeira*).

³³ Triângulo de tecido leve, usado pelas mulheres para cobrir os ombros ou a cabeça.



Cena III

EVA e MARIA.

EVA (*aparecendo*) – A senhora não precisa de nada?

MARIA (*disfarçando o que sente*) – Não. Ah! É verdade, vá arrumar o quarto do *toilette*.

EVA (*à parte*) – O que terá ela?

MARIA (*só*) – Deus queira que esta mulher não me percebesse[,] porque sei que diria tudo ao Barão, e então eu ficaria perdida. O Barão é ciumento e eu receio muito dele. Esta mulher é malvada e será capaz de perder-me, já tenho tido pressentimentos bem tristes! É preciso despedi-la do meu serviço, porque assim evito o que eu já futuro há muito tempo, pois que, abandonada pelo Barão, o que será de mim?

Cena IV

EVA e MARIA.

EVA (*entrando*) – Já está pronto o quarto do *toilette*.

MARIA – Bem.

EVA (*reparando em Maria*) – Por que está triste[,] senhora?

MARIA (*procurando disfarçar*) – Não, foi apenas uma lembrança de família, saudades de minha mãe.

EVA – Pois a senhora não me disse que ela tinha-lhe escrito[,] dizendo que vinha?

MARIA – Sim, mas ainda não tive a felicidade de abraçá-la.

EVA – Breve o fará.

MARIA – Assim o espero. (*Mudando de inflexão*). Olha, vai ver o que falta lá dentro. (*Eva sai e Maria vai contemplar o retrato da mãe[,] que está sobre um álbum*). Minha mãe!

EVA (*voltando*) – Senhora, aí tem um senhor que lhe deseja falar.

MARIA – Manda-o entrar. (*À parte*). Quem será este homem?

Cena V

ALBERTO e MARIA.

ALBERTO (*entrando*) – Minha senhora.

MARIA – Oh[,] senhor Alberto! Há muito tempo que não o vejo. (*Indica-lhe o sofá*). Como tem passado?

ALBERTO – Assim, nem bem nem mal, e a senhora?

MARIA – Assim, assim... Um pouco contrariada com a sorte.

ALBERTO – Nem todos, minha senhora, podem ter uma felicidade completa.

MARIA – É verdade.

ALBERTO – Sabe que vim incumbido de lhe fazer um pedido?



MARIA – Sim?

ALBERTO – Venho da parte da Sociedade Dramática Particular Recreio Juvenil, ver se a senhora quer tomar parte nela[,] como dama. Se aceita o convite que lhe faço, irei prevenir à Sociedade[,] a fim de vir uma comissão contratá-la.

MARIA – Vou pensar e[,] logo[,] darei uma resposta formal[,] quando a comissão aqui vier.

ALBERTO – Terei muito prazer em que a senhora tome parte no espetáculo.

MARIA – Farei todo o possível para que assim aconteça.

ALBERTO – Peço-lhe licença para retirar-me, e logo voltarei com a comissão.

MARIA (*apertando-lhe a mão*) – Até logo.

(*Alberto sai*).

MARIA (*só*) – Que farei? Sim? Ou não? (*Refletindo*). Devo aceitar. (*Toca a campainha*).

Cena VI

MARIA e EVA.

EVA (*entrando*) – Senhora.

MARIA – Mande vir o carro. (*Eva sai*).

MARIA (*só. Ouve-se tocar piano na casa vizinha, Maria escuta e recita*):

Minh'alma é harpa que vibrar tu fazes
A teu capricho, com certa mão,
Ora, roubando-a em divinais delícias,
Ora, lançando-a na infernal mansão.

EVA (*entrando*) – Pronto; está aí o carro.

MARIA – Bem, vou fazer o meu *toilette*. (*Sai*).

EVA (*arranjando a sala*) – Deixa-me arranjar a sala[,] antes que chegue o senhor Barão, pois, a senhora minha ama, fica toda incomodada por um guardanapo estar fora do seu lugar... Diz ela que não gosta dele! Mas gosta do dinheiro com que ela compra os melões, e se não fosse ele, ela não diria sempre: Eva, vá na loja buscar sapatos, olhe, vá buscar as amostras de seda, vá ver luvas e[,] enfim, quando chega a noite[,] estou mais morta do que viva.

Cena VII

CARTEIRO e EVA.

CARTEIRO (*entrando*) – Uma carta para a senhora, vinda do Rio Grande.

EVA (*tomando a carta*) – Está entregue. (*Vai colocar a carta em um porta-cartões*). Temos hoje uma lágrima derramada... Todas as vezes que ela recebe cartas do Rio Grande, chora... beija a carta, enfim, faz tantas coisas



que eu nem sei... Aqui há mistério, eu já ando com vontade de contar tudo ao senhor Barão Almedina[,] porque sei que ele não sabe o que se passa nesta casa, é verdade que ela é muito boa para mim, mas eu pouco me importo³⁴; hei de lhe fazer a cama.

Cena VIII

CRIADO e EVA.

CRIADO (*com um bouquet de flores e uma caixa na mão*) – O senhor Barão manda para a senhora.

EVA (*tomando o presente*) – Queres falar com a senhora? Ela está fazendo o seu *toilette*, o melhor é entregar. (*Criado entrega e sai. Eva reparando o presente*). Flores perfumadas, leques, hum!... Hum!...³⁵ É pena[,] porque ela diz sempre que não gosta dele, no entanto[,] quando ele demora um pouco, ela fica aflita e[,] quando ele chega, diz-lhe: já estava com saudades tuas. Que raiva tenho eu desta mulher, hei de lhe fazer a cama com todos os *ff* e *rr*.

Cena IX

CRIADO e EVA.

CRIADO (*aparecendo*) – Psiu... Olha[,] minha gatinha.

EVA – Gatinha, não senhor, eu me chamo Eva, o que é que queres?

CRIADO – Eu... queria o teu coração...

EVA – Credo!... Eu não costumo namorar bichos de concha como tu.

CRIADO – Escuta, minha bichinha, eu te darei tudo quanto tenho.

EVA (*rindo-se*) – Ora, não seja paspalhão, não vê que eu vou agora gastar minha cera com tão ruim defunto.

CRIADO (*ajoelhando-se aos pés de Eva*) – Eu te adoro, eu te amo...

EVA (*olhando para dentro*) – Vai-te daí, meu paspalhão.

CRIADO (*saindo e querendo abraçar Eva*) – Adeus[,] meu coração, meu cama-leão...

EVA – Credo! Fiquei em suores frios com semelhante asno, e se a senhora vê ele de joelhos a meus pés, havia de dizer que eu sou uma criada sem juízo, que sou uma sem vergonha, enfim, fiquei livre dele. (*Eva indo espiar para dentro*). Não tarda aí com todo o luxo! Só trata de passear de carro, cadeira de balanço. (*Sentando-se na cadeira de balanço e arremedando Maria*). Dá cá aquele livro... Enfim... Tem uma vida de princesa, mas o que eu não posso tolerar é a tal correspondência do Rio Grande, há dias que eu não faço nada, só indo ao correio buscar cartas e mais cartas... levar cartas e mais cartas... Estou vendo que[,] qualquer dia, esta casa torna-se um telégrafo. (*Indo espiar Maria*). Pois eu[,] hoje, não lhe entrego esta carta. (*Pegando a carta e mostrando*). Quero rir-me das suas aflições, gosto muito de vê-la chorar...

³⁴ Na edição original, "... mas eu pouco me importa".

³⁵ Na edição original, "... um!... Um!...".



Cena X

MARIA e EVA.

MARIA (*entrando com muito luxo e indo ao espelho endireitar-se*) – Dá-me o leque que ficou no toucador.

EVA (*comicamente*) – Que luxo... (*Sai e[,] depois[,] voltando com o leque*). Ah! É verdade, olhe[,] o senhor Barão mandou-lhe estas coisas. (*Dando-lhe o bouquet de flores e a caixa com o leque e sai*).

MARIA – Que lindo!... (*Tomando o ramo de violetas*). E são perfumadas. (*Cheirando-as*). Este leque, que chique!... Pois bem, levarei este leque[,] que é muito mais lindo. Hoje, sim, o Barão merece um beijo.³⁶

Cena XI

EVA e MARIA.

EVA (*entrando*) – Quatro senhores desejam falar-lhe.

MARIA – Manda-os entrar.

Cena XII

ALFREDO, LINDOLFO, SILVA, ARTUR e MARIA.

TODOS – Minha senhora.

MARIA – Meus senhores. (*Conduz-os ao sofá*).

ALFREDO – Tenho o prazer de apresentar a vossa excelência os senhores que vêm em comissão[,] por parte da Sociedade Dramática Particular Recreio Juvenil.

MARIA – Tenho muito gosto em conhecê-los.

LINDOLFO – Venho em nome dessa Sociedade[,] de que faço parte, convidá-la para tomar parte nela[,] como dama, e[,] se a senhora aceita, teremos nisso muito gosto.

MARIA – Senhores, eu não sou uma artista, sou apenas uma curiosa, não sei se agradarei aos senhores e mesmo ao público. E também desejo saber quais as condições que a Sociedade me faz.

LINDOLFO – A Sociedade só lhe pode dar 100\$000 réis por mês[,] porque se acha em princípios, mas prometemos-lhe breve marcar um ordenado melhor.

MARIA – Pois bem, para ajudá-los, aceito.

ARTUR – Podemos contar com vossa excelência?

MARIA – Sim, senhor.

LINDOLFO – Logo que eu chegue em casa, lhe mandarei o drama e o papel.

³⁶ Na edição original: "Este leque, que chic!... pois, bem, levarei este leque que é muito mais lindo, hoje sim, o Barão merece um beijo".



MARIA – Bem, espero de sua bondade desculpar-me algumas faltas, porque não sou artista, como já lhe disse, sou apenas uma curiosa.

TODOS – Oh! Minha senhora, será desculpada.

LINDOLFO – Vossa excelência, dá-nos licença para nos retirarmos.

MARIA – Pois não, senhores.

TODOS – Minha senhora... (*Saem*).

MARIA (*Maria conduz-os até a porta e[,] voltando[,] diz*) – Estou contratada e agora; o Barão?... Ora, eu lhe adoçarei os lábios, ele fica por tudo quanto eu quero. (*Toca a campainha*).

Cena XIII

MARIA e EVA.

EVA – Senhora.

MARIA – O carro?

EVA – Pronto.

MARIA – Volto já. (*Sai*).

EVA (*só*) – Credo!... Hoje esta casa não está boa... É noite, e quer sair assim mesmo!... Daqui a pouco chega o senhor Barão de Almedina e[,] não a achando em casa[,] fica todo eriçado[,] como um ouriço caixeiro!... Deus permita que hoje arrebente tudo, só assim eu dançarei de contente.

Cena XIV

EVA e o BARÃO.

BARÃO (*entrando*) – Há um quarto de hora que estou a chamar-te.

EVA – Benção[,] meu senhor.

BARÃO – Adeus. (*Reparando que Maria não está*). Onde está tua ama?

EVA – Saiu agora mesmo.

BARÃO – Para onde foi ela?

EVA – Não sei, não senhor.

BARÃO (*contrariado*) – Veio aqui alguém[,] depois que eu saí?

EVA – Vieram quatro moços.

BARÃO – Quatro o quê?

EVA – Sim, senhor, quatro moços.

BARÃO – O que queriam esses moços?

EVA (*à parte*) – Queira Deus! (*Falando*). Não sei, não senhor.

BARÃO – Estiveram muito tempo?

EVA – Por espaço de uma hora, pouco mais ou menos.

BARÃO (*ainda contrariado*) – Eram bonitos?

EVA – Sim[,] senhor.

BARÃO – E... tua ama estava contente?

EVA (*à parte*) – É agora. (*Falando*). Muito contente, coisa que eu nunca vi, desde que estou aqui.



Cena XV

MARIA e o BARÃO.

EVA (*sente o rodar de um carro*) – Aí está a senhora. (*Sai*).

MARIA (*entrando muito alegre*) – Oh! Hoje veio cedo!... (*Reparando no Barão[,] que está triste*). O que tem? Está doente?

BARÃO – Não, estou com saudades...

MARIA – Saudades! De quem?!...

BARÃO – De quatro moças bonitas...

MARIA (*ofendida*) – De quatro moças bonitas?! Assim mesmo[,] não são poucas!...

BARÃO – Hoje é moda, um não chega, é necessário mais quatro.

MARIA – Veio hoje disposto a debicar-me? Pois, eu não lhe conto uma coisa...

BARÃO – Já sei, é... para ires ao Rio Grande, ou então novo pedido.

MARIA – Engana-se, nem uma nem outra coisa.

BARÃO – Conta-me lá esta coisa.

MARIA (*acarinhando-o*) – Sabe, estou contratada com a Sociedade Dramática Particular Recreio Juvenil.

BARÃO – Como, pois, tu fizestes isto?

MARIA – É muito do meu gosto, (*acarinhando o Barão e dando-lhe um beijo*) e quero que seja também do seu... Sim?

BARÃO – Ora[,] isto!... Com o que vais representar!

MARIA – E então?

BARÃO – Está direito, e quando principiam os ensaios?

MARIA – Amanhã.

Cena XVI

BARÃO, MARIA e EVA.

EVA (*entrando*) – Senhora[,] aqui estão estes papéis[,] que lhe vieram trazer.

MARIA – Ah! Já sei, é o drama e o papel. (*Tomando os papéis*).

BARÃO (*à parte*) – Está tudo perdido!... (*Para Maria*). Escuta, minha querida, eu não desejava...

MARIA (*tapando a boca do Barão com as mãos*) – Não fale, não fale... Já sei o que quer dizer.

BARÃO – Ora isto, Deus me dê paciência. (*Para Maria*). Sua alma[,] sua palma.

MARIA (*incomodada*) – Se me estimasse[,] não estaria a contrariar há mais de uma hora.

BARÃO (*tomando a mão de Maria*) – Vem cá, minha querida, eu gosto muito de ti, mas não em cena.





MARIA (*aproximando-se da mesa em que está um porta-cartões e dirigindo-se ao Barão*) – É mesmo um espírito de contradição. (*Reparando em uma carta[,] que estava colocada no porta-cartões*). Esta carta!... É dele!... É a sua letra, vou já e já ler. (*Sai correndo com a carta na mão*).

BARÃO (*vendo Maria que sai, cai, acabrunhado, sobre uma cadeira*) – Eu amo-a tanto!... E ela não me ama!... Porventura[,] eu não lhe faço todas as vontades?!... Não!... É preciso acabar com esta vida! Maria ainda há de amar-me, sim! O desprezo, o desprezo... (*Fica pensativo*).

MARIA (*vem pálida e agitada*) – Oh, meu Deus! Quanto eu sou desgraçada!... Ele me acusa?!... Porventura[,] eu não o amo?... Não tenho por ele sofrido tanto! (*Chora e vai cair sobre o sofá*).

BARÃO (*com muito amor*) – Maria, por que choras?... Responde-me... Não vê que também sofro?

MARIA (*levantando-se e enxugando as lágrimas*) – Não é nada, é apenas uma lágrima derramada...

FIM DO PRIMEIRO ATO.



ATO II

A mesma decoração, sala em desordem, flores secas nos vasos. Maria[,] pálida e abatida[,] está recostada no sofá[,] com o roupão de cor de pérolas, cabelos soltos em desordem.

Cena I

MARIA e RITA.

RITA (*contemplando-a*) – Pobre senhora!... Como tem sofrido! Não dorme, não come, vive sempre chorando, não sei o que será dela! (*Aproximando-se de Maria*). Seus lábios arroxeados, seu rosto abatido, seus cabelos, nem mais se lembra de penteá-los... Quem diria vê-la assim?

MARIA (*despertando*) – Armando, Armando...

RITA – Que tem, senhora?

MARIA – Dá-me água.

RITA (*com o copo com água*) – Aqui tem, senhora.

MARIA (*depois de tomar a água*) – Ah!... (*Chora*).

RITA – Senhora, por que chora, tenha paciência, Deus é justo, Ele não se esquece de seus filhos.

MARIA (*levantando-se e enxugando as lágrimas*) – Sim, Deus é justo, Deus compadece-se dos que choram e sofrem, porém, de mim, já se esqueceu.

RITA – Não, senhora, Ele terá compaixão de suas lágrimas.

MARIA – Deus te ouça. (*Vai à mesa escrever um bilhete e dá à Rita*). Procura Armando e entrega-lhe este bilhete, não te demores.

RITA – Sim, senhora. (*Sai*).

MARIA (*só*) – Meu Deus, tende compaixão de mim, por que me fazes sofrer tanto assim? Não bastam as minhas lágrimas que[,] dia e noite[,] derramo. Oh! Deus! (*Caindo de joelhos*). Do céu ouvi as minhas preces e olhai, Senhor, para as minhas dilaceradas faces, e vereis uma lágrima derramada.

Cena II

ARMANDO e MARIA.

ARMANDO – Maria, mandaste me chamar, para quê?

MARIA (*empalidecendo*) – Para estar contigo, para...

ARMANDO – Deves saber que eu não posso estar sempre contigo, por isso deves desculpar-me.

MARIA (*com dor*) – Tens razão!... Hoje[,] não podes!... Mas[,] antes[,] vinhas ver-me a todos os instantes, a todas as horas!... Oh! Como são os homens! E eu que[,] de descrida[,] transformei-me em uma desgraçada amante!... (*Com ímpeto*). E não fostes tu a causa do Barão de Almedina abandonar-me?!... Não fostes tu que[,] por muitas vezes[,] disseste-me que me amavas? Oh, Armando, Armando, tu és injusto.



ARMANDO (*confuso*) – Mas, não posso...

MARIA (*fora de si e com desdém*) – Pois bem! Sim?... Não podes! Depois que eu entreguei-me corpo e alma a ti, que dei-te meu coração, que não me pertencia! Depois de curvada a teus pés mendigando o teu amor, tu dizes: eu não posso, como se disseses: eu não quero; oh! quanto sou desgraçada. (*Chora*).

ARMANDO – Maria[,] não chores, eu te quero muito e amo-te.

MARIA (*com energia*) – Oh, não parece!... O senhor disse-me: eu não posso. Sim? É dizer-me eu não te quero, vai-te, deixa-me, e agora dizes-me eu te quero muito!... Oh, tu não me tens amor e nem me podes amar, porque não tens coração, porque és um ingrato! (*Sai*).

ARMANDO (*só*) – Pobre mulher! Ela tem razão; no princípio duvidei do seu amor, mas hoje vejo que me ama e que daria a vida por mim, mas, eu não posso, sou um principiante no comércio, ela pode ser mais feliz com outros; Maria tem os dotes de uma boa mulher, sentimentos nobres, educação, é amável, ainda pode ser feliz um dia, e eu que estou sentindo por ela não sei quê! (*Fica pensativo*).

Cena III

RITA e ARMANDO.

RITA – A senhora o chama.

ARMANDO – Onde está ela?

RITA – Na sala do jantar. (*Armando sai. Rita fica só*). Meu Deus, o que será desta pobre senhora, agora mesmo veio o dono da casa, há pouco o caixeiro da venda, o meu aluguel já está vencido, esta pobre senhora acaba louca! Eu já estou cansada de pedir a Deus por ela, mas o que lhe acabrunha é este moço, não sei, a todas as horas manda-o chamar e ele não a quer tanto como ela o quer, chega a fazer desfeitas aos outros só por ele, eu estou vendo que isto ainda acaba mal.

Cena IV

MARIA e ARMANDO.

MARIA (*vem alegre e de braço com Armando*) – Rita, faz café e traz cá. (*Rita sai*). Juras que voltas já, Armando.

ARMANDO – Juro, com a condição de não chorares mais.

MARIA – Juro-te pelo amor que te tenho.

ARMANDO – Peço-te que deixes-me sair[,] tenho muito que fazer, ainda vou à casa do Quincas tratar de negócios.

MARIA – Vai, não quero que me chames de importuna e de má.

ARMANDO (*dando um beijo em Maria*) – Até logo. (*Sai*).

MARIA (*só*) – Que martírio! Amar e não ser amada, ele diz que me ama, e é tudo mentira. Oh, se ele me amasse, como eu não seria feliz.



Cena V

RITA e MARIA.

RITA – Uma carta para a senhora, vinda do Rio Grande. (*Sai*).

MARIA (*estremecendo*) – Oh, meu Deus! Que martírio! (*Toma a carta e lê, com a leitura da qual vai ficando trêmula e em estado convulso*). É verdade! Sou uma infame! Uma miserável! (*Depois[,] como caindo em si*). Mas, eu estou louca, não sei o que digo, não... Eu o amo muito, muito! Oh! (*Cai[,] como desmaiada, deixando cair a carta junto a si*).

Cena VI

RITA e MARIA.

RITA (*entrando com o café, vê Maria em desmaio, coloca o café sobre a mesa e vai socorrê-la*) – Ah! Meu Deus! Morta. (*Pegando-lhe nas mãos*). Fria!... Deus do céu, que farei?

Cena VII

RITA, MARIA e ARMANDO.

ARMANDO (*vendo Maria como morta*) – Maria, morta! (*Dirigindo-se a Rita*). Dê-me Água da Colônia. (*Fazendo Maria respirar*). Maria!

MARIA (*tornando a si*) – Não... Eu... quero morrer... Sou... uma infame... uma traidora... (*Como querendo levantar-se, torna outra vez a desmaiar*). Oh!

ARMANDO (*afliito*) – Vai ver o médico, depressa... (*Para Maria*). Maria, Maria! (*Beijando-lhe a testa*). Ela sofrendo por minha causa!... (*Reparando na carta que está aos pés de Maria*). Esta carta! Quem sabe se é a causa de tudo isto! (*Lê*). “Maria. Mulher falsa e traidora, que me colocaste no auge do desespero. Por que iludiste-me com a mentira? E hoje entregas-te nos braços de um falso amante!... Oh! Mulher infame e perjura, que me soubeste iludir! E eu, desgraçado Sérgio, que nem amor nem piedade já mereço. Oh! Só tenho sede de vingança. Mulher infame, sacia teus desejos[,] que eu saberei vingar-me. Sérgio.” Sim, não me enganei, uma carta que a acusa!...

Cena VIII

ARMANDO, RITA e o DOUTOR.³⁷

RITA – Por aqui[,] senhor doutor.

DOUTOR (*para Armando*) – Senhor...

ARMANDO – Doutor, salve-a!

DOUTOR (*examinando Maria*) – Não é nada. Breve voltará a si.

³⁷ Na edição original, apenas “RITA e o DOUTOR”.



(Receita e Armando manda à botica buscar o remédio).

MARIA – Armando, Armando, eu... quero... morrer. (*Deixa-se cair*).

ARMANDO – Maria! Aqui estou[,] a teu lado, ouves?

MARIA – Sim? Mas...

ARMANDO – Não, não morrerás, porque eu te amo...

Cena IX

OS MESMOS e RITA.

RITA – Aqui está o remédio.

DOUTOR – Dê cá. (*Segura o remédio e dá a Maria*).

MARIA – Doutor...

DOUTOR – Bem. Já está melhor. Continue com o remédio até amanhã.

ARMANDO – Não há perigo, doutor?

DOUTOR – Não. Até amanhã. (*Sai*).

ARMANDO – Está melhor, Maria? (*Ouve-se tocar um piano. Maria ri-se constrangida*). Olha o teu vizinho[,] como te desperta pelo piano.

MARIA – Sim... Tudo isto é belo, mas eu...

ARMANDO – É para despertar o amor que está sofrendo.

MARIA – Sofrendo? Diga antes morrendo... Porque o amor morre, e o meu já está morto!...

ARMANDO – Deixa-te disso, vamos falar de coisas alegres... De nosso amor.

MARIA – De nosso amor!

ARMANDO – Sim, de nosso amor! Pois tu não me amas?

MARIA – É verdade.

ARMANDO – Por que me falas desse modo?

MARIA – Preciso ficar só[,] por um momento. Tu me farás a vontade, não é verdade?

ARMANDO (*retirando-se*) – Vou te fazer a vontade. Até logo. (*Sai*).

MARIA (*detendo-o*) – Não, não quero que vás.

ARMANDO – Ora isto! Pedes-me que vá e depois que não; não te compreendo!

MARIA – Vai, Armando, vai...

ARMANDO – Até logo. (*À parte*). Vai escrever para outro!... (*Sai*).

MARIA (*só*) – Vou escrever-lhe. E o que lhe direi, quando eu sou culpada? Mas eu o amo muito, por gratidão, sim, por amor, e porque ele me ama, acima de tudo!... (*Vai à mesa e escreve uma carta. Toca a campainha*).

Cena X

MARIA e RITA.

RITA – Senhora, chamou-me?

MARIA – Toma esta carta e vai pô-la no correio. (*Rita sai*). Que fazer, meu Deus! Sem um arrimo, sem um amigo! (*Ouve-se tocar piano. Maria, pensativa, escuta e vai esquecendo-se de si*). Como é lindo! Como é triste esta música! (*Dando um ai abafado pela dor*). Ah!



Cena XI

AS MESMAS.³⁸

RITA – Já está a carta no correio. (*Sai*).

MARIA – Amanhã Sérgio está lendo a minha carta. E ele me perdoará?

Cena XII

MARIA e RITA.

RITA – Senhora, está aí meu senhor, que me vem buscar, e como eu posso deixá-la só?

MARIA (*tremendo*) – Manda-o entrar.

Cena XIII

OS MESMOS e JOSÉ SURDO.

JOSÉ SURDO – Vim buscar a minha escrava, já se venceu o mês e nada de me pagar. (*Para a escrava*). Saia já.

RITA (*chorando*) – Minha ama...

MARIA (*pálida e agitada*) – Vai Rita, vai...

SURDO – E quando me paga...

MARIA – Quando puder[,] lhe pagarei. (*Com energia*). Saia[,] senhor...

SURDO (*para Rita*) – Vamos. (*Sai com Rita*).

MARIA (*no maior desespero*) – Não! É impossível resistir mais! Devo morrer! (*Arrancando os cabelos e o roupão em pedaços*). Não posso! Não posso! Pois bem, eu fugirei para bem longe! Não ficarei mais nesta casa. (*Vai fugindo e rompendo as roupas*).

FIM DO SEGUNDO ATO.

³⁸ Na edição original, "RITA".



ATO III

Casa de campo, mobília muito simples. Maria, desfigurada pelos sofrimentos, está cosendo.

Cena I

MARIA.

[MARIA] – Há dois meses que sou órfã de afetos, há dois meses, que só tenho por lembrança os tormentos do passado! (*Chora*). E minha mãe!... Minha querida mãe! que tanto te tenho magoado esse triste coração, que imensas lágrimas não terás derramado por tua infeliz e desditosa filha. Oh! Meu Deus! Dai-me um dia, uma hora sequer, para que eu possa estreitar-me nos braços de minha querida mãe!... Quero gozar os seus calentosos³⁹ beijos, quero misturar as suas lágrimas com as minhas, que são bem tristes e dolorosas; quero conchegar-me ao seu coração, e depois, posso morrer, sim? Posso receber a morte com o riso nos lábios, (*mudando de inflexão*) e ele! Armando, Armando! (*Chora*).

Cena II

MARIA e JÚLIA.

JÚLIA – Dá licença, vizinha?

MARIA (*enxugando as lágrimas*) – Entra, minha filha.

JÚLIA – Trago-lhe isto[,] que a mamãe lhe mandou.

MARIA – Sim, obrigada. (*Recebe o presente*).

JÚLIA – Manda-lhe dizer que estima que esteja mais consolada.

MARIA – Sim, alguma coisa.

JÚLIA (*ajudando Maria a arrumar a mesa e colocando os dois pratos que vieram com comida*) – Olhe estes bifés[,] como estão tão bons!... (*Maria vai comer e rejeita. Pondo a cabeça entre as mãos, chora, e Júlia, reparando em Maria, diz:*) Coma, vizinha.

MARIA (*à parte*) – Oh! Meu Deus, que sentença!...

JÚLIA (*aflita*) – Não chore, vizinha, eu pedirei a Deus pela senhora...

MARIA – Obrigada, minha filha. Deus te dê uma boa sorte, pois que a minha é horrível!

JÚLIA – Olhe, eu ainda hei de lhe ver muito feliz.

MARIA (*à parte*) – Deus o queira.

³⁹ De acalantar.



Cena III

JÚLIA, MARIA e OTÁVIO.

OTÁVIO (*Vem entrando com franqueza*) – Dá licença para um?

MARIA (*levantando-se*) – Senhor Otávio... (*Indica-lhe uma cadeira*).

OTÁVIO – Venho vê-la, e trazer-lhe o recibo de sua casa. (*Mudando de inflexão*). Apre[,] que é longe! A senhora veio residir num retiro!...

MARIA – É verdade. Eu sou como os poetas que amam o deserto. Assim, quis imitá-los para ver se esqueço o passado e não me lembro do futuro.

OTÁVIO – O futuro ainda lhe será brilhante.

MARIA – Deus queira, porém[,] eu hoje descreio de tudo.

OTÁVIO – Dizem os nossos antepassados, que quando Deus tarda, vem em caminho.

MARIA – Deus lhe ouça...

OTÁVIO – Sabe, recebi cartas de Sérgio, em que me diz que vem, tanto que o espero hoje.

MARIA (*estremecendo*) – Meu Deus!...

OTÁVIO – Já vejo que fiz mal em dizer-lhe que Sérgio vem?...

MARIA (*querendo ocultar o que sente*) – Sim, porque eu sempre...

OTÁVIO – Está bem, não falemos mais nisso. Diga-me... O nosso amigo velho tem vindo lhe ver?

MARIA – Sempre.

OTÁVIO – É um bom amigo, já vê que a senhora não está tão esquecida como diz.

MARIA – É verdade, eu lhe sou muito grata, e ao senhor também.

OTÁVIO – Senhora, eu não faço senão o que devo. Para que são os amigos[,] senão para servir nas ocasiões? A senhora nada me deve, senão a sua amizade.

MARIA (*com dor*) – Senhor Otávio, há dores que não se acabam, sentimentos que não se podem exprimir! Dores que dilaceram o coração e despedaçam a alma! Que[,] ao lado daqueles que nos prezam, sentimos o conforto e o bálsamo! Pois é o que neste momento acontece, porque[,] no seio de um amigo dedicado como o senhor, posso depositar as dores e sofrimentos deste pobre coração! Posso derramar as minhas tristes e amarguradas lágrimas, porque o senhor respeitará, como respeitaria de sua própria irmã!...

OTÁVIO – Tenha coragem, senhora, pois está a seu lado um amigo sincero, que tudo fará por si.

MARIA – Ah! Senhor Otávio, qual foi o crime que eu cometi[,] para ser tão cruelmente punida?!...

OTÁVIO – Tudo farei pela senhora, até que um dia seja feliz. Tenha resignação.

MARIA – Obrigada, senhor Otávio, o senhor tem razão; a resignação é a verdadeira religião, eu resignar-me-ei.



OTÁVIO – Agora vou à casa e logo voltarei.

MARIA – Peço-lhe que não me abandone.

OTÁVIO – Não[,] senhora. (*Sai*).

JÚLIA (*a todo este tempo entretém-se com uns desenhos que estão sobre uma mesa. Vendo Maria, que vai despedir-se de Otávio, dirige-se a ela e diz*)

– Olhe, vizinha, esta moça parece-se com a senhora.

MARIA – Assim te parece, minha filha?

JÚLIA – Dá licença que leve estes desenhos[,] para mostrar à mamãe?

MARIA – Sim, minha filha.

JÚLIA – Até logo. (*Vai saindo, e voltando diz*). Olhe, eu não quero que chore mais, sim?

MARIA – Sim. (*Leva Júlia até a porta e volta*). Oh[,] meu Deus! Dai-me coragem para suportar esta horrível sentença!... (*Ajoelha-se ante um quadro e canta uma prece*):

Perdão, Senhor, perdão, arrependida,
Já sem forças, sem alento e desaurida,
Pela dor, pelo sofrer, qual peregrina;
A Vós peço, Senhor, tirai-me a vida.

(*Sérgio aparece e[,] vendo Maria de joelhos, dirigindo-se a ela pé ante pé, vai ajoelhar-se junto dela. Neste momento[,] deixa cair um punhal que traz na mão. Maria desperta no final do canto[,] pelo punhal que Sérgio deixa cair*). Sérgio!... (*Levanta-se*).

Cena IV

SÉRGIO e MARIA.

SÉRGIO – Maria!

MARIA – Querido Sérgio...

SÉRGIO (*pondo a mão sobre a testa de Maria[,] como querendo reconhecer as suas feições*) – Maria! Querida Maria! Sim... É ela mesmo... Mas... Seus olhos amortecidos... Seu rosto abatido... (*Em desespero*). Maria, pobre Maria!...

MARIA – Sim, é a tua pobre Maria, que sofre o peso horrendo da sorte! Que, elevada pelas palavras vãs dos homens, acreditou na mentira!... (*Caindo de joelhos*). Sérgio! Perdão para tua pobre Maria!...

SÉRGIO – Maria!... Tu, culpada! Não... É mentira! Tu, a mulher que eu mais amo[,] acima de tudo, não... Tu és um anjo de martírio.

MARIA (*ainda de joelhos e em pranto*) – Sérgio... Eu sou culpada... Sou uma traidora... Perdoa-me!

SÉRGIO – Traidora!... Deus do céu... Não te creio!...

MARIA – Não me queres perdoar, Sérgio? Pois eu morrerei... (*Levanta-se, pega o punhal de Sérgio e crava em si*). Perdoa-me, Sérgio... Ah! (*Cai*).

SÉRGIO (*correndo a ela*) – Não morrerás!... Eu te amo... Sim... Tu serás minha!...



MARIA (*nas ânsias da morte*) – Já é tarde... É impossível... (*Toma a mão de Sérgio*). Sérgio... Querido Sérgio... Adeus... Sê feliz...

SÉRGIO (*em desespero e pranto*) – Maria... Deus do céu! O que fizeste, tirando a vida da mulher que eu mais amava!

Cena V

SÉRGIO, MARIA, OTÁVIO e a MÃE DE MARIA.

OTÁVIO – Que aconteceu?!

MÃE (*reconhecendo a filha*) – Minha filha! Minha querida filha! (*Para Otávio*). Senhor Otávio! Salve-a... Salve-a! (*Em pranto*). Minha filha! (*Chegando-a a seu seio com a maior angústia*). Deus de bondade... Tende compaixão de minhas lágrimas... Escutai as dores de um coração doloroso, de uma desgraçada mãe!... que[,] depois de doze anos de ausência... quis ver sua filha, abraçá-la, beijá-la, apertá-la sobre o meu coração... E vós enganaste-me!... Em vez de encontrar a minha filha, encontro um cadáver dilacerado pela dor, pelos sofrimentos e enganos deste mundo... Pelas palavras vãs dos homens, e mentiras!... Deus! Salvai minha filha...

MARIA (*estendendo os braços para sua mãe e Sérgio*) – Minha mãe... Sérgio... Mãe... (*Expira*).

MÃE (*caindo de joelhos*) – Ah!

SÉRGIO – Maria! Morta... Meu Deus! Que fatalidade! (*Cai ao lado de Maria*).

OTÁVIO (*chorando*) – Pobre mártir! Vai unir-te junto a Deus! que eu deixarei cair sobre o teu corpo uma lágrima derramada.

FIM.



A FLOR DO DESERTO

*Comédia em um ato
Original brasileiro de
Maria da Cunha*

*PORTO ALEGRE
Oficinas Tipográficas da Federação*

—
1887⁴⁰

⁴⁰ A comédia *A flor do deserto*, que não consta ter sido alguma vez representada, foi publicada juntamente com o drama *Uma lágrima derramada* ou *O ramo de violetas*. O único exemplar localizado encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande.



PERSONAGENS

BRANCA..... Deusa e flor do deserto.
SUSPIRO..... Engenheiro.
JASMIM..... Idem.
AMOR PERFEITO..... Idem.



ATO ÚNICO

O teatro representa um bosque florido num deserto, um banco de relva, uma harpa coberta de musgo. Branca[,] vestida de deusa. Capacete de flores, vestido branco de gaze, com flores brancas soltas, ornadas de flores de ouro, sapatos igualmente a ouro.

Cena I

BRANCA (cantando).

Nesta campina eu nasci,
Branca flor sou do deserto.
As relvas tenho por leito,
E o céu tenho por teto.

Cena II

SUSPIRO e a MESMA.

SUSPIRO (*aparece vestido de escarlate, com todo o gosto*) – Ai! Ai!

BRANCA (*assustando-se*) – Ai!!...

SUSPIRO (*para Branca*) – Ai! Ai! Ai! Ai!

BRANCA (*assustada*) – Senhor! O que deseja?

SUSPIRO – Ai, minha menina, eu procuro Branca flor. Ai! Ai!

BRANCA (*ainda assustada*) – Sou eu mesma, senhor, o que deseja?

SUSPIRO – Andamos em procura desta flor... Da deusa do deserto. Ai! Ai!

BRANCA (*admirada*) – Senhor!

SUSPIRO – Branca, temos ordem de levá-la deste deserto[,] para colocá-la num jardim. Ai! Ai! (*À parte*). Vou declarar-lhe o meu amor. Ai! Ai!

BRANCA – Senhor! Desejo saber com quem tenho a honra de falar!

SUSPIRO –
Sou suspiro, o engenheiro,
O meu nome é duma flor,
De joelhos te suplico,
Branca flor o teu amor.

BRANCA –
Meu amor é o deserto,
Não te posso, flor, amar;
Amo o céu, amo as estrelas,
Amo as noites de luar.

(Desaparece por entre as árvores).

SUSPIRO – E esta!... Sumiu-se! (*Olhando para todos os lados e procurando-a*). Ai! Ai! Ai! Ai! E eu que queria uma muda desta flor. (*Refletindo*). Não, eu não estou bem aqui[,] só[,] neste deserto. Não. Vou prevenir aos meus companheiros e então suspenderemos com a planta. (*Sai correndo*).



Cena III

BRANCA.

BRANCA (*aparecendo com medo e olhando para todos os lados*) – Foi-se!... Que homem tão singular!... Deixa ver se posso cantar a minha ária predileta. (*Canta*):

Nesta campina eu nasci,
Branca flor sou do deserto,
As relvas tenho por leito,
E o céu tenho por teto.

Cena IV

BRANCA e JASMIM.

JASMIM (*trajando de engenheiro, de branco, indo devagar colocar-se por trás de Branca. À parte*) – Creio que é esta mesma!...

BRANCA (*para com o canto e voltando-se para todos os lados[,] admirada*) – Que aroma tão agradável!... É aqui... Não... É por este lado... (*Tantas voltas dá[,] até que se encontra com o Jasmim*). Ah! (*Cai desmaiada sobre o banco*).

JASMIM (*de joelhos[,] cantando junto à Branca*) –

Ó deusa[,] eu te amo, te idolatro!
A teus pés[,] suplico o teu amor.
Quero beijar-te, unir-te em meus braços,
Quero gozar-te ó branca flor...

(*Procurando acordá-la do desmaio, e como ela não desperta, exclama*). Ó Deusa! Quem sabe se ela morreu? Branca flor! Mulher de meus sonhos! Deusa do deserto!... Nada!... Eu vou buscar os meus companheiros, ou então Suspiro[,] que já descobriu esta flor. (*Sai. Ouve-se um canto ao longe e[,] depois[,] mais perto*).

Cena V

BRANCA e AMOR PERFEITO.

AMOR PERFEITO (*trajando de roxo claro, a engenheiro. Entra cantando*) –

Ó Branca flor,
Deusa de meu afeto,
Escuta e me atende
Ó flor do deserto.

(*Vai cantando até junto da harpa[,] sem ver Branca, que está no banco. Branca desperta pelo canto e vai unir-se ao Amor Perfeito*).



Escuta-me, anjo,
Do deserto ó flor,
Escuta-me sim,
O canto de amor.

BRANCA (*repetindo o canto de amor*) –

Escuta-me, anjo,
Do deserto ó flor,
Escuta-me sim,
O canto de amor!

AMOR PERFEITO – Ah, encontrei-a! Sim... É ela! A Deusa do deserto... Branca flor, vem comigo, e eu depositarei a teus pés tudo o que é belo! Serei teu cativo... Branca[,] dá-me o teu amor!...

BRANCA – Não, não posso! Não posso seguir-te, sou a Deusa do deserto e nele hei de viver eternamente.

AMOR PERFEITO (*cantando*) –

Eu te amo, ó flor,
Atende-me[,] virgem.

BRANCA (*cantando*) –

Não posso seguir-te.

AMOR PERFEITO (*cantando*) –

Deusa[,] por piedade...
Ouve meu canto de amor.

BRANCA (*cantando*) –

Não! Não!...

Cena VI

OS MESMOS, SUSPIRO e JASMIM.

SUSPIRO E JASMIM (*vêm cantando*) –

Este amor atende,
Linda branca flor;
Escuta este canto,
Oh deusa do amor!

AMOR PERFEITO (*cantando*) –

Amor! Amor!
Vamos ó flor!





TODOS – Vamos... Vamos seguir-lhe.

SUSPIRO – Ai! Ai! Lá se foi a minha flor; desta vez perco os miolos, esta mulher tem mais jeito de um demônio do que de uma deusa... É mesmo uma tentação! Ai! Ai! Ai!

JASMIM (*sorrindo*) – Cala-te[,] tolo, pois tu com os teus ai ai é que me espantas a caça. (*A tudo isto[,] Amor Perfeito está triste e pensativo*). Olha o nosso amigo[,] como está procurando ver se pesca o peixe.

SUSPIRO (*admirado*) – Não é peixe!... Diz antes um peixão!...

JASMIM (*para o Amor Perfeito*) – Olé! Amigo, o que tens? Estás abichornado⁴¹ ou apaixonado? Não desanimes... Ela volta... (*À parte*). É mesmo um amor perfeito!...

SUSPIRO – Meu amigo... Meu trovador... Não chores... Senão eu também choro... (*Chorando também*). Ai! Ai! Ai!

AMOR PERFEITO – Meus amigos, declaro-vos que estou apaixonado pela Branca flor, e desejo que os meus amigos façam a diligência de procurá-la e trazer-ma. Peço-lhes todo o respeito para com Branca.

SUSPIRO (*à parte*) – Ai!... Ai!... Então eu fico chupando no dedo...

JASMIM (*à parte*) – Fico a ver navios.

AMOR PERFEITO – Vão, meus amigos, não deixem de procurá-la.

(*Saem os dois*).

AMOR PERFEITO (*só e triste*) – Dizem que o amor nasce de um momento e é real... Vi-a, e amei-a... Oh! Branca! Aparece-me, diz que me amas também, que seremos dois corpos unidos numa alma só. (*Estende os braços para onde ela saiu*). Branca, por piedade, volta, tem compaixão da minha dor!... (*Chora*).

Cena VII

O MESMO e BRANCA.

BRANCA (*aparecendo por outro lado*) – Senhor!... Por que chora?

AMOR PERFEITO – Por ti! Por ti, que te amo loucamente. Branca, dá-me o teu amor.

BRANCA – O meu amor? Não, não posso.

AMOR PERFEITO (*chorando[,] de joelhos*) – Deusa!... Mulher!... Ama-me, pois que eu serei o teu amor perfeito.

BRANCA – Senhor, eu pertença ao deserto, não posso amá-lo.

AMOR PERFEITO (*cantando*) –

Oh deserto, por piedade,
Escuta o canto de meu peito,
Dá-me Branca flor, tua deusa,
Que eu serei o teu amor perfeito.

⁴¹ Desanimado, macambúzio.



DESERTO (*responde*) – Não! Não!
AMOR PERFEITO – Serei teu cativo.
DESERTO (*responde*) – Não! Não!...
AMOR PERFEITO (*para Branca*) – Branca, fuja deste lugar, eu te darei o jardim mais rico! Contanto que me sigas.
BRANCA (*chorando*) – E o deserto...
AMOR PERFEITO – Pois bem, eu viverei contigo neste deserto, contanto que me ames...
BRANCA (*tomando a mão do amor perfeito*) – Jura que viverás sempre neste deserto?
AMOR PERFEITO – Juro que viverei sempre neste deserto e morrerei te amando.

Cena VIII

OS MESMOS, SUSPIRO e JASMIM.

SUSPIRO E JASMIM (*que ouviram as últimas palavras, admirados*) – Morrerei te amando! Bravos!... Então? Não nos vamos embora? (*À parte*). Fiquei sem a minha flor!...
AMOR PERFEITO – Vou residir neste deserto; peço aos meus amigos que sempre venham ver-me. Branca receberá a todos com prazer. Não é assim, Branca?
BRANCA – Sim, com muito prazer.
JASMIM – E quando é o casamento?
AMOR PERFEITO – Branca o dirá.
BRANCA – Amanhã[,] ao romper da aurora, quando os passarinhos entoarem os seus harmoniosos cantos, e as flores entreabrirem e deixarem evaporar seus deliciosos perfumes.
AMOR PERFEITO – Obrigado⁴², Branca... E eu serei o teu Adônis.⁴³ (*Beija-lhe as mãos*).
SUSPIRO E JASMIM (*ambos*) – Ai! Ai! O prato não é para quem se faz.
TODOS JUNTOS (*cantam*):

Amanhã[,] ao romper da aurora,
Entre os laços do himeneu...
Branca com o Amor Perfeito,
Jurarão pelo seu Deus.

(*Finaliza com um can-can*).

FIM.

⁴² Na edição original, “obrigada”.

⁴³ Nas mitologias fenícia e grega, era um jovem de extrema beleza, que nasceu das relações incestuosas que o rei Cíniras de Chipre manteve com a sua filha Mirra. O amor de Adônis foi disputado por duas deusas: Perséfone e Afrodite.



A CALÚNIA

*Drama em três atos
por
Anna Aurora do Amaral Lisboa*

*RIO PARDO
Edição da Tipografia Popular*

1931⁴⁴

⁴⁴ O drama *A calúnia* foi publicado juntamente com *As vítimas do jogo*, *A calúnia*, *Pela pátria*, *Quem tudo quer...* e *Pedro e Antônio ou Não saber ler*, em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (em cuja apresentação consta que, a exemplo de *As vítimas do jogo* e *A culpa dos pais*, essa peça foi submetida à apreciação de um crítico, em 1896). O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar da edição.



AOS QUE LEREM ESTE LIVRO

Há muitos anos, quando as forças da mocidade me permitiam roubar algumas horas ao repouso que me concediam os labores do magistério primário, levada pelo desejo de cooperar para o bem moral da sociedade, escrevi os dramas enfeitados neste volume; mas, faltando-me os recursos necessários para publicá-los em folhetos, dei-lhes publicidade em folhetins nos jornais de que fui colaboradora.

Perdidos os originais, desaparecidos os jornais que os publicaram, corriam o risco de se perderem para todo o sempre esses mesquinhos frutos do meu intelecto e do meu coração, quando um grupo de generosos conterrâneos meus tomou a si mandá-los editar no presente volume, fazendo jus, com essa carinhosa iniciativa, à minha imperecível gratidão, da qual lhes presto aqui o mais comovido testemunho.

Ainda mais: entregaram ao meu dispor o destino desta edição, proporcionando-me, com essa nova demonstração de sua generosidade, os meios que me faleciam de auxiliar, como tanto desejava, os dois institutos de caridade criados no meu estremecido Rio Pardo: o “Hospital de Caridade”, fundado pela irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e o “Asilo dos Desvalidos”, fundado pelos Vicentinos.

A estes dois estabelecimentos pios, reverterá, pois, em partes iguais, o produto da venda deste livro, para a qual, em vista do fim a que se destina, não vacilo em pedir o concurso de todos os rio-pardenses ausentes de sua terra natal.

Terminando, faço um apelo à benevolência dos meus leitores. Publicados em folhetins, em regra falhos de revisão, saíram os meus trabalhos inçados de incorreções que não me foi possível retificar, como é fácil de conceber, e, sendo esses folhetins, já estragados pelo uso, que serviram para a presente edição, desculpáveis serão as faltas que, infalivelmente, nela serão notadas.

Anna Aurora do Amaral Lisboa
Rio Pardo – 1931.



PERSONAGENS

ADELAIDE DE MENDONÇA, 19 anos.

AUGUSTO DE MENDONÇA, irmão de Adelaide, 24 anos.

EMÍLIA, amiga de Adelaide, 21 anos.

PAULO DE CASTRO, 25 anos.

MARIANA DE SOUZA, 50 anos.

BARONESA DE VILARES, 45 anos.

CAVALHEIROS,

SENHORAS,

CRIADOS.

Época – a atualidade.



ATO I

Sala em casa de D. Mariana. Janelas ao fundo; uma porta à direita comunicando com o corredor que vem da porta da rua; portas à esquerda, comunicando com o interior da casa. Ao levantar o pano, D. Mariana, sentada no sofá, mostra-se pensativa, olhando para uma carta que tem na mão. A ação passa-se em Porto Alegre.

Cena I

[MARIANA, só.]

MARIANA (*lendo*) – “Afirmam-me que Paulo casa-se com Adelaide Mendonça: minha mãe indague o que há de verdade nisso”. (*Fechando a carta*). Custa-me a crer que Paulo tenha sido tão dissimulado!... Mas... Eu preciso realmente saber o que há de verdade em tal notícia... (*Chega à janela e olha para um e outro lado da rua*). Oh! Aí vem quem me poderia informar bem de tudo. (*Debruça-se na janela[,] como falando a alguém*). Bom dia, minha querida! Onde vai tão risonha e satisfeita? Não vai com muita pressa, não é verdade? Entre um pouquinho[,] que tenho uma coisa para contar-lhe, sim?
EMÍLIA (*fora*) – Pois sim, com muito prazer. (*D. Mariana corre a abrir-lhe a porta*).

Cena II

D. MARIANA e EMÍLIA.

D. MARIANA (*dirigindo-se com Emília para o sofá, depois dos beijos e cumprimentos do estilo*) – Só assim, tomando-a de assalto na passagem, teria o gosto de vê-la nesta casa!

EMÍLIA – Não é tanto assim! Agora, confesso, não vinha com o propósito de visitá-la, mas brevemente tencionava vir vê-la e convidá-la para uma pequena reunião que damos, o que já agora aproveito a fazê-lo.

D. MARIANA – Agradeço-lhe a fineza. Mas[,] diga-me, aonde ia então agora?

EMÍLIA – Ia à casa de minha amiga Adelaide. Imagine que recebi, há pouco, este cartão (*Tira um cartão da bolsa e lê*). “Querida Emília, vem já à minha casa, que tenho uma feliz notícia a dar-te. Como és a minha melhor amiga, quero que sejas a primeira a saber[,] da minha boca[,] aquilo que me torna a mais venturosa das mulheres. Não deixes de vir; não vou eu mesma à tua casa, porque... saberás quando aqui chegares. Abraça-te a tua feliz Adelaide.” (*Guardando o bilhete*). Recebendo este recado, apressei-me a satisfazer o pedido de minha amiga.

D. MARIANA. E eu a demorá-la aqui!... Mas... desculpando-me a curiosidade, não suspeita qual seja a feliz notícia que sua amiga deseja comunicar-lhe?

EMÍLIA (*sorrindo*) – Mais ou menos, para não dizer que já tenho a certeza.

D. MARIANA – Histórias de amor, aposto.



EMÍLIA – Pois que outra coisa pode ser? Que pode tornar uma mulher *a mais feliz das mulheres*, como diz Adelaide em suas expansões?

D. MARIANA – Tem razão, razão de sobra, porque o sabe por experiência própria, não é verdade?

EMÍLIA – Sem dúvida: quando conheci que amava aquele que é hoje o meu marido, e soube que o meu amor era correspondido, julguei-me a mais feliz das mulheres, como hoje se considera a minha Adelaide. E há de desculpar-me[,] D. Mariana, compreende a impaciência com que me espera a minha amiga... (*Levanta-se*).

D. MARIANA (*levantando-se também*) – É justo, é... mas... satisfaça mais um pouco a minha curiosidade: de quem é que se trata?

EMÍLIA – Deveras ignora quem seja?! Se assim é, declaro o senhor Paulo de Castro o mais discreto dos namorados que conheço!

D. MARIANA – Ah! É Paulo? Maganão!... Nada me disse. Mais deixe-o estar, que não me escapará na primeira ocasião.

EMÍLIA – Peça-lhe segredo sobre o que lhe contei; se bem que tenha a certeza de que a confiança que me quer fazer Adelaide, outra coisa não é senão o pedido de sua mão pelo senhor Paulo de Castro, não quero que me acusem de indiscreta.

D. MARIANA – Não tenha receio, que não hei de comprometê-la.

EMÍLIA – Não lhe custará a fazê-lo, porque terá de guardar o segredo por pouco tempo. Se for verdade o que penso, será o senhor Paulo apresentado oficialmente, como noivo de Adelaide, na reunião que pretendemos dar em honra de minha amiga, no seu dia de anos; a propósito, ia-me esquecendo de dizer-lhe que é sábado. Espero que não falte.

D. MARIANA – Não faltarei.

EMÍLIA – Então, até sábado! (*Despedindo-se, beija D. Mariana*).

D. MARIANA (*retribuindo-lhe*) – Até sábado. Lembranças minhas à feliz Adelaide.

EMÍLIA – Agradecida. (*D. Mariana acompanha-a até a porta, cumprimenta-a uma última vez e volta para a cena*).

(*Emília aparece à porta e chama-a*).

EMÍLIA – Olhe, D. Mariana, avistei Paulo que se encaminha para este lado. Naturalmente vem dar-lhe parte de tudo. Não lhe conte a minha indiscrição, sim?

D. MARIANA – Vá descansada. (*Emília retira-se*).

Cena III

[D. MARIANA, só.]

D. MARIANA (*chegando à janela*) – Ei-lo que se encaminha para cá. Com que então é verdade, casa-se o senhor Paulo de Castro com D. Adelaide de Mendonça! Veremos, meu caro senhor, se isso se realiza sem minha licença! Minha filha há de ser vingada do desprezo com que a tratou, recusando a sua mão: eu o jurei! Dissimularei o meu ódio[,] como até aqui, mas a minha vingança há de ser completa.



Cena IV

D. MARIANA e PAULO.

PAULO (*entreabrindo a porta*) – Dá licença[,] D. Mariana?

D. MARIANA (*indo ao encontro de Paulo*) – Oh! Por esta casa[,] senhor ingrato! Há quantos séculos não nos dá o prazer de uma visita? Sente-se.

PAULO – É verdade, não tenho podido aparecer; mas isso devido aos afazeres de minha profissão de advogado. Tenho sido obrigado a ausentar-me frequentemente e ainda ontem regresssei de uma viagem que fiz a Santa Maria, onde me demorei algum tempo. Já vê que não mereço o qualificativo que me dá.

D. MARIANA – Pois sim, acreditarei que fui injusta, se hoje quiser indenizar-nos do tempo que deixou passar sem nos visitar. Ficará para jantar conosco, sim?

PAULO – Aceito com prazer e grato pelo convite. O senhor Antônio está?

D. MARIANA – Não, mas pouco deve demorar. Queria falar-lhe?

PAULO – Sim, e à senhora também, tenho que lhes dar parte de um grande acontecimento; mas, como aceitei o seu convite para jantar, comunicar-lhes-ei o que é, quando estivermos com os copos cheios, porque lhes pedirei então que bebam à minha ventura; tenho fé que os votos dos meus melhores amigos contribuirão para ela.

D. MARIANA – Trata-se então de um assunto tão importante? E não seria indiscrição perguntar-lhe de que faz o senhor depender a sua ventura?

PAULO – Moço e solteiro, desejando criar família, não só para realizar as minhas aspirações, como para satisfazer os desejos de minha velha mãe, faço depender a minha felicidade do meu acerto na escolha daquela que deve ser a minha companheira na jornada da vida.

D. MARIANA – Ah! Trata-se disso, senhor dissimulado! Então, já que a escolha está feita, é de supor que a julgue acertada. Vamos lá, conte-me tudo.

PAULO – Mas, D. Mariana, a senhora está antecipando a hora das confidências!

D. MARIANA – Ora... Em que havemos de conversar, enquanto não chega meu marido? Demais, agora, confesso que seria impossível ocupar-me com outro assunto... Sou muito curiosa! Vamos, conte-me tudo e logo diremos ao Antônio. Já está feita a escolha, não?

PAULO – Já que tanto insiste[,] dir-lhe-ei que sim.

D. MARIANA – Ora, pois, faça-me o seu retrato, para ver se a reconheço, sem que me diga o seu nome.

PAULO – Retrato físico ou moral?

D. MARIANA – Físico e moral.

PAULO – Quanto ao físico, sou o primeiro a reconhecer que não é um tipo de beleza; mas é extremamente simpática, de uma simpatia que cresce à pro-



porção que o seu trato ameno, sua conversação atrativa⁴⁵, permitem que se lhe apreciem os dotes de espírito e de coração; porque ela é ilustrada sem ser pretensiosa, sensata sem afetação, caridosa sem ostentação; é terna, meiga e modesta, um modelo de boas filhas; enfim, moralmente, creio que nada tenho que desejar. Então, conhece-a?

D. MARIANA – Que entusiasmo! Mas não quero por mais tempo zombar com o senhor; eu já sabia de quem se tratava, quis apenas castigá-lo pela sua dissimulação. Por que não me fez[,] há mais tempo[,] as suas confidências?

PAULO – Porque não queria seguir o exemplo de muitos moços que fazem ostentação de seus sentimentos apaixonados por qualquer moça e[,] muitas vezes, depois de estarem as coisas bem no domínio do público, quando todos pensam que o desenlace natural é um casamento[,] voltam eles as costas àquelas a quem iludiam, expondo-as[,] muitas vezes[,] à maledicência da sociedade, sempre propensa a murmurar. Não procedi assim, porque queria, estar bem certo dos meus sentimentos, porque queria conhecer melhor aquela a quem desejava para esposa, para depois dar a conhecer ao mundo o que no íntimo da alma guardava como um tesouro.

D. MARIANA – Foi muito bem pensado e revela muita prudência da sua parte.

PAULO – Prudência aconselhada pelo próprio coração: não era justo que o fato de lhe fazer publicamente a corte fosse um obstáculo para que ela escolhesse outro marido, no caso que eu desistisse do intento de desposá-la. Hoje, porém, que, consultando bem o coração, sinto que a amo apaixonada e sinceramente, hoje que a conheço bastante para julgá-la digna do amor que lhe consagro não receio patentear aos olhos da sociedade os meus sentimentos. Tenho a ventura de ser correspondido, caso-me e espero que serei realmente feliz.

D. MARIANA – Então é coisa decidida? Já fez o pedido oficial?

PAULO – Já, e, sem vaidade, creio poder dizer que foi recebido com verdadeiro agrado pelo pai de Adelaide. Julgo-me, pois, o mais feliz dos homens, e, desejoso de comunicar a minha ventura aos meus amigos, foram a senhora e seu marido os primeiros a quem procurei para participar que está tratado, e breve será realizado, o meu casamento com D. Adelaide de Mendonça.

D. MARIANA – Então ainda não comunicou esta notícia a mais ninguém?

PAULO – Não, porque concordamos que participaríamos oficialmente este fato em uma reunião, que terá lugar no sábado próximo, aniversário natalício de minha noiva, em casa de D. Emília, sua melhor amiga. Só excetuamos do segredo D. Emília e o marido, testemunhas de Adelaide, e a senhora e seu marido, a quem tenho a honra e o prazer de convidar para minhas testemunhas.

⁴⁵ Na edição original, “atraente”.



D. MARIANA – Agradecida, a honra é toda nossa e a sua atenção prova-me que tem em boa conta a nossa velha amizade, não é assim?

PAULO – Sem dúvida, considero-os como os nossos mais íntimos e leais amigos.

D. MARIANA – Portanto[,] se eu lhe dissesse⁴⁶ alguma coisa que fosse lançar uma nuvem no céu de sua felicidade; se com as minhas palavras fosse deitar uma gota de fel no calix de néctar que ia levar aos lábios, não duvidaria um só instante de que unicamente a amizade que lhe tenho a isso me levaria, não é verdade?

PAULO (*surpreso*) – Não posso compreendê-la, D. Mariana.

D. MARIANA (*com fingida dor*) – Pobre moço! Quanto me custa causar-lhe tamanha dor! Mas a amizade que desde a infância me liga à sua mãe, a quem considero uma irmã, e o amor maternal que sempre lhe consagrei, Paulo, impõe-me o rigoroso dever de lhe revelar toda a verdade.

PAULO – Por favor! Não prolongue por mais tempo a ansiedade em que me lançam as suas palavras: fale! Trata-se acaso de minha noiva?

D. MARIANA – Sossegue, Paulo; seja homem! Eis as consequências da reserva que tanto procurou guardar! Se, logo que sentiu nascer-lhe no coração essa simpatia, que depois se transformou em amor violento, bem o vejo, me tivesse revelado os seus sentimentos, não lhe seria tão difícil esquecer essa moça...

PAULO (*interrompendo-a*) – Esquecer, quem? Adelaide?! A senhora está louca!... Quem poderá arrancar-me do coração a sua imagem adorada?

D. MARIANA – Esqueça[,] então[,] o que eu disse, meu amigo; case e seja feliz!

PAULO (*com energia*) – Não senhora! Agora já avançou demais, para que se cale! Depois de ter procurado insinuar uma dúvida, que veio envenenar a minha alegria, é necessário que acabe. Fale, eu o exijo!

D. MARIANA – Pois bem; mas há de ouvir-me com calma. O seu conhecimento com Adelaide e sua família data da época em que ela veio residir em Porto Alegre, não é?

PAULO – É verdade, mas...

D. MARIANA – Pois eu conheço-a de muito mais tempo! Quando[,] há dois anos[,] estive no Rio de Janeiro, deu muito que falar o escândalo que[,] naquela capital[,] causou uma moça, filha de uma família, até então muito conceituada. Essa moça, contrariada com a oposição que fazia o pai ao seu casamento com um moço que lhe fazia a corte e de quem estava apaixonada, fugiu com o namorado. Descoberto seu paradeiro, foi ela[,] três dias depois[,] arrancada do poder do raptor pelo pai e irmão, que deixaram por morto o pobre moço. Depois de tal escândalo, deixaram repentinamente o Rio de Janeiro, sem se saber o seu destino. Imagine a minha surpresa, quando, de

⁴⁶ Na edição original, "Portanto, se eu lhe disse...".



volta do Rio, vim encontrar essa família aqui acolhida e acatada na melhor sociedade!...

PAULO – E essa moça... Oh! Acabe, por compaixão!

D. MARIANA – É D. Adelaide de Mendonça.

PAULO – Oh! Que infâmia! Que calúnia horrorosa!

D. MARIANA (*compassiva*) – Calma, Paulo, calma! Ouça-me: já lhe perguntou alguma vez porque motivo ela e a família abandonaram o Rio de Janeiro, para virem estabelecer-se em Porto Alegre?

PAULO – Não, nunca.

D. MARIANA – Pois pergunte-lho e verá a palidez e a perturbação estamparem-se-lhe no semblante: balbuciará, e o senhor perceberá facilmente que na existência daquela moça há um segredo que envergonha.

PAULO – Oh! Isto é horrível! Meu Deus, para que vim eu a esta casa?!

D. MARIANA (*com doçura*) – Eu já esperava os seus transportes e não me ofendo com eles. Quando se acalmar a agitação que lhe causou esta inesperada revelação, far-me-á justiça[,] reconhecendo que só a amizade que lhe consagro e o interesse que me inspira, me levaram a revelar-lhe um segredo que até agora soube guardar. Outro, que não fosse o senhor Paulo, eu deixaria realizar este casamento, sem nada dizer; Deus é testemunha...

PAULO (*interrompendo-a, desesperado, agarrando-lhe o pulso*) – Provas, senhora, provas do que acaba de dizer!... Senão...

D. MARIANA (*severamente*) – Paulo, lembre-se do respeito que me deve!

PAULO (*largando-lhe o pulso*) – Perdão, senhora... Mas eu fico louco! É impossível o que diz!...

D. MARIANA – Quer provas? Pois tê-las-á. Vou escrever à baronesa de Vila-res, em casa de quem me hospedava no Rio de Janeiro, quando sucedeu o fato que lhe contei, e sua resposta convencê-lo-á, estou certa. Se eu não provar o que disse, consinto que publicamente me chame de caluniadora. Aceita o que lhe proponho?

PAULO – Aceito. (*Com desespero concentrado*). Mas, Deus, em que se poderá então crer neste mundo? Como acreditar que debaixo daquele exterior grave e casto se esconde uma alma corrompida? Não! Não é possível, caluniam-na!

D. MARIANA (*insinuante*) – Ainda é muito moço, Paulo, para conhecer a hipocrisia e a maldade: as aparências enganam sempre.

PAULO – Oh! Senhora! Que mal me causam as suas palavras: não posso ouvi-la! Adeus! (*Vai a sair arrebatadamente*).

D. MARIANA (*correndo a ele e tomando-lhe as mãos*) – Paulo, é preciso ser homem; tenha coragem! Não o retenho, porque compreendo que deseja estar só, para dar livre curso à sua dor. Vá! Um dia me agradecerá o tê-lo avisado a tempo.

PAULO (*saindo desesperado*) – Adeus!



Cena V

[D. MARIANA, só.]

D. MARIANA – Vai, Paulo! A dúvida já penetrou em teu coração, e, se não matar o teu amor, ao menos destruirá para sempre a tua felicidade. Não te casarás com Adelaide de Mendonça: o meu juramento está cumprido e a minha filha vingada!

CAI O PANO.



ATO II

Casa de Adelaide. Sala de visitas. Porta e janelas ao fundo[,] dando para a rua; porta à esquerda[,] comunicando com o interior da casa e[,] à direita[,] com o jardim. Ao levantar o pano, Adelaide, amparada por Emília, vem do jardim; caminha a custo, está muito pálida e emagrecida e traz nas mãos algumas flores. Emília a conduz para o sofá, onde a faz sentar-se, encostando-lhe uma almofada às costas e sentando-se a seu lado.

Cena I

ADELAIDE e EMÍLIA.

EMÍLIA – Como te sentes, minha Adelaide? Cansou-te muito o passeio?

ADELAIDE (*em voz fraca e fatigada*) – Um pouco; obrigada, Emília; isto passa. Agradeço-te a paciência que tens comigo. Minhas queridas flores!... Fui despedir-me delas, talvez para sempre!... (*Leva aos lábios as flores*).

EMÍLIA – Não fales assim, que me afliges, Adelaide! Para que hás de pensar na morte continuamente?

ADELAIDE – A morte!... O descanso eterno!... Como deve ser bom, depois do martírio! E tu que sabes qual tem sido o meu, não queres que eu deseje morrer? De que serve viver assim?

EMÍLIA – Procura corresponder aos cuidados dos que te amam: desterra essas ideias que te torturam, esquece a ofensa que te fizeram e vive para mim, para teu pai e teu irmão, que tanto te amamos.

ADELAIDE – Esquece a ofensa que te fizeram!... dizes tu; eu poderia, talvez, esquecer, se pudesse esquecer também aquele que me ofendeu; mas... não posso! Não posso! Aquele amor era toda a minha vida... Faltou-me e eu morro!

EMÍLIA – Para que te entregas a esse desalento?

ADELAIDE – Escuta, Emília: eu tive a necessária coragem para perguntar ao médico quantos dias me restavam de vida e ele teve a de me falar a verdade⁴⁷, talvez hoje...

EMÍLIA (*interrompendo-a, abraçando-a*) – Oh! Cala-te, por piedade! (*Chora*).

ADELAIDE (*passando-lhe a mão pela cabeça*) – Então!... Coragem, Emília! Isto tem de acontecer. Mas deixa-me aproveitar os momentos que me restam: quero fazer-te um pedido. Quando recebi a participação do casamento de Paulo, foi tal a dor que senti, que logo conheci que morreria; não querendo, porém, morrer, sem revelar a Paulo tudo o que tenho sofrido, tenho escrito diariamente a história do meu martírio... Está ali, no meu quarto, num cofre-zinho, a chave... (*tira do pescoço uma chavinha*) aqui a tens. Se eu morrer, sem tornar a vê-lo, entrega-lhe tudo, o seu retrato... Quero que ele saiba quanto o amei, que o seu desprezo me matou, porém, que lhe perdoo. Farás o que te peço, sim?

⁴⁷ Na edição original, "... e ele teve-a de me falar-me a verdade...".



EMÍLIA – Sim, mas não fales deste modo, que me desesperas! (*Chora*)

ADELAIDE – Ainda não acabei. Sabendo que poucos dias me restavam de vida, e que ao moribundo nada se nega, pedi a meu pai que escrevesse a Paulo, comunicando-lhe o meu estado e pedindo-lhe que viesse receber o meu último suspiro...

EMÍLIA – Fizeste isto, Adelaide? E não temes que...

ADELAIDE – Que isso acabe de matar-me? Não, Emília; sei que morro e não temo a morte, só peço a Deus que me prolongue a vida, até ouvir a voz de Paulo, pedindo-me perdão. Emília, caluniaram-me para com Paulo; sem um motivo, uma causa, ele, tão bom, tão nobre, não faria o que fez! Mas de balde, procurei, procuro sempre adivinhar quem poderia querer-me mal; nunca pude descobrir! O procedimento de Paulo inspirou tanta indignação... Todos se mostraram tão meus amigos... que não sei!... Não posso saber... (*Mostra-se cansada e tosse*).

EMÍLIA – Não fales tanto, minha amiga; pode fazer-te mal.

ADELAIDE – Deixa-me acabar; estou certa de que Paulo virá e espero-o hoje; se não vier, não me achará mais com vida; neste caso, Emília, minha amiga, defende-me, se eu tiver sido caluniada.

EMÍLIA – Descansa em mim, que saberei defender-te. Mas tens falado muito, estás fatigada e aqui estás mal acomodada. Vem deitar-te um pouco na tua cama.

ADELAIDE – Pois sim, vamos. (*Levanta-se com custo e[,] amparada por Emília, dirige-se vagarosamente para o quarto*).

Cena II

[AUGUSTO, só.]

AUGUSTO (*que pouco antes aparecera à porta da direita, acompanha-as com a vista, levando depois o lenço aos olhos*) – Pobre irmã! Como sofre resignada o seu martírio! Quando me lembro de que vou achar-me na presença daquele homem e que nem ao menos poderei exigir-lhe uma satisfação pelo seu infame procedimento!... Prometi à Adelaide não dirigir a Paulo a menor recriminação, mas não sei se terei forças para tanto! Pobre irmã!...

Cena III

AUGUSTO e EMÍLIA.

EMÍLIA (*vindo do quarto[,] volta-se para cerrar a porta e diz, falando para Adelaide*) – Fica descansada, avisar-te-ei logo que ele chegue.

AUGUSTO – É uma verdadeira irmã de caridade, D. Emília; não imagina o quanto lhe sou grato, pelos cuidados que dispensa à minha infeliz irmã!

EMÍLIA – Não tem que me agradecer[,] senhor Augusto: a amizade tem deveres que se tornam tanto mais gratos ao coração onde ela se alberga, quanto mais profunda ela é. Adelaide é a minha melhor amiga; sofre: o meu lugar é a



seu lado, o meu dever[,] dar-lhe as consolações que estiverem ao meu alcance. Paulo não o avisou de quando partia para cá, senhor Augusto? Quando o espera?

AUGUSTO – Hoje; e prometi a Adelaide ir esperá-lo no trapiche e acompanhá-lo até aqui, afim de prepará-lo para a entrevista que vão ter. Não por ele, mas por minha irmã, receio muito...

EMÍLIA – Também eu receio; ela, porém, insiste em vê-lo e pediu-me que a avisasse logo que ele chegasse.

AUGUSTO (*pegando o chapéu e examinando o relógio*) – O vapor já deve ter chegado; vou buscá-lo. Até já, D. Emília. (*Sai pelo fundo*).

Cena IV

[EMÍLIA, só.]

EMÍLIA (*vai entreabrir a porta do quarto de Adelaide, escuta e torna a fechá-la com precaução*) – Repousa[,] pobre mártir! Quanto me tortura o coração presenciar a lenta agonia em que[,] há tanto tempo[,] te debates! E vai-se aos poucos fenecendo aquela existência que parecia fadada para tão risinhos destinos! Quem diria, quatro meses atrás, ao vê-la entrar na sala do baile, no dia de seus anos, radiante de felicidade; ouvindo-a anunciar às suas amigas o seu próximo casamento com Paulo, naquela noite tão febrilmente desejada, quem diria que ali mesmo receberia o golpe tremendo que a leva à sepultura! Mas... que martírio inexplicável no proceder de Paulo! Eu confiava tanto na nobreza de seu caráter, que nunca o julgaria capaz de tal procedimento. Creio bem que alguém caluniou Adelaide, como ela própria desconfia: mas quem? Quem se atreveria a levantar uma calúnia contra a pureza mais imaculada? E vou achar-me na presença de Paulo!... Falar-lhe... Só esta ideia me assusta e[,] entretanto[,] ela, a pobre santa, só tem palavras de amor e perdão para ele!

Cena V

EMÍLIA, AUGUSTO e PAULO.

AUGUSTO (*introduzindo Paulo*) – Entre[,] senhor Paulo.

EMÍLIA (*à parte*) – Ele[,] já!...

AUGUSTO (*à Emília*) – Minha irmã?...

EMÍLIA – Dorme, senhor Augusto; creio que os poucos passos que deu para ir ao jardim a fatigaram demasiado e arrependo-me de ter-lhe feito a vontade. Ela está muito fraca!

PAULO (*à parte*) – Meu Deus! (*Estendendo a mão à Emília*). D. Emília...

EMÍLIA (*recuando*) – Ah!

PAULO – Recusa apertar-me a mão, D. Emília? Que fiz para merecer-lhe semelhante afronta?



EMÍLIA – A mim, nada, senhor! Mas enquanto não justificar a meus olhos a sua indigna conduta para com minha amiga, não poderei tocar-lhe a mão, porque me parecerá que aperto a mão de um...

AUGUSTO (*interrompendo-a*) – D. Emília!

PAULO (*com amargura*) – Acabe!

EMÍLIA – De um assassino, sim! Por que não dizê-lo? (*Com energia*). Porventura[,] só aquele que mata com o ferro ou com o veneno é que merece este nome? Porventura[,] não é o seu procedimento inqualificável que mata minha amiga? (*Com desprezo*). Porque ela morre, senhor, ouviu? Ela morre e quem a mata é o senhor!

PAULO – Oh! Meu Deus! Tem razão, D. Emília; esmague-me com o seu desprezo; mas conceda-me o direito de tentar justificar-me. Constituo a vossa excelência e ao senhor Augusto meus juízes. Se, depois de me ouvirem, não me absolverem, curvarei a cabeça e sairei daqui sem ver Adelaide, sem receber o seu perdão!

EMÍLIA e AUGUSTO – Fale!

PAULO (*com comoção*) – Quando pedi a mão de Adelaide e vi acolhido com tanto agrado o meu pedido, julguei-me o mais feliz dos mortais, porque eu amava-a muito, amava-a como se ama uma só vez na vida, como ainda... (*Interrompendo-se*). Oh!... Ébrio de felicidade, corri a comunicar a minha ventura a uma pessoa que merecia toda a minha confiança, pela amizade que[,] desde a infância[,] a unia à minha mãe e pela que sempre me demonstrara. Essa pessoa[,] depois de alguns rodeios[,] me disse que a amizade lhe impunha o dever de me revelar um segredo que, inevitavelmente, me levaria a desistir do projetado casamento. Contou-me[,] então[,] que dois anos antes, estando no Rio de Janeiro, lá conhecera uma moça de família respeitável, a qual dera um grande escândalo naquela capital, fugindo com um moço a quem seu pai negara-lhe a mão de esposa; que dois dias depois da fuga o pai e o irmão dessa moça, descobrindo o seu paradeiro, arrancaram-na do poder do raptor, deixando este por morto; que, depois desse escândalo, essa família deixara o Rio de Janeiro. (*Para fitando Augusto*).

AUGUSTO – Continue!

PAULO – Imagine o meu desespero, a minha cólera, a minha indignação, quando ela acrescentou que essa família era a sua, senhor Augusto, e que a moça era... D. Adelaide!

EMÍLIA e AUGUSTO – E pôde acreditar?!

PAULO – Esperem! Cego de dor e de cólera, cheguei a ameaçá-la de morte, se me não desse provas completas daquilo que avançara: prometeu-mas, dizendo que ia escrever a uma pessoa que sabia do fato, e aconselhou-me que, enquanto aguardava essa prova decisiva, perguntasse à D. Adelaide o motivo pelo qual sua família mudara sua residência do Rio de Janeiro para aqui. Instigado pela dúvida que se me infiltrara na alma, fiz essa pergunta à D. Adelaide, no baile que houve em sua casa, D. Emília; ela empalideceu por



tal forma que julguei que ela ia desmaiar, e não me respondeu, agitada por um tremor convulsivo. Sem piedade pela sua perturbação e cada vez mais impelido pela minha horrível suspeita, insisti na pergunta e ela respondeu-me então com voz desfalecida: “Se sabe a verdade, por que me tortura assim?”. E, desatando em soluços, retirou-se da sala. A dúvida que já me invadira o coração, transformou-se[,] assim[,] quase em certeza, e com o desespero e a morte na alma retirei do baile, do modo que sabem. Dias depois[,] recebi esta carta que acabou de convencer-me, esta carta que[,] desde então[,] nunca mais me abandonou e que relia sempre para achar forças para manter-me no meu propósito de romper com D. Adelaide. Esta carta era para mim a prova irrefutável do que me haviam revelado: foi a sentença de morte para a minha felicidade e é hoje a minha justificação. (*Tira do peito uma carta[,] que entrega a Augusto*). Aqui a tem, senhor Augusto; leia e julgue-me!

AUGUSTO (*lendo*) – “Minha senhora. Satisfazendo ao seu pedido, respondo a sua carta, autorizando-a a fazer desta o uso de que necessita e que me fez conhecer. Pesa-me ter que tratar de assunto desta natureza; porém[,] como me afirma que só minha resposta pode salvar um moço distintíssimo de ser vítima de uma aventureira hipócrita, não vacilo em afirmar, debaixo de minha palavra de honra, que a moça de que fala em sua carta deu aqui no Rio de Janeiro o maior escândalo, fugindo com um moço a quem seu pai recusara-a em casamento, e que foi em consequência dessa fuga e dos acontecimentos que se lhe seguiram, que ela abandonou com seu pai e irmão o Rio de Janeiro. Sua amiga – Baronesa de Vilares.”

EMÍLIA – Infames!

AUGUSTO – Baronesa de Vilares! Mas a baronesa conhece-nos, é a madrinha de Adelaide e tem nos mostrado até hoje a mesma amizade e confiança. Entretanto[,] esta carta é realmente dela, pois reconheço-lhe a letra. Que mistério andaré em tudo isto? Continue, senhor Paulo! (*Continua a olhar para a carta com atenção*).

PAULO – Desesperado ante esta prova irrecusável, abandonei esta cidade com minha mãe, que não me quis abandonar, receando um ato de loucura de minha parte, e embarquei para S. Paulo, onde julguei morrer de dor.

EMÍLIA (*com amarga ironia*) – Mas não morreu e consolou-se depressa, porque antes de um mês casava-se o senhor com outra e tinha o requinte de delicadeza de mandar à minha pobre amiga a participação desse casamento!

PAULO – Fui cruel, bem o reconheço agora! Mas ouça-me ainda, D. Emília, e em breve há de lastimar-me! Achava-me em S. Paulo, todo entregue ao meu desespero, quando recebi uma carta, em que se me dizia que D. Adelaide ia casar-se antes de um mês; desvairado pelo ciúme e pelo ódio[,] tratei casamento com aquela que é hoje minha mulher, e, pretextando ter de retirar-me de S. Paulo, apressei o casamento e antes de um mês realizava-se este, porque eu queria ter o amargo prazer de mostrar à D. Adelaide que a esque-



cera ainda mais depressa do que ela a mim, e enviei-lhe a participação do meu casamento. Fiz assim a irremediável desgraça de toda a minha vida, e sacrifiquei[,] à minha vingança[,] uma vítima inocente: – a minha infeliz mulher, que hoje sabe de tudo.

AUGUSTO – Essa carta, senhor, preciso vê-la!

PAULO – Trago-a também comigo. Aqui a tem! (*Tira uma carta do peito e entrega a Augusto*).

AUGUSTO (*lendo a assinatura*) – D. Mariana de Souza!

EMÍLIA – Mariana de Souza!

AUGUSTO – Mas nunca chegou a descobrir tão negra calúnia?

PAULO – Já muito tarde, para minha desgraça! Logo depois do meu casamento, embarquei com destino a esta cidade, porque eu queria levar mais longe a minha vingança, apresentando-me aos olhos de D. Adelaide com minha mulher, aparentando uma felicidade que não gozava. Chegando a Pelotas, tirei informações e soube ser falsa a notícia do casamento de D. Adelaide; escrevi daquela cidade à D. Mariana, pedindo-lhe severamente explicações: não tive resposta. Deixando então minha mulher em Pelotas, vim só até aqui: procurei D. Mariana, mas havia-se mudado e ninguém me soube dizer para onde se retirara. Reconheci que havia sido vítima de uma intriga infame, mas, reconhecendo ao mesmo tempo que toda a reconciliação com D. Adelaide era impossível, e que a minha desgraça era irremediável, retirei-me sem procurar justificar-me. Quando os remorsos me acabrunhavam o ânimo, relia a carta da Baronesa de Vilares, sentia renascerem as minhas dúvidas, e encontrava alguma atenuante ao meu procedimento na convicção de que qualquer homem de honra teria procedido da mesma maneira. Dei-lhes todas as explicações: agora espero a minha sentença!

EMÍLIA (*estendendo-lhe a mão*) – A minha[,] aqui a tem. Lastimo-o de todo o coração!

PAULO (*apertando-lhe a mão[,] comovido*) – Oh! Obrigado!

AUGUSTO – Eu também, senhor Paulo, perdoo-lhe o mal que fez à minha irmã; porque em iguais circunstâncias procederia como o senhor. Peço-lhe estas cartas, porque é necessário punir a miserável que tão infamemente caluniou minha irmã. A Baronesa de Vilares não pode ter sido cúmplice desta infâmia, porque eu lhe conheço a nobreza de caráter e tenho provas de sua amizade e estima por nós.

PAULO – São suas as cartas e peço-lhe que me associe aos seus planos de vingança.

AUGUSTO – Aceito. Agora vou explicar-lhe os motivos de nossa retirada do Rio de Janeiro, e que minha pobre irmã não quis dizer-lhe. Preciso também que me julgue. O irmão de Adelaide, no tempo de sua residência na capital do Brasil, era um rapaz leviano e jogador; mas não obstante seus vícios, exercia com toda honradez e lealdade o emprego de caixa de uma importante casa comercial. Uma noite, tentado por alguns amigos, retirou da caixa



certa quantia para jogar, firmemente resolvido a repô-la fielmente no dia seguinte, pois tinha em casa a referida quantia: a questão era de economia de tempo: saindo da loja[,] iria diretamente à casa de jogo. A fatalidade, porém, quis que o seu patrão desse pela falta naquela mesma noite e[,] no dia seguinte, quando o caixa ia repor o que tirara foi expulso ignominiosamente, sem se lhe permitir a menor explicação, na presença de todos os outros empregados da casa. Curvando a cabeça ao peso da vergonha, o pobre rapaz saiu; chegando à presença de seu pai, lançou-se-lhe aos pés e confessou-lhe tudo. O honrado ancião[,] lavado em lágrima, abraçou o filho e deu-lhe num ósculo o seu perdão, e dias depois abandonava com os seus filhos o Rio de Janeiro, onde o herdeiro de seu nome corria o risco de ser apontado como ladrão. Aqui chegados, o filho tratou de fazer esquecer a seu pai o desgosto que lhe dera, por uma conduta exemplar: jurou nunca mais jogar. O senhor[,] que me conhece, que por muito tempo frequentou comigo a mesma sociedade, dirá se cumpri ou não esse voto. Minha irmã, excessivamente impressionável e que me ama extremosamente, conservou sempre dolorosa lembrança do vexame pelo qual me fez passar a minha levianidade. Eis porque, interpelada pelo senhor, calou-se: julgou-o conhecedor desse fato e não quis confirmar a desonra de seu irmão. Pobre e querida irmã! Se tivesse falado, talvez tudo se houvesse descoberto a tempo!

PAULO – Sou um miserável! Não devia ter acreditado em semelhante infâmia!

AUGUSTO – Não, meu amigo; a calúnia é assim: tem o poder da peçonha; envenena a alma, destruindo-lhe a felicidade, do mesmo modo que a peçonha infiltra-se no sangue, destruindo a saúde, quando não produz a morte. A calúnia tudo denigre e não respeita sequer a inocência: quando menos, consegue sempre fazer nascer a dúvida. O senhor não é culpado: ante as provas que lhe apresentaram, todo o homem de honra teria feito o que o senhor fez. Em nome de minha irmã[,] ofereço-lhe o perdão e[,] com ele[,] a minha mão de amigo. *(Estende a mão[,] que Paulo aperta).*

PAULO *(comovido)* – Oh! Obrigado!... E agora... poderei vê-la?...

AUGUSTO – Sim, logo que ela acorde.

ADELAIDE *(dentro)* – Augusto! Emília! *(Augusto e Emília correm ao seu chamado).*

PAULO *(só)* – É a sua voz, meu Deus! Sinto-me desfalecer! *(Olha ansioso para o quarto, a cuja porta aparecem Augusto e Emília, amparando Adelaide[,] que levam para o sofá. Paulo, ao vê-la[,] cobre o rosto com as mãos e soluça).*

Cena VI

PAULO, AUGUSTO, EMÍLIA e ADELAIDE.

ADELAIDE – Quem chora?... *(Procurando ver Paulo, que se chega e ajoelha-se-lhe aos pés).*



PAULO – Perdão! Adelaide! Perdão!

ADELAIDE (*levantando-lhe a cabeça com as mãos e reconhecendo-o*) – Paulo! Sempre vieste!... Bendito seja Deus! Não morro sem te ouvir dizer que não me julgas culpada... Emília... Não te esqueças... Eu já não posso falar... Entrega-lhe...

EMÍLIA – Sim, sim, sossega!

PAULO (*sempre ajoelhado*) – Adelaide, perdoa-me! Dize que me perdoas, por piedade!

ADELAIDE – Perdooo... Sim, Paulo!... Adeus... Ame sua mulher! (*Deixa cair a cabeça[,] desfalecida*).

AUGUSTO e EMÍLIA (*com um grito de dor*) – Morta!

PAULO (*ainda ajoelhado, beija a mão de Adelaide, depois levanta-se e estendendo a mão sobre a cabeça de Adelaide, diz solenemente*) – Adelaide, santa vítima de uma calúnia infame, eu que fui o teu algoz, hei de vingar-te! Pelo nosso amor sacrificado, pelo perdão que acabas de me conceder[,] eu o juro!

CAI O PANO.



ATO III

Sala em casa da Baronesa de Vilares, imediata a outra; de onde saem os sons da música de um baile – A ação passa-se no Rio de Janeiro.

Cena I

[BARONESA e CRIADO.]

BARONESA (*contemplando um cartão de visita que tem na mão*) – Augusto de Mendonça de volta ao Rio de Janeiro!... Admira-me realmente e tarda-me vê-lo!

CRIADO (*anunciando*) – O senhor Augusto de Mendonça!

Cena II

BARONESA e AUGUSTO.

BARONESA (*correndo ao encontro de Augusto*) – Ah! Seja bem vindo!

AUGUSTO (*vestido de luto pesado[,] saudando-a*) – Agradeço-lhe, senhora baronesa, a bondade que teve de me conceder esta audiência, e peço-lhe perdão por vir entristecê-la no meio de uma festa.

BARONESA – Desculpe-me, senhor Augusto, ignorava que tivesse sofrido algum desgosto, mas agora reparo que está de luto, e...

AUGUSTO – É um luto duas vezes pesado, senhora baronesa: meu pai e minha irmã já não existem.

BARONESA (*apertando-lhe a mão*) – Quanto sinto, meu amigo! Mas como se deu essa dupla desgraça? Se não lhe é muito penoso, peço-lhe que me conte o que sucedeu.

AUGUSTO – Um único fim me trouxe ao Rio de Janeiro, onde, como vossa excelência sabe, jurara não tornar a pôr os pés, e para conseguir esse fim, tenho de lhe narrar a dupla desgraça que me feriu, porque espero o seu auxílio, senhora baronesa, na tarefa que me impus de vingar a morte de minha pobre irmã.

BARONESA – Vingar a morte de sua irmã! Porventura[,] foi ela assassinada?

AUGUSTO – Assassinada, sim! Covardemente assassinada! Mas eu principio, senhora baronesa. Vossa excelência sabe o que nos forçou a mudar a nossa residência para Porto Alegre, porque nada lhe ocultamos, como à amiga íntima que sempre foi de nossa família. Chegados à capital do Rio Grande do Sul, soubemos conquistar as simpatias da sociedade porto-alegrense, especialmente Adelaide, que era em tudo merecedora dessa simpatia, como vossa excelência, que tão bem a conheceu, pode julgá-lo. Entre os moços que faziam parte dessa sociedade, um soube merecer o amor de minha irmã; era um moço distintíssimo e foi por isso aceito com verdadeiro prazer o pedido que ele fez da mão de Adelaide. Pois bem: quase em vésperas de se realizar esse casamento, o noivo de minha irmã retira-se daquela cidade, e um mês depois recebíamos a participação de seu casamento com outra.



BARONESA – Oh! Mas isso é indigno!

AUGUSTO – Verá que não, senhora baronesa. Mas eu continuo: mortalmente ferida no seu amor e na sua dignidade, minha irmã caiu gravemente enferma e poucos meses depois expirava, perdendo ao seu algoz. Sentindo-se morrer, quisera vê-lo e então tudo se explicou: minha irmã havia sido atrocemente caluniada ante o noivo, e serviram-se do seu nome, senhora baronesa[,] para corroborar a calúnia.

BARONESA – Do meu nome?!... E puderam crer?

AUGUSTO – Tranquelize-se, senhora baronesa; nem por um momento sequer suspeitei da lealdade de vossa excelência para conosco. Estou convencido de que a fizeram figurar em todo esse negócio, abusando da sua boa fé. (*Depois de tirar da carteira um papel, entrega-o à baronesa*). Conhece esta carta?

BARONESA (*examinando a carta*) – É minha! Mas de que modo foi esta carta figurar em tudo o que me conta?

AUGUSTO – Esta carta foi apresentada ao noivo de minha irmã, assegurando-se-lhe que nela se tratava de Adelaide.

BARONESA – Oh! Que infâmia!

AUGUSTO – Infâmia, sim! Mas que foi acreditada e que causou a morte de minha irmã e de meu pai[,] que não pôde sobreviver-lhe.

BARONESA – Oh! Senhor Augusto, quanto deve ter-me odiado, julgando-me cúmplice...

AUGUSTO – Já tive a honra de dizer a vossa excelência que nem um momento duvidei de sua lealdade; peço-lhe, porém, que me esclareça sobre um ponto: como foi que respondeu nestes termos, não sendo exato o que refere nesta carta?

BARONESA – O fato é real, mas não se tratava de sua irmã. Pelos termos desta carta bem vê o senhor que apelavam para mim, com o fim de salvar um moço distinto de ser vítima de uma embusteira: tratava-se de uma boa ação e por isso acedi. Pediam-me que não nomeasse, na minha resposta, a moça de que se tratava, porque o moço já estava informado e não era preciso comprometê-la mais, no caso de extraviar-se ou perder-se a carta. Agora é que compreendo o verdadeiro motivo de semelhante cautela! Quanta sutileza para o mal!... Mas, eu vou buscar a carta a que respondi, para provar-lhe...

AUGUSTO (*interrompendo-a*) – Vossa excelência não precisa justificar-se a meus olhos, senhora baronesa; peço-lhe, porém, essa carta[,] para juntar às outras com que pretendo desmascarar publicamente a caluniadora.

BARONESA – É sua.

AUGUSTO – Agora resta explicar-lhe qual é o auxílio que espero de vossa excelência. Sei que D. Mariana de Souza continua a manter com vossa excelência estreitas relações, que se acha ali, naquela sala...

BARONESA – E então, que deseja?



AUGUSTO (*levantando-se*) – Que vossa excelência me conceda a permissão de desmascarar a caluniadora, hoje, no meio do baile[,] e que me prometa expulsá-la de seus salões, após a revelação pública de sua infâmia.

BARONESA (*levantando-se também*) – Um escândalo[,] assim[,] na minha casa!

AUGUSTO – Um escândalo, sim, mas no qual vossa excelência representará um papel que lhe granjeará louvores. Lembre-se de que a infame se serviu do nome honrado de vossa excelência para[,] com ele[,] fazer acreditar a calúnia. Vossa excelência expulsando-a, dá um nobre exemplo à sociedade, ensinando-lhe que deve repelir sem piedade[,] de seu seio, esses entes miseráveis que escolhem a arma traiçoeira da calúnia, para ferir as reputações mais ilibadas. O caluniador é um ente perigoso para a sociedade, é um elemento perturbador da paz e harmonia das famílias. Quantas vítimas não poupará vossa excelência tornando conhecida de todas essa víbora?

BARONESA – Tem razão: devo-lhe essa reparação pelo mal que, sem saber, ajudei a fazer-lhe. Expulsarei hoje de minhas salas a vil caluniadora.

AUGUSTO – Ainda um favor: peço-lhe um convite para um amigo meu: Paulo de Castro: é aquele que foi noivo de minha irmã. O pobre moço também foi uma vítima e é hoje o mais desgraçado dos homens. Convencido de ter causado, com o seu procedimento, a morte de minha irmã, consumido pelo remorso, jurou ante o cadáver de Adelaide que a vingaria. É ele que quer desmascarar D. Mariana de Souza: por coisa nenhuma quer ceder-me esse direito.

BARONESA (*indo à mesa e tomando dois cartões*) – Aqui tem um para o senhor e outro para ele.

AUGUSTO – Obrigado. Retiro-me, senhora baronesa, mas breve aqui estarei; meu amigo espera-me impaciente, perto daqui, vou buscá-lo.

BARONESA – Sim, traga-o, que será bem recebido.

AUGUSTO – Até já, senhora baronesa.

Cena III

[BARONESA, só.]

BARONESA – De quanta infâmia é teatro esta sociedade em que vivemos! Como precaver-se um homem de honra contra os botes certos que à sua reputação dirigem esses entes desprezíveis e infames que lançam mão da intriga e do anônimo para conseguir seus fins? Pobre Adelaide! Tão amável, tão virtuosa, tão pura, sacrificada por uma vil caluniadora! E depois de ter feito tantas vítimas, de ter semeado tantas desgraças, a miserável impudente apresenta-se na sociedade, acobertada com o manto da hipocrisia, a receber as homenagens devidas tão somente à virtude. Sim, Augusto tem razão: é necessário um exemplo, ainda a custo de um escândalo! Que a execração, o desprezo público, sejam o prêmio de tanta perfídia. Adelaide, eu também ajudarei a vingar-te! (*Toca uma campainha e aparece um criado*).



Cena IV

BARONESA e o CRIADO.

BARONESA – Quando vier o senhor Augusto[,] com outro moço que deve acompanhá-lo[,] introduza-os nesta sala e vá chamar-me.

CRIADO – Sim, senhora. *(A baronesa retira-se).*

Cena V

[CRIADO, só.]

CRIADO *(olhando para a sala do baile)* – Sim, senhores; está animado o baile! Mas por que, enquanto os amos dançam naquela sala, não podem os criados dançar nesta, com a mesma música? Nada seria mais justo; divertiam-se todos sem prejuízo do serviço, e não ficávamos nós com água na boca. Nada! Vou convidar os meus colegas para uma greve, que é o meio pelo qual hoje em dia tudo se consegue: havemos de impor aos patrões esta condição: quando houver baile em casa, os criados também hão de dançar, senão não servimos, ora aí está! E sabe Deus até quando terei de esperar aqui o tal senhor Augusto, podendo estar na copa, saboreando um calix do fino! Triste condição a do criado de casa rica!

Cena VI

O MESMO, AUGUSTO e PAULO.

AUGUSTO *(ao criado)* – A senhora baronesa?

CRIADO – Vou preveni-la de sua chegada. *(Sai).*

AUGUSTO *(a Paulo)* – Eis-nos, enfim, a ponto de realizar a nossa vingança. Sentes-te com a coragem necessária para levá-la a cabo?

PAULO – Se me sinto com coragem?... Oh! que sim! Se no meio do desalento que me aniquila, só a esperança deste momento consegue reanimar-me! Ah! Augusto, tu nunca compreenderás o que sinto! Só a vingança poderá derramar um pouco de bálsamo na ferida que o remorso me abriu no coração: só me vingando dessa infame, farei jus ao perdão que tua pobre irmã me concedeu na hora da morte, sendo eu o seu assassino.

AUGUSTO – Não quero ver-te entregue sempre a essas ideias penosas: minha irmã perdoou-te e nunca cessará de te amar; eu, pedindo conselho à retidão de minha consciência, também te absolvo, porque no teu caso teria procedido como tu. Apela também para a tua consciência e sê forte! Lembra-te de que Adelaide[,] na hora extrema[,] recomendou-te que amasses tua mulher. Não tens o direito de sacrificar uma inocente: a honra e o dever impõem-te a obrigação de procurares fazer a felicidade de tua mulher, tanto mais quanto ela é um anjo de bondade e... ama-te, meu amigo.

PAULO – Terás razão; mas isto é mais forte do que a minha vontade!

AUGUSTO – Luta!



PAULO – Lutarei, sim, mas contra a serpente que aniquilou com a sua calúnia maldita todo um futuro de felicidade! Quanto me tarda o momento de expor essa miserável ao desprezo de todos!

AUGUSTO – Não tardará muito: ânimo!

Cena VII

OS MESMOS e a BARONESA.

BARONESA – Desculpe-me tê-los feito esperar, senhor Augusto.

AUGUSTO (*apresentando Paulo*) – O senhor Paulo de Castro, o amigo em quem lhe falei, senhora baronesa.

BARONESA (*apertando a mão de Paulo*) – Sinto, senhor Paulo, que as nossas relações de amizade se estabeleçam em tão tristes circunstâncias; mas espero que continuará a honrar a minha casa, e eu, logo que puder, irei visitá-los, porque espero fazer de sua mulher uma boa amiga.

PAULO – Agradeço-lhe, por mim e por ela, senhora baronesa.

BARONESA (*entregando um papel a Augusto*) – Aqui tem a carta de D. Mariana: leia-a[,] para ter a prova irrefutável de minha inocência em toda a sua desgraça.

AUGUSTO – Nunca duvidei dela, senhora baronesa. (*Lê e depois dá a carta a Paulo*). Aqui a tens: vê que torpeza!

PAULO (*depois de ler*) – Infame! (*À baronesa*). Vossa excelência já está informada de tudo; avalia[,] sem dúvida[,] a minha impaciência em vingar a minha pobre Adelaide... Se está pronta a auxiliar-me, por favor, peço-lhe, apresse o momento... D. Mariana já está naquela sala...

BARONESA – Venha comigo; apresentá-lo-ei aos meus convidados e retirar-me-ei, a fim de deixar-lhe a liberdade de desmascará-la, sem que ela possa apelar para o meu dever de dona de casa, a fim de o fazer calar. No momento oportuno, achar-me-á pronta a cumprir a minha promessa: a intrigante caluniadora será expulsa desta casa. Venha! (*Dá-lhe o braço e entra com ele na sala do baile*).

AUGUSTO – Pobre Paulo! Não há como arrancá-lo à sua melancolia, senão lembrando-lhe a vingança! Enfim chegou o momento tão ardentemente desejado por ele e por mim, em que aquela vil caluniadora terá de curvar a cabeça ao peso da ignomínia e da execração: chegou o momento em que minha irmã vai ser vingada! (*Olhando para a sala do baile*). Eis a baronesa que volta, deixando Paulo[,] que se dirige ao grupo em que se acha D. Mariana.

Cena IX

AUGUSTO e a BARONESA.

AUGUSTO – Então, senhora baronesa?

BARONESA – Muito intenso é o ódio que vota seu amigo àquela mulher! Apenas a avistou, abandonou-me o braço e quis precipitar-se para ela; conteve-se, porém, e sacudiu a cabeça com furor e eu o ouvi murmurar: – Oh! Se não fosse uma mulher!... Conseguiu, enfim, dominar-se e lá o deixei.



AUGUSTO – Ele tem razão de sobra para odiá-la assim; aquela mulher fez-lhe um mal horrível; receio mesmo que Paulo jamais se restabeleça, pois o considero gravemente enfermo, em consequência dos seus sofrimentos morais.

BARONESA – Procuraremos os meios de arrancá-lo ao seu desespero. Diga-me, porém, uma coisa: ele casou-se sem amor, eu sei; mas a mulher ama-o ou não?

AUGUSTO – A mulher adora-o: é um anjo de bondade e de dedicação, consagrando-se toda a consolá-lo e sofrendo por ver infrutíferos todos os seus esforços. Paulo abandona-se à sua dor, e, egoísta no seu sofrimento, não percebe sequer os da esposa; ela entretanto é jovem, bela, meiga e virtuosa.

BARONESA – Paulo há de vir a amá-la! Até agora tem vivido para a vingança; essa ideia absorvia-o inteiramente, mas, realizada que seja esta, seu coração se voltará novamente para a vida: é moço e[,] na sua idade[,] a esperança renasce depressa.

AUGUSTO – Deus a ouça, senhora baronesa, mas eu receio o contrário! Até aqui só conseguia arrancá-lo ao torpor que o avassalava, falando-lhe na vingança.

BARONESA – Não desesperemos; prometo-lhe todo o meu auxílio e[,] para principiar, amanhã irei visitar a mulher de Paulo, pois o seu amigo me inspira a mais viva simpatia e o maior interesse. Falando com sua mulher, espero fazer aliança com ela, no sentido de curar o seu amigo.

AUGUSTO – É uma digna moça. Conheceu, depois de casada, toda a história do amor de Paulo por minha irmã e, longe de fazer-lhe recriminações por havê-la sacrificado a um sentimento de despeito, lamenta-o sinceramente e muitas vezes tenho-a visto chorar, falando em Adelaide.

BARONESA – É um anjo[,] então! Desejo muito conhecê-la e não pouparei sacrifícios para contribuir de algum modo para sua felicidade e de Paulo, para cujo infortúnio concorri de uma maneira tão decisiva! (*Ouve-se rumor na sala do baile*). Que será isto?

AUGUSTO (*olhando para a sala do baile*) – Paulo já falou! D. Mariana está pálida e trêmula de cólera... Paulo está cercado por grande número de cavaleiros e dá-lhes a ler as cartas que levou: veja, baronesa.

BARONESA (*olhando*) – É isso. Esperemos agora o desenlace[,] que não deve tardar. (*Toca a campainha e aparece o criado*). Traga mais luzes para esta sala. (*O criado retira-se e volta logo com luzes[,] que coloca sobre as mesas*).

AUGUSTO (*sempre observando a sala do baile*) – Paulo continua a falar aos cavalheiros que o cercam e prestam-lhe toda atenção. D. Mariana quer levantar-se, mas Paulo segura-a pelo pulso e a obriga a sentar-se novamente... Ah!... (*Ouve-se grande tumulto na sala do baile e a voz de D. Mariana, que diz: É demais! Vou queixar-me à baronesa!*).



Cena X

BARONESA, AUGUSTO, PAULO, D. MARIANA e CONVIDADOS.

D. MARIANA – Baronesa! Baronesa!

BARONESA – Que tumulto é este, senhores? Que sucedeu? Fale[,] D. Mariana; que deseja de mim?

D. MARIANA – Fui publicamente desrespeitada, insultada, caluniada em sua casa, senhora baronesa; exijo uma reparação!

BARONESA – Mas, quem foi?

PAULO (*adiantando-se*) – Fui eu, senhora baronesa. Mas esta senhora falta à verdade, dizendo que eu a insultei e caluniei; apenas lhe arranquei a máscara com que se comprazia em semear a intriga na sociedade. Os dignos cavalheiros e distintas senhoras que ouviram a narração da minha triste história, que tiveram nas mãos estas cartas, provas irrecusáveis da perfídia desta mulher, agradecer-me-ão o ter-lhes feito conhecer o monstro que acolhiam no seio de suas famílias. Pergunte-lhes se não estão convencidos de que esta mulher é uma caluniadora.

CONVIDADOS – Sim! Sim! É verdade!

D. MARIANA – É demais, senhora baronesa! Vossa excelência consente que em sua casa sejam assim insultados os seus convidados?

PAULO (*atalhando-a*) – Insultá-la! Pois há insulto que te atinja, serpente? Ainda que morresses ao peso da vergonha por que te faço passar, não resgatarias o mal que fizeste, pois não restituirias a vida às inocentes vítimas que imolaste, infame caluniadora!

D. MARIANA – Senhora baronesa, exijo uma satisfação a tantos insultos! Como convidada de vossa excelência[,] tenho o direito exigir-lha, e vossa excelência o dever de dar-ma. Exijo que este homem seja expulso de sua casa: ou ele sai ou eu!

BARONESA – Vou submeter a escolha a estes senhores, a quem constituo juízes na questão. Meus senhores e minhas senhoras: ouviram a narração[,] em tudo verdadeira[,] que lhes fez o senhor Paulo de Castro, e pelas cartas que ele lhes apresentou ficaram conhecendo a parte que tomei em todo esse triste sucesso. Sem o saber, contribui para a morte de uma pobre moça, que conheci e a quem amava extremosamente. Devia uma reparação aos senhores Augusto de Mendonça e Paulo de Castro, o primeiro irmão e o segundo noivo dessa moça: dei a que me pediram, permitindo que tivesse lugar em minha casa, no meio deste baile, a explicação que acaba de ter lugar. Agora, senhores, escolham: devo permitir que semelhante mulher continue a frequentar a minha casa, expondo assim meus amigos a serem vítimas de suas intrigas e calúnias?

CONVIDADOS – Não! Não é possível!



BARONESA – Ouviu, senhora? De hoje em diante estão fechadas para D. Mariana de Souza as portas de minha casa. Quanto ao senhor Paulo de Castro, muito me honrará, se continuar a frequentá-la.

CONVIDADOS – Muito bem!

D. MARIANA (*com raiva*) – Miseráveis!... Senhora baronesa, há de pagar-me bem caro a vergonha por que me faz passar neste momento, eu lho prometo!

AUGUSTO – Nada receie, senhora baronesa; D. Mariana de Souza não poderá servir-se mais das suas armas prediletas. O estigma de caluniadora que leva daqui estampado na fronte, torná-la-á por demais conhecida! A víbora perdeu os dentes e a peçonha: já não pode morder!

D. MARIANA – É demais, senhores. Impassíveis[,] deixais insultar em vossa presença uma mulher! Oh! Vós não sois cavalheiros! Retiro-me, senhora baronesa, e oxalá vossa excelência não tenha que arrepender-se das lágrimas de vergonha e de cólera que me fez derramar!

PAULO – Vai, infame caluniadora! Tu que não hesitaste em ferir[,] com a tua língua viperina[,] a reputação da mais casta e santa das virgens, eu te maldigo, a ti que me fizeste o algoz daquele anjo idolatrado! Mas[,] pela memória daquela mártir[,] eu jurei perseguir-te com a minha vingança: verás as portas se fecharem diante de ti, e a lembrança da tua vítima acompanhar-te por toda a parte, como a corrente segue o galé, fazendo-lhe lembrar com o seu tinir sinistro o seu crime e o seu castigo. Obrigado, senhora baronesa, obrigado! Adelaide, tu que me perdoaste o ter sido o teu algoz, aceita a minha vingança, como um tributo de amor à tua memória santa. O juramento que fiz[,] ante o teu cadáver, está cumprido, a miserável que te matou ao peso de uma calúnia infame, só terá por partilha neste mundo a vergonha e o opróbrio, e a sociedade aprenderá comigo a não acolher tão facilmente as pérfidas insinuações da maledicência e da calúnia!

CAI O PANO.

FIM



A CULPA DOS PAIS

Drama em três atos

por

Anna Aurora do Amaral Lisboa

RIO PARDO

Edição da Tipografia Popular

1931⁴⁸

⁴⁸ O drama *A culpa dos pais* foi originalmente publicado no jornal *A Reforma* (edições de 14 a 30 de novembro de 1898). Em Coutinho & Sousa (2001, p. 950), a peça, que foi representada em Taquari, RS, entre 1891/1905 (Hessel, 1999, p. 161), aparece como sendo de 1902, ano em que voltou a ser publicada, agora em livro (Porto Alegre: Tipografia da Livraria Americana). O drama mereceu uma terceira publicação, desta vez juntamente com *As vítimas do jogo*, *A calúnia*, *Pela pátria* (dramas), *Quem tudo quer...* (comédia) e *Pedro e Antônio ou Não saber ler* (Cena dramática), em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931 (em cuja apresentação consta que, a exemplo de *As vítimas do jogo* e *A calúnia*, essa peça foi submetida à apreciação de um crítico, em 1896). O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar dessa edição. O jornal *A Reforma*, em que ocorreu a primeira edição, pode ser encontrado no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre.



AOS MEUS LEITORES

Não é um trabalho novo o que tenho o arrojo de confiar à proteção dos meus patrícios.

Em 1896 sujeitei o presente drama ao juízo crítico do ilustrado educacionista Sr. Appolinário Porto Alegre, e o seu parecer, bastante lisonjeiro, animou-me a publicar “A culpa dos pais” em folhetim, na *Reforma*, de que eu era colaboradora e cujos leitores eu confiava que saberiam perdoar ao correligionário os conceitos excessivamente benévolos com que me penhorou o crítico, e a mim a vaidade de os tornar conhecidos.

Publicado assim o meu drama, foi ele representado em cinco ou seis localidades do Estado, recebendo eu de todas elas comunicação de ter sido bem acolhido pelas plateias.

Tal sucesso dissipou em parte os meus receios de que o sentimento de simpatia pela autora houvesse de alguma forma influído na benevolência com que, sobre o meu trabalho, haviam se pronunciado os ilustríssimos senhores Appolinário Porto Alegre e Antonio Alves Teixeira, cujos pareceres adiante lerão. A desconfiança própria sobre o mérito de minhas produções literárias assoberba-me o espírito, sempre que penso em expô-las à crítica de todos.

Resolvendo-me agora a publicar, pela forma por que o faço, “A culpa dos Pais”, confesso que para isso influíu definitivamente a carta que se segue, do conhecido e apreciado literato, poeta, prosador e dramaturgo, senhor Damasceno Vieira. Como se depreende dos termos da citada carta, nem sempre teve o ilustre patrício louvores a dar-me, o que me tranquiliza sobre a sinceridade do seu juízo, quanto ao trabalho que ora dou à publicidade, de conformidade com o seu conselho.

Não obstante, porém, achar-me amparada pelos três pareceres que precedem a leitura do meu drama, apelo para a benevolência dos literatos da minha pátria para que me perdoem a audácia com que me coloco no número dos autores.

Anna Aurora do Amaral Lisboa
Rio Pardo – 1902.



Nota: Conforme referido acima, a edição de 1931 contém a reprodução de uma carta de Anna Aurora do Amaral Lisboa ao Dr. Antonio Alves Torres (Rio Pardo, 10 de janeiro de 1896), a resposta de Alves Torres, contendo a apreciação de *A culpa dos pais* e *As vítimas do jogo* (Rio Pardo, 24 de fevereiro de 1896) e as “opiniões” de Appolinário Porto Alegre (Casa Branca, 12 de outubro de 1896) e Damasceno Vieira (Bahia, 8 de abril de 1901).



PERSONAGENS

CECÍLIA CARVALHO, costureira, 19 anos.
ARTUR DE ANDRADE, estudante, 19 anos.
DR. LAURO DE ANDRADE, pai de Artur, 42 anos.
PEDRO DE ANDRADE, irmão de Lauro, 48 anos.
EDUARDO DE LIMA, estudante, 20 anos.
FRANCISCO DE LEMOS, capitalista, 52 anos.
SERAFIM, enfermeiro, 56 anos.
OUTRO ENFERMEIRO.



ATO I

O cenário representa uma modesta sala de costura: uma mesa com preparos de costuras, uma máquina, etc., e algumas cadeiras. Janelas ao fundo dando para a rua; a um lado uma porta comunicando com um corredor de entrada, ao outro lado portas ou janelas. Ao levantar o pano, Cecília[,] em atitude meditativa, conserva negligentemente entre as mãos, caídas no regaço, uma peça qualquer de costura.

Cena I

[CECÍLIA, só.]

CECÍLIA (*como despertando, passa a mão pela testa*). Mas isto não pode continuar assim! Esta ideia horrível absorve-me e eu nem posso trabalhar! É preciso tomar uma resolução; é preciso pôr entre mim e Artur uma barreira que ele não possa vencer! Dizer-lhe que não o amo, que me enganava, supondo amá-lo! E terei forças para tanto[,] meu Deus? Amar, saber que sou amada, e renunciar à felicidade[,] para ser leal àquele a quem amo! Porque não conheci eu mais cedo o mistério que envolve o meu nascimento, porque não me havia de ser revelado este segredo antes de concentrar neste amor todas as minhas risonhas esperanças de um futuro feliz! Oh! Minha pobre mãe! Eu não me queixo de ti! Sei que foste muito infeliz, sei que sofreste muito por mim, antes de seres o que hoje és! Descansa; se me ocultas com tanto cuidado a tua desgraça, não serei eu quem acabará de encher de fel o cálix de tuas amarguras! (*Depois de uma pequena pausa, como quem toma uma resolução*). Coragem!... Trabalhemos! (*Dá alguns pontos na costura*).

Cena II

CECÍLIA e EDUARDO.

EDUARDO (*batendo à porta*) – Abra, vizinha, faça favor!

CECÍLIA (*abrindo a porta*) – Bom dia, senhor Eduardo, que novidade o traz aqui?

EDUARDO – Que há de ser, vizinha? Luizinha pediu-me que trouxesse este corte de vestido para que a senhora o faça, e recomendou-me muito que esperasse para saber o que mais é preciso, a fim de ir às lojas. (*Colocando a fazenda em cima da mesa*). Veja lá, vizinha, examine: eu espero... (*Senta-se*).

CECÍLIA – Hoje é impossível, senhor Eduardo; tenho entre mãos um trabalho que preciso acabar com brevidade. Deixe ficar o vestido e diga à sua irmã que irei falar-lhe assim que acabar o que estou fazendo.

EDUARDO – Não faça tal, por quem é!

CECÍLIA – Então[,] que tem isto? Se sua irmã tem muita pressa do vestido, então peça-lhe que o leve a outra costureira, porque, antes de uma semana, não poderei servi-la.



EDUARDO – Não, ela não tem pressa; mas não lhe diga nada, no fim de uma semana virei saber a sua resposta.

CECÍLIA – Prefiro ir eu mesma: quero combinar com sua irmã sobre o figurino.

EDUARDO – Deixe-se disso, D. Cecília! Luizinha confia cegamente no seu bom gosto.

CECÍLIA – Em todo o caso, é escusado o senhor voltar aqui; eu verei o que falta e mandarei dizê-lo a D. Luizinha.

EDUARDO – Vejo que preciso revelar-lhe um segredo. Luizinha não foi quem mandou fazer o vestido; eu é que quero causar-lhe uma surpresa. Já vê que...

CECÍLIA – Eu o que vejo, senhor Eduardo[,] é que preciso falar-lhe seriamente. As suas visitas a esta casa têm-se tornado, de certo tempo para cá, muito frequentes; sob um pretexto ou outro, o senhor quase que diariamente aqui vem. Reflita um pouco, e concordará que isto não me pode convir por todos os motivos; prejudica-me.

EDUARDO – Prejudica-a!... Como?

CECÍLIA – Em primeiro lugar, como agora, roubando-me o tempo que eu devo empregar no trabalho, que é, como sabe, o meu único meio de subsistência.

EDUARDO – E pensa que não é com verdadeiro sentimento de pesar que a vejo ferir esses belos dedos, e arruinar a sua saúde com esse árduo trabalho? Oh! Se a senhora quisesse aceitar o meu auxílio, não precisaria fatigar-se assim...

CECÍLIA – O seu auxílio? Essa agora é boa! E com que título me oferece semelhante auxílio?

EDUARDO – Com o da amizade, o mais sagrado de todos.

CECÍLIA – Não, senhor Eduardo: o senhor sabe muito bem, que o mundo é severo e exigente: aos seus olhos a amizade não é um título suficiente para justificar a proteção de um homem a uma mulher moça. Se é certo, porém, que alguma amizade e estima lhe mereço, dê-me uma prova, que saberei agradecer-lhe, pondo um termo às suas visitas.

EDUARDO – Estranha prova me pede a senhora! É-lhe então a minha presença tão desagradável, que assim deseje privar-me do prazer de vê-la?

CECÍLIA – Não é a sua presença que me desagrada; é o inconveniente de suas visitas para minha reputação que preciso evitar. Os vizinhos já repararam talvez na sua assiduidade, e suas murmurações não me podem ser favoráveis de maneira alguma. Como sabe, vivo quase só: a dona desta casa, quase sempre recolhida aos seus aposentos pelo seu estado de saúde, confia cegamente em mim, porque criou-me desde menina; mas se alguma maledicência a meu respeito chegar-lhe aos ouvidos, receio muito a sua severidade. Torno, pois, a pedir-lhe que não procure pretextos para vir aqui; aliás[,] ver-me-ei obrigada a dizer a D. Luizinha que não posso continuar a ser sua costureira.



EDUARDO – Não faça tal, D. Cecília! Reconheço a sua sensatez e a justiça das suas razões. Submeto-me, pois, e obedeço-lhe; não esqueça, porém, se algum dia resolver-se a pedir o auxílio de alguém, que eu lhe ofereci o meu, sincero e desinteressado. Desisto da surpresa que queria causar à Luízinha, levo-lhe o corte de vestido como está. (*Vai à mesa buscar o vestido e esconde uma carta debaixo das costuras*). D. Cecília, aceite a minha submissão como prova de estima e conte sempre com um criado às suas ordens.

CECÍLIA – Obrigada; saberei ser-lhe reconhecida. (*Eduardo cumprimenta-a e sai. Cecília vai fechar a porta*).

Cena III

[CECÍLIA, só.]

CECÍLIA – Julga-me tão ingênua que não perceba o valor dos seus oferecimentos! Oh! A terrível história de minha mãe, que de um modo tão triste vim a conhecer, deu-me bem cedo uma triste experiência. Os homens são todos os mesmos! A honestidade de uma moça pobre é para eles um passatempo nos seus momentos de ócio! Ainda a este, um resto de pudor e de estima pela minha pessoa impede de fazer-me as suas propostas com o rude cinismo com que outros o tem feito. Miseráveis! Lançam no caminho da perdição uma moça honesta[,] a quem o amor num momento de desvario fez acreditar nos seus falsos protestos, e apontam-na mais tarde às suas filhas como criaturas desprezíveis[,] dignas de eterna condenação! Quando penso em minha mãe, no que ela tem sofrido, odeio todos os homens e julgo até que não amo Artur. Não amar Artur!... Oh! Isso seria impossível! Mas amá-lo! Amá-lo com todas as forças da alma e ter de negá-lo! Não quero pensar nisto! Não quero!... Vamos trabalhar... Esquecer!... (*Vai à mesa, levanta a costura e encontra a carta de Eduardo*). Uma carta! Que significa isto? (*Abre a carta e caem de dentro algumas notas*). Dinheiro! Que quer isto dizer? Vejamos: (*Lendo*). “Adorável vizinha – Não posso por mais tempo calar o segredo que a sua severidade para comigo tantas vezes tem suspenso em meus lábios: amo-a, Cecília, adoro-a e o meu mais ardente desejo é fazê-la minha esposa. Antes de falar-lhe[,] pedi autorização a meu pai e ele negou-me terminantemente. O meu amor, porém[,] não se conforma com a tirania paterna e estou resolvido a obrigar meu pai a dar-me o seu consentimento; depende isso unicamente da senhora, encantadora Cecília. Simularemos um rapto; a senhora sairá de sua casa em minha companhia e eu a levarei a uma casinha retirada aonde a receberá de braços abertos uma respeitável senhora, minha tia, que se presta a ajudar-me, porque me ama e deseja a minha felicidade. A justiça, informada do seu desaparecimento, descobrirá o nosso refugio e meu pai será obrigado pela lei a consentir no nosso casamento. É um pequeno escândalo que lhe farei esquecer à força de amor e carinhos. Após o nosso casamento, se quiser, mudaremos de terra. Sofro horrivelmen-



te com a ideia de a ver exposta às ciladas do mundo e a minha ventura consistirá em ser o seu protetor natural – seu esposo. Nutrindo a esperança de que aceitará o meu amor e o meu plano, remeto-lhe essa quantia para as primeiras despesas do seu enxoval. Aceite-a como dádiva do seu noivo muito amante – *Eduardo de Lima.*” Sim, senhor Eduardo de Lima! Imaginou, sem dúvida, que a pobre Cecília, fascinada com a ideia de ser sua esposa, correria ao encontro da desonra, com o sorriso do triunfo nos lábios! Era uma fácil conquista e faria honra a um rapaz da moda; dar-lhe-ia um novo prestígio aos olhos de seus companheiros! Enganou-se, porém, meu senhor! A pobre costureira prefere viver parcamente do seu trabalho, a trocar a sua honestidade por um punhado de ouro. Mas é preciso pensar no modo de restituir-lhe este dinheiro sem pôr ninguém ao fato do que se passou... (*Batem à porta e Cecília vai abrir.*)

Cena IV

CECÍLIA e FRANCISCO DE LEMOS.

FRANCISCO (*entrando*) – Bom dia, encantadora Cecília!

CECÍLIA (*à parte*) – Oh! Ainda este homem!... (*Alto*). Que deseja o senhor Francisco de Lemos?

FRANCISCO – Aqui lhe trago a importância da conta que mandou dos vestidos que fez à minha mulher e à minha filha: verifique. (*Entrega-lhe o dinheiro*).

CECÍLIA (*com ar severo, restituindo-lhe o dinheiro*) – Senhor, eu não aceito esmolas e sim o valor do meu trabalho; aqui tem dinheiro demais.

FRANCISCO (*chegando-se para ela*) – É um adiantamento. Já refletiu na minha proposta?

CECÍLIA – Retira-se, senhor! Leve o seu dinheiro; aqui ninguém se vende! Saia!

FRANCISCO – Não se zangue, Cecília, e responda-me: aceita ou não a existência que lhe ofereço?

CECÍLIA – Basta! senhor, nem mais uma palavra! Saia desta casa!

FRANCISCO – Não, Cecília! É preciso acabar com isto, é preciso que ouça. Já não posso viver sem a senhora e sou capaz de uma loucura! Pela senhora[,] eu sacrificaria tudo, tudo!

CECÍLIA – Miserável!... Esquece que tem mulher e filha!

FRANCISCO – Mulher!... Filha!... Isso que importa, se a amo mais do que a elas, Cecília? Diga uma palavra, e eu abandonarei mulher e filha para consagrar à senhora a minha vida inteira! Oh! Cecília, não sabe de quanto seria eu capaz para alcançar o seu amor!

CECÍLIA – Infame!

FRANCISCO (*apaixonado*) – Diga-me, Cecília, já comparou alguma vez[,] pela imaginação, a vida de prazeres e de luxo que lhe ofereço com a vida de pri-



vações e de trabalho que passa aqui? Quando alisa diante do espelho esses belos cabelos e contempla seu colo nu, já pensando que bem ficaria[,] nos primeiros[,] um fio de perolas e[,] no segundo[,] um colar de brilhantes? Imaginou, porventura[,] que realce daria a esse corpo esbelto e gentil, a substituição desse modesto vestido de chita por outro de seda? Não vê que esses dedos delicados foram destinados para se ornarem de preciosos anéis e não para se deformarem à força de trabalho? Em lugar de passar o dia a trabalhar para sustentar-se, ter o necessário para satisfazer a todas as suas fantasias! Ter carros e criados às suas ordens: mandar e ser obedecida! Bela como é, seria a rainha da moda e do luxo, invejada por todas as mulheres! Sou rico, Cecília, muito rico, e em troca do seu amor deporia a seus pés toda a minha fortuna; os seus caprichos seriam ordens para mim...

CECÍLIA – Basta, senhor. É inútil tentar-me: não há riqueza que apague a nódoa que a desonra estampa na fronte da mulher perdida!

FRANCISCO – Muito bem, menina! Acaba de fazer a apoteose de sua mãe!

CECÍLIA – Minha mãe!... O senhor falou em minha mãe?!

FRANCISCO – Já que resiste às súplicas ardentes do meu amor, lançarei mão de outros meios. Estou resolvido a acabar com esta situação: ou há de aceitar as minhas propostas, ou revelarei a todos o segredo de sua mãe.

CECÍLIA (*coabrindo o rosto com as mãos*) – O segredo de minha mãe! Oh! Meu Deus!...

FRANCISCO – Falemos com calma, para bem nos entendermos. Escute. Quando pela primeira vez a vi[,] em minha casa, onde fôra experimentar um vestido à minha filha, senti-me logo apaixonar doidamente pela senhora. Procurei tornar a vê-la e fiz-lhe as minhas propostas, que a senhora recusou orgulhosamente. Não estou acostumado à resistência, e a sua irritou-me e inflamou mais ainda a minha paixão. Jurei a mim mesmo que havia de vencê-la e que a senhora havia de ser minha. Tenho informações; soube que a senhora, confiada desde menina à dona desta casa, recebia de tempos em tempos a visita de sua mãe, que era uma senhora viúva[,] residente numa pequena povoação do interior. Disfarçado, rondei esta casa dias e noites seguidamente, até que um dia vi chegar em um carro de aluguel uma senhora vestida de preto, coberta com um véu. Era sua mãe, como me disse o criado que estava junto à porta. Ocultei-me até que ela saísse e surpreendeu-me, quando a vi levantar o véu para enxugar as lágrimas, a sua semelhança com certa mundana assaz célebre em um bairro afastado daqui. A noite estava escura e eu disfarçado: sentei-me na traseira do carro e quando este parou, saltei logo e escondi-me no vão de uma porta. Sua mãe apeou-se, pagou o cocheiro e entrou em uma modesta casinha, cuja porta fechou por dentro. Esperei com paciência para vê-la sair: algum tempo depois[,] vi abrir-se a porta e sua mãe sair com outro traje. Não me enganava a sua semelhança; entretanto, para mais certificar-me, aproximei-me e ofereci-lhe o braço que ela aceitou, rindo, como aceitaría outro qualquer! Entende?



CECÍLIA – Oh! Meu Deus!... (*Chora*).

FRANCISCO – Assim, pois, sua mãe tem abusado da boa fé da respeitável senhora que a educou e ama como filha; porque sua mãe nunca foi viúva, não mora noutra cidade, e sim aqui, onde exerce a mais vergonhosa das profissões. É este o segredo que descobri.

CECÍLIA (*aflita*) – Mas, senhor, se assim é, porque eu não posso negar esta espantosa verdade, porque eu também conheço este horrível segredo, que pretende fazer?

FRANCISCO – O seguinte: se não vier lançar-se em meus braços e dizer-me: “Aceito, quero ser sua amante” – eu revelarei o segredo de sua mãe à dona desta casa, provar-lhe-ei, com testemunhas, que ela, julgando receber em sua casa uma honesta viúva, recebe a última das mulheres perdidas.

CECÍLIA (*pondo as mãos*) – Oh! Não! Não! O senhor não fará o que diz!

FRANCISCO – Farei, sim! E sabe o que sucederá? Será expulsa desta casa; a sua desgraça será logo conhecida e a senhora só achará refugio em casa de sua mãe; ouviu bem? *Em casa de sua mãe*. (*Cecília oculta o rosto e chora*). Seja razoável[,] Cecília; para que há de lutar contra a fatalidade? Para que há de sofrer para conservar uma honestidade, na qual em breve ninguém acreditará? Sabida a história da sua mãe, julgá-la-ão cúmplice no embuste com que ela iludia a sociedade, será como tal, desprezada pelas famílias honestas que a protegem e a miséria em breve a lançará nos braços do primeiro que se lhe ofereça para matar-lhe a fome!

CECÍLIA – Oh! Cale-se, senhor, cala-se, por piedade!

FRANCISCO (*insinuante*) – Ouça, Cecília, proponho-lhe outra coisa. Pode salvar sua mãe e a si da vergonha de uma desonra pública. A senhora continuará nesta casa, amada e respeitada como até aqui: eu nada direi, mas a senhora será minha amante às ocultas; isto é fácil[,] porque a senhora é quase livre, pode entrar e sair quando quer. Envolveremos o nosso amor nas sombras do mais profundo mistério e ninguém suspeitará sequer as nossas relações. Serve-lhe?

CECÍLIA (*indignada*) – Infame!

FRANCISCO – Prefere então a guerra? Pois tê-la-á sem tréguas, até que a senhora seja vencida. Ouça bem, ainda uma vez: se não consente em ser minha[,] eu revelarei o que sei à sua protetora.

CECÍLIA (*ajoelhando-se*) – Compaixão! Piedade para minha mãe!

FRANCISCO (*levantando-a*) – Levante-se, Cecília. Dou-lhe três dias para refletir. Ou aceita a existência deslumbrante que lhe ofereço, ou consente em ser minha amante às ocultas, ou eu faço o que disse. Daqui a três dias virei saber a sua decisão.

CECÍLIA – Saia daqui, miserável!

FRANCISCO – Insulta-me à vontade, desgraçada! Mas hás de ser minha! Não serás tão arrogante, quando te vires, coberta de opróbrio, expulsa de toda a parte. A miséria conseguirá o que os meus protestos de amor não consegui-



ram: lançar-te-á nos meus braços. Ainda que a tua beleza não tivesse acendido em minhas veias esta febre que me abrasa, eu procuraria subjugar-te, miserável criatura, que te atreves a resistir-me! Hás de ser minha!

CECÍLIA – Nunca! Antes a morte!

FRANCISCO – Qual! Minha flor; na sua idade ninguém deseja a morte. A sua idade é a idade do amor e do prazer. É impossível que já não ame; a sua resistência para comigo leva-me a suspeitar que sim. A filha de uma mulher como é sua mãe não pode ser um monstro de virtude; protesta contra isto o sangue que lhe corre nas veias: a hereditariedade é um fato. Não creio na sua virtude! Tarde ou cedo entregar-se-á a um amante, se é que ainda não o fez.

CECÍLIA – Oh! Cale-se, miserável! Retire-se daqui!

FRANCISCO – Deixe-me ainda tentar convencê-la. Que espera a senhora? Achar um casamento? Mas ninguém esposa a filha de uma perdida, quando há noventa e nove em cem probabilidades de fazer dela uma amante. Eu que a amo com delírio, ofereço-lhe uma fortuna; deslumbrará pelo fausto e o mundo desculpará a sua queda, porque o brilho do ouro tem um prestígio a que ninguém resiste.

CECÍLIA – Resiste-lhe, senhor, a pobre e humilde costureira que mal ganha para sustentar-se: há de convencer-se disso. Agora, saia!

FRANCISCO – Então[,] está decidido? Posso revelar a todos quem é sua mãe?

CECÍLIA – Mas, senhor, isso que quer fazer é cruel, é horrível!

FRANCISCO – E que me importa? Possuí-la é o meu fim. Não se me dá mesmo que a senhora estremeça de asco ou de ódio entre meus braços, contanto que se me entregue, que seja minha, e há de sê-lo. Saberei esperar. Está dita a minha última palavra. Agora, adeus! Reflita bem, para não ter que arrepender-se. *(Sai)*.

Cena V

[CECÍLIA, só.]

CECÍLIA – Que fazer, meu Deus? Eu enlouqueço!... Não, não! É impossível que aquele homem faça o que disse! Seria horrível!... Oh! Para que me mostrei orgulhosa, irritando a sua cólera? Talvez rojando-me a seus pés, conseguisse abrandá-lo com as minhas súplicas inspirar-lhe compaixão com minhas lágrimas!... Sim! Sim! Era o que devia fazer! *(Correndo à janela e chamando)*. Senhor! Senhor! *(Recuando)*. Artur!... Só me faltava este suplício, meu Deus! *(Francisco reaparece)*.

Cena VI

CECÍLIA, FRANCISCO e ARTUR.

FRANCISCO – Então já refletiu, não é assim? Aceita! Oh! Deixe-me beijar-lhe as mãos, querida. *(Vai dirigir-se a ela, neste momento aparece Artur e Cecília corre para ele)*.



CECÍLIA – Artur! Artur! Salva-me! (*Lança-lhe os braços ao pescoço*).

FRANCISCO (*com uma gargalhada*) – Eis o que são as virtudes inexpugnáveis! Resistem em aceitar um amante, quando já tem outro!

CECÍLIA – Oh! Artur! Defende-me!

ARTUR – Senhor Francisco de Lemos, há de explicar-me as suas palavras!

FRANCISCO (*com desdenhoso desprezo*) – Engana-se[,] meu caro! Não costume dar satisfações a quem se arroga o ridículo papel de paladino das mulheres perdidas! Breve terá notícias minhas, virtuosa e inocente Cecília!

CECÍLIA – Ah! (*Desmaia nos braços de Artur*).

ARTUR – Miserável! (*Francisco dá uma gargalhada[,] antes de sair*).

FIM DO PRIMEIRO ATO.



ATO II

Sala mobiliada com luxo em casa do Dr. Lauro. Ao levantar o pano, Lauro e Artur, sentados no sofá, continuam uma conversa.

Cena I

ARTUR e LAURO.

ARTUR – É como lhe digo, meu pai, este amor é a minha vida! Peço-lhe, deixe-me esposar Cecília, se, como pai que é, deseja a minha felicidade.

LAURO – O senhor esquece assim o nome que usa ao ponto de querer dá-lo à primeira aventureira que encontra? Não vê que me pede um absurdo? Nunca! Nunca obterá de mim tal consentimento.

ARTUR – Mas como quer, senhor, que eu renuncie assim ao sonho de toda a minha vida? Este amor nasceu na infância, pode-se dizer. Ouça-me, meu pai: Cecília era a amiga do colégio mais íntima de minha irmã. Todos os dias, quando ia levar ou buscar minha irmã ao colégio, Cecília, cuja casa ficava em nosso caminho, reunia-se a nós.⁴⁹ Mais velha do que Alzira, aconselhava-a tão discretamente que eu admirava o seu bom senso; auxiliava-a em seus estudos com tanta solicitude que minha irmã estava continuamente a dizer-me que uma verdadeira irmã não faria mais por ela do que Cecília. Quando Cecília ficou moça, bela, inteligente, virtuosa, reconheci que o sentimento que ela me inspirara em criança transformara-se em amor, profundo, calmo e irresistível. Foi por ela que me tornei o que sou; para fazer-me digno dela, procurei tornar-me melhor. Confiado no futuro, certo de ser correspondido, deixava-me embalar pelos mais doces sonhos, quando, repentinamente, Cecília começou a evitar-me: já não me esperava à janela às horas em que eu costumava passar pela sua casa, e deixou de visitar minha irmã. Desesperado com semelhante mudança, não sabia a que atribuí-la, quando um acaso tudo me fez conhecer, e esta descoberta, veio, se é possível, aumentar o meu amor.

LAURO (*em tom zombeteiro*) – Vamos, continua o teu romance que me está verdadeiramente interessando!

ARTUR – Não zombe, meu pai, porque trata-se da felicidade do seu filho. Agora é que apelo para toda a sua indulgência. Ouça a história de Cecília e julgue-a. Cecília julgava-se filha da honesta viúva de um operário, que a colocara, afim de que recebesse aqui a necessária instrução, em casa de uma respeitável senhora desta capital, a qual, afeiçoando-se à menina, quis tê-la em sua companhia mesmo depois de completa a sua educação. A mãe de Cecília fazia-lhe de tempos em tempos uma visita mostrando-se sempre mãe

⁴⁹ No original, “reunia-se-nos”.



amorosa e exemplar. Hábil costureira e bordadeira⁵⁰, Cecília costura para fora e ganha honradamente a sua vida. Por muitas vezes procurou resolver sua mãe a vir morar com ela para a capital ou a levá-la em sua companhia para uma pequena povoação do interior, onde sua mãe dizia residir: sua mãe recusou sempre, sob pretexto de que lhe era impossível vir para cá, e que não queria prejudicá-la, levando-a para um meio onde ela não ganharia para viver. Ficara acompanhando Cecília, para servi-la, uma preta velha que ajudava a criá-la e a adorava, bem como à sua mãe. Sentindo-se próxima a morrer, esta preta chamou Cecília e revelou-lhe o segredo do seu nascimento, não para que ela se envergonhasse de sua mãe, mas para que a amasse mais ainda e pagasse-lhe em excesso de amor o que por ela tinha sofrido a infeliz...

LAURO – Continua!

ARTUR – A mãe de Cecília fôra uma pobre menina, seduzida aos 16 anos por um miserável[,] que a abandonou covardemente, logo depois, casando-se com outra. Perdiu toda a esperança de uma reparação, a infeliz esperou resignada que a sua desonra fosse pública. Quando viu-se, porém, sem recursos, com a filhinha nos braços, faltou-lhe a coragem para arrostar o desprezo dos seus, e, ocultar a sua vergonha, deixou aquela terra e veio para aqui com a filhinha e a preta que lhe era dedicada até ao sacrifício. Esperava achar trabalho; mas logo de chegada, adoece-lhe gravemente a filhinha; sem recursos, pede, suplica, e não acha quem a socorra; não acreditam no que ela diz, porque é moça, forte e não está mal trajada. Afinal, um homem bastante infame para explorar em proveito próprio a desgraça alheia, notando que ela era jovem e formosa, atreveu-se a pôr um preço indecoroso à sua proteção. Desvairada, prevendo o momento em que a filha expiraria em seus braços, à mingua de socorro, aquela infeliz que se perdera por amor, vendeu-se, obrigada pela miséria e pela dor, a troco da salvação de sua filha, e desde então ficou escrava daquele que a comprara e que fez da sua formosura uma fonte de lucros.

LAURO (*levantando-se indignado*) – Desgraçado!... E é a filha de uma tal mulher que tu queres que eu chame filha!!!

ARTUR (*com firmeza*) – Sim, meu pai, porque a mãe foi uma vítima e uma mártir; porque a filha é virtuosa e pura como um anjo, não é justo que sofram os filhos pela culpa dos pais.

LAURO – Realmente, senhor, admiro a sua coragem! Narra-me com a ingenuidade de um idiota uma história, um romance que impingiu-lhe uma esparta aventureira que o quer pescar para marido, e ousa esperar que eu consista em semelhante disparate!

ARTUR – Perdoo-lhe, meu pai, porque não conhece Cecília, não pode avaliar a sua virtude! Ouça-me ainda: foi depois de conhecer a história de sua mãe que Cecília, julgando-se indigna de mim, procurou, evitando-me, pôr entre nós a barreira de uma indiferença fingida. Já vê que não é uma esparta aventureira que procura pescar um marido!

⁵⁰ No original, “bordadora”.



LAURO – És admirável de simplicidade, meu rapaz! Não vês que isso é mais um ardil para excitar o teu amor, ou melhor qualificando, a tua loucura? Quem te disse tudo isso? (*Torna a sentar-se*).

ARTUR – Ontem, um miserável que descobrira o segredo da mãe de Cecília, ameaçou a esta de revelar tudo e fazê-la expulsar ignominiosamente da casa onde foi criada e é por todos respeitada, se ela não cedesse à proposta que lhe fizera de ser sua amante, nesse momento chegando eu, que ia pedir a Cecília explicação de seu procedimento para comigo, a pobre menina desmaiou nos meus braços, pedindo-me que a protegesse.

LAURO – Comédia, menino!

ARTUR – Oh!... Meu pai!... Não diria isso se visse o desespero de Cecília, tornando a si, arrependida já do ímpeto com que corra para mim! Obrigada a dar-me explicação de tudo, narrou-me, sufocada em soluços, o que acabei de contar-lhe. Falei-lhe então no projeto que tem sido o meu sonho dourado, apresentei-lhe o meu pedido de casamento, porque urge salvá-la de pronto da vingança daquele infame: Cecília recusou terminantemente dissuadir-me, repetindo como uma louca uma frase que lhe dissera aquele homem: – “Ninguém esposa a filha de uma mulher perdida, quando há noventa e nove em cem probabilidades de fazer dela uma amante”.

LAURO – Ora, aí está! Agora convenço-me de que realmente ela não quer pescar-te para marido, visto como se encarregou de indicar-te uma saída melhor. Visto que a amas, por que não fazes dela tua amante? A isso nada teria eu que opor!

ARTUR – Meu pai!... Meu pai, não sabe que está me torturando!

LAURO – Seria o meio de conciliar o teu amor com o respeito que deves ao teu nome. Uma amante não desonra um rapaz nas tuas condições; no meio em que vivemos é isso até natural; mas o herdeiro de um nome como o teu não esposa uma mulher de tão baixo nascimento.

ARTUR – Mas como lançar a alguém a culpa do seu nascimento? A sociedade é injusta e cruel: não vê na mulher que cai senão uma réproba, nunca uma vítima! Entretanto[,] recebe de braços abertos, nos seus salões, na intimidade sagrada do lar, o homem bastante infame que foi arrancar do lar uma donzela honesta, para arrojá-la, sem remorsos, na voragem da perdição! A sociedade não ignora esses fatos e cobre de baldões a vítima, glorificando o culpado, e, não contente com essa injustiça, aponta com o dedo a filha da vítima e fulmina-a com esta sentença: – “Eu te condeno à desgraça e à vergonha, porque sobre ti recai a culpa de tua mãe!” Oh! Eu revolto-me contra esta injustiça e não estou disposto a renunciar à felicidade, só para respeitar vãos preconceitos!

LAURO – Acho-te impagável, meu rapaz! Onde foste beber tais princípios tão fora do teu século?

ARTUR – Não sei! Talvez na lembrança de minha mãe e na pureza de minha irmã.



LAURO (*severamente*) – Não devia trazer os nomes de sua mãe e sua irmã para tal conversação.

ARTUR – Oh! Trago-os, sem escrúpulos! Pura como é minha irmã, não o é mais que Cecília! Quando vejo meus companheiros, rapazes do século sem dúvida, projetarem, entre gargalhadas, uma destas conquistas que meu pai me aconselha, entre-ajudarem-se para a levarem ao cabo, venho para casa, sentindo a necessidade de abraçar minha irmã e[,] quando nervosamente a aperto em meus braços, tremo ainda com a ideia de que alguém forme sobre ela[,] algum dia[,] iguais projetos!

LAURO – Estás louco? Semelhantes projetos nunca se fazem sobre moças na posição de tua irmã.

ARTUR – Sim, eu sei! Mas quem me assegura que uma catástrofe imprevista não reduzirá a nossa querida Alzira à posição de Cecília? Nunca pensou que ela pode ficar abandonada, entregue às ciladas do mundo, meu pai? Eu penso nisto muitas vezes! Cecília é um anjo de pureza, uma heroína da virtude, e como não tem quem a defenda, meu pai aconselha-me friamente que faça a sua desonra!

LAURO – Mas o senhor prefere fazer a sua, cobrindo de lama o nome de seu pai!

ARTUR – Então honraria mais esse nome, praticando a ação que me aconselha, do que dando esse nome a uma moça honesta, que saberia honrá-lo, porque me ama e é virtuosa como a própria virtude? Oh! Meu pai!...

LAURO (*levantando-se impaciente*) – Acabemos com isto! A minha resolução é irrevogável! Já sabes o projeto de casamento que eu e o mano Pedro formamos a teu respeito e de tua prima Alice; desterra, portanto, do teu espírito esta quimera, que um momento de esquecimento da tua própria dignidade te fez esquecer.

ARTUR – Não, meu pai, não! Não se dispõe assim do futuro de um filho! Eu não posso consentir que assim se decida da minha felicidade. Irei ter com Alice, dir-lhe-ei tudo, que não a amo e que estou comprometido com Cecília.

LAURO – Desgraçado!... Ousarás desobedecer-me?!

ARTUR – Quando os direitos de pai ultrapassam os seus limites, quando a sua autoridade degenera em tirania, a obediência deixa de ser um dever para o filho.

LAURO – O teu desvario cega-te ao ponto de me faltares ao respeito, Artur! Cuidado!

ARTUR (*ajoelhando-se*) – Perdão, meu pai! Perdão! Mas é que a situação de Cecília é horrível e eu preciso salvá-la!

LAURO – Levanta-te! Já vejo que preciso capitular. Eu verei essa moça, falar-lhe-ei e, se convencer-me de que ela é o que dizes, consentirei no teu casamento, com a condição de que a mãe nunca mais lhe apareça.



ARTUR (*beijando-lhe a mão*) – Deixe-me beijar-lhe a mão[,] meu pai! Estou certo do triunfo. Se falar com Cecília, não poderá resistir-lhe! Quanto a mãe, estará por tudo, porque a infeliz só vive pela felicidade da filha.

LAURO – Veremos! Até logo. Não vais sair?

ARTUR – Não, senhor; espero Eduardo[,] que virá procurar-me. (*Lauro sai*).

Cena II

[ARTUR, só.]

ARTUR – Pobre Cecília! Quanto deve ter sofrido!... E eu que a acusava! Infeliz mãe! Estou fora do meu século, diz meu pai, porque revolto-me contra o espetáculo desta sociedade que prepara a queda para as suas vítimas e depois arvora-se em juiz inexorável e atira-lhes a primeira pedra! Oh! Cecília, quantas[,] como tu[,] terão resistido heroicamente, antes de tombarem na luta, vencidas pela miséria e pela vergonha!... E[,] no entanto, esta sociedade, entrincheirada em seus preconceitos, não lhes leva em conta os seus combates e sofrimentos; volta-lhes as costas e aponta-as à execração pública! Miséria! Ah! Eis Eduardo[,] que chega! (*Levanta-se[,] logo que vê Eduardo*).

Cena III

ARTUR e EDUARDO.

EDUARDO (*apertando a mão de Artur*) – Eis-me aqui, querido Artur! Desculpa-me se não atendi ao teu chamado com a urgência que me pedias; não estava em casa, quando chegou o teu bilhete e só agora mo entregaram.

ARTUR – Agradeço-te, ainda assim, a tua presteza. Sentemo-nos: tenho que te falar em assunto grave. (*Sentam-se*).

EDUARDO – Isto não é novidade nenhuma para mim! Nunca te ouvi falar em assuntos frívolos; és a gravidade em pessoa, e eu[,] que reconheço-me estouvado, estou sempre à espera de uma repreensão de tua parte.

ARTUR (*sorrindo*) – Nem tanto assim! Vamos, porém, ao que me fez chamar-te: sabes que vou casar-me?

EDUARDO – Com tua prima Alice? Sabia que havia entre os pais de ambos esse projeto.

ARTUR – Não, não é com Alice. Tenho por ela verdadeira estima, mas não o amor[,] que nos leva a querer ligar a nossa existência a outra existência.

EDUARDO – Aprovo-te; sem o amor não concebo o casamento. Quem é então, se não é Alice?

ARTUR – Uma amiga de infância de minha irmã; suponho que a conheces bem e espero que aproves a minha escolha.

EDUARDO – Eu conheço-a? Mas quem é? Aguças-me a curiosidade!

ARTUR – Creio que conheces D. Cecília de Carvalho?

EDUARDO (*levantando-se de um salto*) – Cecília de Carvalho? A costureira?



ARTUR (*levantando-se também*) – Sim; de que te admiras? Achas, porventura, que o ser uma costureira é um obstáculo ao nosso casamento?

EDUARDO – Artur, por favor, fala-me seriamente: é verdade o que dizes?

ARTUR – Sim; mas o teu espanto assusta-me; não aprovas a minha escolha? Tens que dizer alguma coisa contra Cecília?

EDUARDO – Não, louvado Deus! Mas a minha lealdade de amigo ordena-me que te faça imediatamente uma confissão.

ARTUR – Uma confissão? A respeito de Cecília?

EDUARDO – Sim; escuta-me. Sou vizinho de Cecília e senti-me algum tanto enamorado de sua beleza.

ARTUR – Isso não é crime; ela é formosa bastante para inspirar tais sentimentos a quantos a virem: não sou ciumento. Continua.

EDUARDO – A pretexto de qualquer recado de minha irmã, procurava eu ver Cecília e render-lhe finezas. Ela, sempre grave, respondia-me glacialmente, até que um dia pediu-me que deixasse de visitá-la, que minhas visitas podiam causar reparos e prejudicá-la. Mas nesse dia, que foi ontem, tinha eu decidido pôr à prova a virtude de Cecília.

ARTUR – Como?

EDUARDO – Meus amigos, que moram em uma *república* próxima à casa de Cecília e que tinham percebido o meu namoro, um dia em que lhes dizia que Cecília era inconquistável, provocaram-me a apostar com eles que a esquiva de Cecília era um artil e que ela se deixaria vencer, se eu lhe falasse em casamento, porque nunca se viu que uma pobre costureira desprezasse a probabilidade de fazer um casamento com um futuro doutor: aceitei a aposta e quis tentar a experiência.

ARTUR – E então, que fizeste?

EDUARDO – Perdoa-me, Artur, juro-te que, se suspeitasse, ao menos, que amavas Cecília, não faria o que fiz. Afirmando-te, porém, debaixo da minha palavra de honra, que Cecília nunca, nem de leve, autorizou a minha audácia. Fui muito leviano, perdoa-me!

ARTUR – Mas, perdoar-te o quê? O teres namorado Cecília? Já te disse que não sou ciumento.

EDUARDO – Não é só isso: é que, instigado pelos meus colegas, levei a minha leviandade ao ponto de escrever a Cecília uma carta, na qual eu a convidava a fugir comigo, sob promessa de pronto casamento. Já vês que sou muito culpado: perdoar-me-ás?

ARTUR – Sim, Eduardo, porque foste leal como amigo; eu bem sabia que nada me ocultarias, logo que eu te revelasse o meu projeto de casamento. Eu já sabia de tudo, porque Cecília tudo me contou[,] pedindo-me que te restituisse esta carta e este dinheiro. Aqui tens. (*Entrega-lhe tudo e Eduardo aperta-lhe a mão*).

EDUARDO – Dá-me a tua mão, Artur, e ainda uma vez, perdoa-me e obtém para mim o perdão de tua noiva.



ARTUR – Descansa, Cecília não te guardará rancor, eu to prometo; mas em troca não te pouparei a uma das tais repreensões que dizes sempre esperar de mim. Lembra-te, Eduardo, que tens uma irmã e que poderás um dia ter uma filha, e respeita, com esta lembrança no coração, a donzela honesta que encontrares em teu caminho. Dize-me: se um estudante estouvado tivesse a audácia de escrever à tua irmã uma carta igual à que escreveste a Cecília, que farias?

EDUARDO (*com prontidão*) – Supérfluo é perguntá-lo, meu amigo!

ARTUR – Castigá-lo-ias, não é assim? No entanto[,] escreveste uma carta a Cecília, sabendo que ela não tem quem a defenda! Fizeste muito mal, Eduardo. Dize-me: se ela anuísse ao teu pedido e te acompanhasse, casarias com ela?

EDUARDO – Não! Porque não a acharia digna de ser minha esposa, desde que ela esquecesse os deveres que lhe impunha a sua honra de donzela.

ARTUR – Muito bem! De pleno acordo contigo! A moça que calca aos pés o seu pudor de virgem e foge do teto paterno para acompanhar um homem, não merece que este mesmo homem lhe confie a honra do seu nome; quem uma vez esqueceu os seus deveres, pode esquecê-los segunda vez, e isto deve ser objeto de profunda meditação para um marido.

EDUARDO – É esse o meu modo de pensar e a observação nos prova que temos razão. Quase todos os casamentos feitos nessas condições são infelizes. Talvez que as reflexões que acabas de fazer perturbem a confiança e o respeito mútuos que deve ser o elo que mais solidamente liga os esposos; o que é certo é que muitos maridos em tais condições têm acabado por abandonar as suas esposas.

ARTUR – A tua observação é exata. Entretanto[,] serves-te na tua carta, que eu li, de argumentos muito convincentes[,] e Cecília seria talvez merecedora de desculpa, se tivesse tido a fraqueza de seguir-te[,] principalmente se te amasse.

EDUARDO – Ainda assim, far-me-ia duvidar da nobreza de seus sentimentos; porque, em vez de procurar captar as simpatias de meu pai, incitava-me a desobedecer-lhe.

ARTUR – Então, pelo que me dizes, estavas resolvido, por uma aposta entre rapazes estouvados, a atirar no caminho da desonra uma pobre moça que sabias ser honesta? É muito mal feito, Eduardo!

EDUARDO – Já te confessei que fui leviano e pedi-te perdão. Deixa-me, porém, acrescentar que tenho convicções muito definidas sobre a honestidade das mulheres; estou firmemente convencido de que aquela que é verdadeiramente honesta, não cai! E esta minha convicção modera muito o remorso que[,] porventura[,] possa despertar-me a lembrança do mal cometido.

ARTUR – Talvez tenhas razão; eu julgo[,] contudo[,] que muitas vezes a queda de uma mulher pode ser o efeito de circunstâncias muito cruéis e não a resultante da pouca solidez dos seus princípios de honestidade. Em todo o



caso, é uma má ação tentar a perdição de uma pobre moça, que talvez, sem essa prova, se conservasse sempre honesta.

EDUARDO – Terás razão, como sempre; mas é que nem todos os rapazes foram dotados pela natureza com a tua sensatez. Tu não pareces ter nas veias o sangue ardente da mocidade e nós outros não podemos compreender-te.

ARTUR – É que tenho uma irmã a quem adoro, e respeito a sua imagem em toda a moça honesta que se me depara.

EDUARDO – Admiro-te, Artur, e respeito-te. Agora[,] dar-me-ás licença que me retire.

ARTUR – Torno a agradecer a tua lealdade: eu sabia que um coração de ouro como o teu só comete faltas quando se deixa guiar por esta cabeça de rapaz estouvado! Um conselho, Eduardo, escuta sempre o teu coração, antes de obedeceres à tua cabeça.

EDUARDO (*apertando-lhe a mão, sorrindo*) – Obrigado; segui-lo-ei daqui em diante. Sê feliz, meu amigo.

ARTUR – Ainda um pedido; dirás a teus amigos que renunciaste à ideia de escrever a Cecília, porque soubeste que ela é minha noiva.

EDUARDO – Não há duvida. Até à vista!

ARTUR – Até à vista! (*Acompanha-o até a porta e volta*).

Cena IV

[ARTUR, só.]

ARTUR – Excelente rapaz! Tem a fraqueza de se deixar levar pelo exemplo dos outros; dotado de coração bondoso e educado nos melhores princípios de moral, deixa-se dominar por uma mal entendida vergonha de parecer tímido no meio dos companheiros estouvados e loucos; acompanha-os em suas aventuras de libertinos sem escrúpulos, para que não zombem dele, como zombam de mim. Pobres loucos! (*Vai buscar o chapéu para sair e[,] nesse momento[,] encontra-se com Lauro e Pedro[,] que entram*).

Cena V

ARTUR, LAURO e PEDRO.

LAURO – Pelo que vejo, ias sair?

ARTUR – Sim, meu pai. Bom dia, meu tio.

PEDRO – Bom dia, meu rapaz.

ARTUR – Se meu pai quer que eu fique...

LAURO – Não, não! Podes sair.

ARTUR – Então, com sua licença, meu tio... (*Cumprimenta e sai*).



Cena VI

LAURO e PEDRO.

PEDRO (*sentando-se*) – Pois contraria-me bastante o que me comunicaste sobre o rapaz. Alice ama-o e acostumou-se à ideia deste casamento; receio ter que fazê-la sofrer, para obrigá-la a desistir dessa ideia.

LAURO – Desistir! Estás louco? Eu mantenho os meus projetos e o meio de que vou lançar mão para arrancar de meu filho a imagem daquela rapariga, parece-me que produzirá o efeito desejado.

PEDRO – Deus o queira! Que do contrário muito terá que sofrer a minha Alice.

LAURO – Verás. Essa rapariga não pode tardar; mandei chamá-la pela criada de minha filha e para poder conversar com ela sem receio de ser interrompido, afastei minha filha. Queres estar presente à nossa entrevista?

PEDRO – Presente, não; mas desejava vê-la e observá-la, sem ser visto.

LAURO – Entra então para aquele quarto, porque eu ouço passos e deve ser ela. (*Pedro entra para o quarto indicado e Lauro vai abrir a porta à Cecília*).

Cena VII

LAURO e CECÍLIA.

LAURO – Entre, menina.

CECÍLIA (*confusa*) – Doutor... Vim a chamado de Alzira; peço-lhe mandar preveni-la da minha chegada.

LAURO (*indicando-lhe o sofá*) – Queira sentar-se e ouvir-me. Desejando ter com a menina uma conversação, servi-me do nome de minha filha para atraí-la aqui. Espero que me perdoará este laço e que estará pronta a dar-me uma explicação. (*Senta-se numa cadeira e Cecília no sofá*).

CECÍLIA – Uma explicação! Sem mesmo saber qual seja, estou às suas ordens, doutor.

LAURO – Para encurtar o caminho e poupar preâmbulos, irei direito ao fim. Artur fez-me hoje a confissão do amor que tem à menina e pediu-me formalmente licença para esposá-la, licença que eu neguei e negar-lhe-ei sempre.

CECÍLIA (*com amargura*) – Meu Deus, eu não esperava outra coisa, creia doutor, procurei por todos os modos convencer Artur e dissuadi-lo de semelhante loucura.

LAURO – Então é a primeira a reconhecer que esse casamento seria uma loucura? Pode dizer-me por que é que pensa assim?

CECÍLIA – Porque o herdeiro do Dr. Lauro de Andrade não pode esposar uma desgraçada que nem sequer sabe o nome de seu pai!

LAURO – Muito bem! Mas se pensava assim tão ajuizadamente, por que animou a paixão de Artur?





CECÍLIA – Foi só há pouco tempo que eu, descobrindo o segredo do meu nascimento, reconheci que não era digna de ser esposa de seu filho, e Deus é testemunha, senhor, de que procurei logo desanimar Artur, evitando-o, fingindo a mais completa indiferença para com ele.

LAURO – O seu procedimento teve um resultado oposto ao que desejava: exacerbou mais a paixão de meu filho, que está disposto a fazer uma loucura. Responda-me, porém, a menina, com toda a sinceridade: ama realmente meu filho, como ele crê?

CECÍLIA (*pondo as mãos*) – Se o amo, meu Deus?! Pergunta-me se o amo!...

LAURO – Bem; conheço que fala com sinceridade e paixão. Vou falar-lhe com toda a franqueza e apelo para o amor que tem por Artur, a fim de que me ajude a salvá-lo.

CECÍLIA – Estou pronta, senhor! Fale: que exige de mim?

LAURO – Escute: ainda uma vez juro-lhe que jamais consentirei no seu casamento com Artur; digo-lhe isto para que, perdendo alguma esperança que porventura ainda alimente, melhor encare a situação. Artur em pouco tempo concluirá seus estudos: tem diante de si uma brilhante carreira, que mais facilmente será franqueada pelo seu casamento com uma herdeira opulenta, filha única de um futuro ministro; essa moça ama meu filho, o pai aprova o casamento e[,] entretanto[,] Artur despreza todas essas vantagens, cego pela paixão que a menina inspirou-lhe.

CECÍLIA (*à parte*) – Nobre e generoso Artur, oh! eu bem te reconheço! (*Alto*). Que posso eu fazer, senhor?

LAURO – Eis o que lhe peço[,] em nome do grande amor que tem a meu filho: se não está usando de um artifício para mais fortemente prendê-lo, se realmente o ama e reconhece que ele não deve esposá-la, então tire-lhe toda a esperança.

CECÍLIA – Oh! Senhor, levada por esta triste convicção já patentei a Artur a insensatez de suas intenções; procurei convencê-lo de que mais tarde se envergonharia de mim e arrepender-se-ia de ter-me esposado; que na sociedade em que vive não faltaria quem fizesse alusões ao meu nascimento, que isso o faria corar ou provocar-lhe-ia muitos dissabores; finalmente, declarei-lhe positivamente que o não esposaria, porque o amo muito para querer destruir o seu futuro. Disse-lhe tudo isto, senhor, e a tudo isto respondeu-me Artur que o seu futuro é o meu amor. Inspire-me, senhor, que mais posso e devo fazer para convencê-lo? Que sacrifício exige de mim, em nome desse amor?

LAURO – Custa-me, realmente, fazer-lhe semelhante proposta; mas trata-se de salvar meu filho. Já que tanto ama meu filho, não acharia a menina forças neste amor para fazer o sacrifício de sua virtude ao futuro de Artur? Não pode, não deve esposá-lo, como é a primeira a reconhecer; seja sua amante; sem cortar-lhe a carreira por um casamento desigual, satisfaria o seu amor. Se Artur, com o resfriamento de sua paixão, viesse a abandoná-la, eu levaria em conta o sacrifício feito pela menina, e garantir-lhe-ia a sua subsistência o seu futuro.



CECÍLIA (*levantando-se indignada*) – Oh! Senhor! Que é que o autoriza a fazer-me semelhante injúria em sua casa? Pois faz-me semelhante proposta debaixo desse teto que abriga sua filha? É infame, senhor, mandar chamar-me à sua casa para assim insultar-me!... Oh! Meu Deus, meu Deus, é demais para as minhas forças! (*Oculto o rosto com as mãos e chora*).

LAURO (*ironicamente*) – Foi sua mãe quem lhe inspirou tão severos princípios e tão grande sensibilidade?

CECÍLIA (*erguendo a cabeça com altivez*) – Minha mãe, sim, senhor, foi ela mesma, faça embora disso um objeto de zombaria! A mulher perdida que receia corar diante de sua filha e oculta-lhe, à custa de verdadeiros sacrifícios, a miséria da sua condição; que a faz educar longe de si, para não manchar com o seu contato a pureza da filha extremecida, essa mulher perdida, que foi vítima de um miserável, pode dar lições de moral a um pai como o senhor! Fique sabendo, senhor: se me julgo indigna de ser esposa de seu filho, não me envergonho de minha mãe, que foi uma vítima e tem sido uma mártir. Para obter de mim qualquer sacrifício por amor de seu filho, não era preciso ofender-me no que tenho de mais sagrado: – o amor de minha mãe! Descanse, senhor, debaixo de juramento, eu lhe prometo que não esposarei Artur, nunca!

LAURO – Perdão, menina; peço-lhe que me perdoe as palavras que[,] por um injusto sentimento de despeito[,] tive a desgraça de proferir. Mas, não basta o seu juramento de não esposar Artur, para decidi-lo a esposar outra: será preciso que uma completa desilusão mate a seu amor ou que ele a perca para sempre.

CECÍLIA (*sorrindo amargamente*) – Exige, talvez, que eu me suicide?

LAURO – Longe de mim semelhante pensamento! Bastará que ele seja ferido na confiança que tão cegamente deposita no amor da menina. Uma carta sua, simulando a outro o amor que ele julga merecer, talvez fizesse com que Artur a desprezasse...

CECÍLIA – O desprezo de Artur!... Tornar-me a seus olhos um ente indigno!... Oh! Não, não, senhor!... Eu não poderia viver com a lembrança de que me tornara odiosa ao coração de Artur: isso é mais do que eu posso fazer!

LAURO – Então, que fazer? Enquanto a menina permanecer aos olhos dele como o ideal da virtude, Artur persistirá em querer esposá-la.

CECÍLIA – Nada receie, senhor; peço-lhe unicamente que procure impedir que Artur vá a minha casa de hoje até amanhã; amanhã eu terei desaparecido, sem deixar sinais da minha partida. Esta minha resolução já estava tomada antes mesmo de vir para aqui; tenho tudo preparado para a minha fuga; falta-me só ir ter com a minha mãe, para que fuçamos juntas. Iremos ocultar-nos em uma terra estranha e aí poderei amá-la aos olhos de todos. É o meio que achei para fugir ao amor de Artur: procurarei depois o meio de passar por morta.

LAURO – Pois fará isso?



CECÍLIA – Sim; mas conceda-me um favor: prometa-me que não procurará atribuir a minha fuga a um mau passo[,] aos olhos de Artur; que ele guarde de mim uma lembrança pura como foi o nosso amor! Será essa a minha única consolação, no meio dos sofrimentos a que pressinto votada a minha vida. Agora, senhor, adeus! Perdoo-lhe, o muito que me fez sofrer, porque é o pai de Artur.

LAURO (*comovido*) – Menina, peço-lhe, aceite este auxílio para as suas despesas de viagem. (*Vai abrir a carteira, mas Cecília o impede*).

CECÍLIA – De nada preciso, senhor! Guarde esse dinheiro que pareceria uma paga ao meu sacrifício, e este, oh!... este é tamanho[,] que só pode ter uma recompensa no céu: aqui na terra[,] basta-me a minha consciência e o meu amor! Adeus, Artur, adeus para sempre! (*Sai chorando*).

Cena VIII

LAURO e PEDRO.

PEDRO (*sai do quarto, dirige-se a Lauro[,] que fica pensativo[,] e coloca-lhe uma mão no ombro*) – Medita, Lauro?

LAURO – Procurava recordar-me onde e quando conheci eu alguém que se parecia extraordinariamente com esta rapariga.

PEDRO – Pois era nisso que pensavas, Lauro? Olha: foste cruel, e um pressentimento me diz que nossos filhos não serão felizes!

LAURO – Pressentimentos!... Pressentimentos de quê?

PEDRO – De que Deus recusará aos nossos filhos a felicidade que recusaste àquela pobre menina. Ela comoveu-me o coração, porque é honesta e sincera, ama realmente teu filho e merece ser amada. Artur nunca esposará Alice!

LAURO – Ora! Deixa-te disso! Artur é moço e, se bem que um pouco fora de seu século, não poderá fugir à lei da natureza. A mocidade é ávida de amor e de prazer; faltando-lhe Cecília, julgando-a perdida para sempre, voltar-se-á para Alice.

PEDRO – E tu não sentirás remorsos, pensando algumas vezes em Cecília[,] a quem o teu procedimento vai lançar, talvez, no caminho da perdição?

LAURO – Remorsos?... Ora essa! Sentirias tu remorsos, porque, ao tocares com a mão em um galho, caísse ao teu contato a folha que o vento em breve arremessaria no pó da estrada? Se aquela rapariga deve perder-se algum dia, nenhuma culpa me cabe nisso; não sou eu que a perco, é a fatalidade!

PEDRO – Quem sabe, Lauro? A Providência não dorme! Cuidado! Não é justo fazer recair sobre a cabeça do filho inocente a culpa dos pais!

LAURO – E, segundo a Bíblia, não sofremos nós todas as funestas consequências das culpas dos nossos primeiros pais? Não faço mais do que imitar essa Providência com que me ameaças; pois que Deus assim o determina, recaia sobre os filhos a culpa dos pais!

FIM DO SEGUNDO ATO.



ATO III

O cenário representa um modesto quarto de hospital. A um lado[,] uma pequena mesa com vidros de remédio, tinteiro, papéis, etc., e uma cadeira junto a ela. No outro lado[,] uma pequena cama, junto da qual, Cecília, vestida de luto, está sentada em uma cadeira. Cecília está emagrecida e pálida. Serafim, de pé, junto dela.

Cena I

CECÍLIA e SERAFIM.

SEREFIM – Vamos, coragem! D. Cecília, há de ficar boa em breve e sair daqui.

CECÍLIA – Sair daqui e ir para onde? Olhe, meu bom Serafim, eu só desejo sair daqui para a última morada!

SERAFIM – Longe com semelhante ideia, menina! Na sua idade é até um crime desejar a morte!

CECÍLIA – Mas como desejar a vida quem não tem mais uma única pessoa que a ame no mundo?

SERAFIM – Diz isso porque perdeu sua mãe; tem razão, tem, por ora; mas o tempo há de cicatrizar a ferida que essa morte lhe abriu no coração. Voltará a esperança e com ela o amor à vida: bela, como é, não deixará de inspirar amor; casará, terá uma família que a ame e será feliz.

CECÍLIA – Cale-se, pelo amor de Deus! Nem sabe como me está fazendo sofrer. Felizmente, diz-me o coração que breve findarão os meus sofrimentos.

SERAFIM – Oh! Menina, para que há de pensar sempre na morte? Sabe? Hoje há de vê-la um médico de fama[,] que percorre em viagem de instrução este Estado, com licença para visitar e clinicar em qualquer hospital; demora-se, mais ou menos, em cada localidade e tem feito, segundo dizem, curas prodigiosas. Tenho fé que ele há de curá-la.

CECÍLIA – Não, eu não me iludo com o meu estado e nem desejo enganar-me. Quando o sofrimento é demasiado, a lembrança do descanso eterno brilha-nos como um sorriso do céu!

SERAFIM – E D. Cecília a dar-lhe com semelhante ideia!... Pois eu digo que se engana, que está forte, que está muito melhor, e que há de curar-se. Arre!...

CECÍLIA (*sorrindo melancolicamente*) – Pois sim, meu amigo, curar-me-ei, não se zangue!

SERAFIM – Não! Que isso afinal também causa zanga!... A menina parece que não repara que aflige a gente! A falar sempre na morte[,] quando se lhe dá esperanças de recuperar a saúde!

CECÍLIA (*estendendo-lhe a mão*) – É muito bom, Serafim, e eu lhe agradeço os seus cuidados e o interesse que toma pela minha saúde. (*Ouve-se de dentro o toque de uma sineta*).



SERAFIM – Lá tocam! Vou ver se é o tal médico, porque já pedi ao senhor diretor que a primeira visita dele seja para a menina. Olhe, explique-lhe bem o que sente, para que ele acerte com os remédios; ouviu? (*Saindo e limpando os olhos*). Pobre menina! Tão boa, tão meiga e tão infeliz!

Cena II

[CECÍLIA, só.]

CECÍLIA – Excelente homem! Quanta bondade encerra aquele coração! É um verdadeiro amigo dos doentes: solícito, carinhoso, não sabe o que há de fazer para minorar os sofrimentos dos desgraçados e inculcar-lhes coragem. Mas, – ai de mim! – de que me serve a esperança de viver, se nada mais me prende a este mundo? Ainda se eu pudesse esquecer o passado!... Mas não!... Sempre a lembrança dele a martirizar-me! Oh! Artur, única alma generosa que encontrei neste mundo egoísta e perverso! Para ti voará com o meu último suspiro o meu último pensamento! Não sei se chegaste a conhecer o meu sacrifício, não sei se te conservastes fiel ao amor que me juraste ou se fizeste a vontade a teu pai, esposando outra, embora! amavas-me sinceramente então, e eu amo-te ainda, não obstante ter a miséria feito de mim isto que sou! (*Esconde o rosto nas mãos e assim permanece*).

Cena III

CECÍLIA, LAURO e SERAFIM.

(*Lauro e Serafim entram e param junto à porta. Lauro deve ter o aspecto abatido de quem sofre um grande desgosto; está mais velho*).

SERAFIM – É uma santa, doutor. Veio para aqui há quatro meses; esteve entre a vida e a morte muito tempo; melhorou, mas agora enlanguedece a olhos vistos. Minha mulher[,] que serve-lhe de enfermeira, afeiçoou-se-lhe muito pela sua paciência e resignação, e, como não temos filhos e a pobre menina é só no mundo, fez-me prometer-lhe que a levaria para a nossa companhia, logo que ela ficasse boa. Oh! Se o doutor a curasse!...

LAURO – Veremos, meu amigo; farei o que estiver no possível; o meu desejo é curar.

SERAFIM – Deus o permita! (*Dirigindo-se a Cecília*). D. Cecília, aqui está o doutor em que lhe falei e que vem vê-la. Veja lá se vai agora pedir-lhe que a mate em vez de curá-la.

LAURO (*à parte*) – Cecília!... Será ela, meu Deus? Chegaria afinal a encontrá-la?

CECÍLIA – Seja bem vindo, doutor! Desculpe-me, estou tão fraca...

LAURO (*à parte*) – É ela; graças, meu Deus! (*Alto*). Sossegue, menina, não se incomode.

CECÍLIA (*procurando ver Lauro, que está de costas*) – Esta voz!...

LAURO (*a Serafim*) – Um favor, antes de tudo, meu amigo!



SERAFIM – Às suas ordens, doutor.

LAURO (*depois de tirar da carteira um cartão, escreve nele algumas palavras a lápis e entrega-o a Serafim*) – Leve este cartão ao meu criado[,] que ficou lá embaixo com o carro[,] e diga-lhe que vá ao hotel onde paro e o entregue a meu filho.

SERAFIM – Em um minuto. (*Sai*).

Cena IV

LAURO e CECÍLIA.

CECÍLIA (*aflita*) – Esta voz!...

LAURO (*à parte, dirigindo-se para Cecília*) – Vamos, coragem! (*Alto*). Então, menina, está doente?

CECÍLIA (*desvairada, querendo erguer-se*) – O senhor!... O senhor aqui? Que veio fazer? Veio certificar-se de que morrerei, não é? Descanse, doutor, pouco falta, mas deixe-me, deixe-me!

LAURO (*com tristeza*) – Acalme-se, Cecília; não venho certificar-me de que morrerá, venho restituir-lhe a saúde e a vida.

CECÍLIA (*com exaltação*) – Não quero!... Não quero dever-lhe com a vida mais sofrimentos; só a morte lhe agradecerei, se puder dar-ma; mas retire-se, por quem é, a sua presença faz-me sofrer muito!

LAURO (*suplicante*) – Por favor, Cecília, veja se pode ouvir-me! Precisava tanto falar-lhe!... Sou muito culpado para com a senhora, bem sei; mas tenho sofrido tanto, fui tão castigado, que me perdoará! Olhe para mim!...

CECÍLIA – Tem sofrido!... Foi castigado!... Artur?...

LAURO – Ouça. Quando Artur soube do seu desaparecimento, foi ter comigo, lançou-me em rosto a minha deslealdade, exaltou-se, queixando-se amargamente da minha crueldade, disse-me que eu o matava, e caiu fulminado por uma congestão cerebral.

CECÍLIA – Meu Deus! Artur morreu!

LAURO – Não, felizmente; mas debateu-se entre a vida e a morte durante três meses; triunfou afinal a sua natureza de moço: voltou à vida, mas para cair numa tão profunda melancolia, que nada pode arrancá-lo a ela, e assim vai aos poucos consumindo a existência. Os médicos que consultei foram acordes em dizer que só restituindo-a a Artur, recobriria ele a saúde e a vida. Oh! Como médico e como pai, demais conhecia eu que eles tinham razão! Todo o meu orgulho, todos os meus preconceitos caíram por terra, ante a lembrança horrível de perder meu filho, e de ser eu a causa de sua desventura. Fui ter com ele e anunciei-lhe que consentia no seu casamento com a menina e que nesse dia partia para procurá-la: Artur quis acompanhar-me. A menina, como prometera, nenhum vestígio deixou de sua passagem; assim foi que inutilmente a procuramos já em diversas povoações. A cada decepção que sofriamos, recaía Artur mais profundamente em sua melancolia, e



dizia-me, quando eu o animava: – “Para que procurá-la mais? Ela morreu e eu também quero morrer”. Começava também eu a desesperar. Graças, porém, à Providência, acabo de encontrá-la e meu filho está salvo! Já mandei chamá-lo.

CECÍLIA (*erguendo-se, agitada*) – Artur aqui!... Oh! Senhor, por compaixão, afaste-o de mim! Que ele não me veja! Que ele não me ...

LAURO – Recusa-se, então, a salvá-lo? Já não o ama? Não vê que pode matá-lo assim?

CECÍLIA – Oh! Eu sou maldita! Mas de quem foi a culpa? Não foi minha, não! Não foi minha! Deus sabe se eu era ou não uma moça honesta! Repeliram-me, insultaram-me, esmagaram-me, perderam-me! (*Febri!*). Quer saber o que me sucedeu? Posso contar-lho; lembro-me tão bem!... Todas as noites repete-se este pesadelo horrível que me tira o sono! Fui ter com minha mãe àquela casa de perdição! Fui, entrei lá; quando minha mãe viu-me naquela casa quase enlouqueceu! Contei-lhe tudo e fugimos, trazendo conosco só o fruto do meu trabalho honrado. Aqui chegamos e os nossos recursos mal deram para alugar um miserável casebre e com que vivermos, enquanto não achássemos trabalho. Mas minha mãe, que desde o abalo que sofrera, vendeu-me em sua casa, ficara dominada por uma agitação febril, caiu logo doente e a gravidade do mal não me deixou mais a mínima esperança! Delirava constantemente e no seu delírio uma ideia fixa a dominava: ocultar-me a sua desgraça. Pobre mãe! (*Chora*). Que mais preciso dizer-lhe, senhor? Daí em diante a minha vida foi um martírio: sem um vintém, sem poder desamparar minha mãe que morria à mingua de tratamento, que havia de fazer? (*Com irritado desespero*). Diga, senhor, que havia de fazer, eu, a quem um dia aconselhou que me fizesse amante de seu filho? Que recurso me restava para salvar minha mãe?

LAURO – Oh! Não me deixe pensar que...

CECÍLIA – Que me perdi, não é? Pois não me tinha o senhor indicado esse caminho como o mais natural à minha condição e ao meu nascimento? Oh! As palavras daquele homem: – “A hereditariedade!... A senhora há de seguir os passos de sua mãe, a miséria há de lançá-la nos braços do primeiro que se lhe ofereça para matar-lhe a fome”!

LAURO – Oh! Não acabe!... Não me diga mais!

CECÍLIA – Não! É preciso que saiba tudo! Uma noite minha mãe ardia com febre, o delírio aumentava de um modo assustador, tive medo! Medo de que ela morresse, estando eu só ali! Alucinada, quase louca, saí e fui bater à primeira porta que encontrei; apareceu-me um homem, pedi-lhe que socorresse minha mãe e ele acompanhou-me até o quarto onde ela agonizava; examinou-a e disse-me: – “Sua mãe morre, porque lhe falta tudo; prometo salvá-la; mas em paga a menina também há de dar-me alguma coisa...” – “Tudo, senhor; tudo o que quiser, mas salve minha mãe!” Ele riu-se, oh! lembro-me ainda! Riu-se e, aproximando-se, disse-me ao ouvido o que queria e eu aceitei!



LAURO – Desgraçada!... Que fizeste?!

CECÍLIA – Paguei a minha dívida à minha mãe! Não acha que fiz bem? (*Cada vez mais febril*). Pois, não foi o senhor que me disse que eu havia de seguir o exemplo de minha mãe? Se não foi o senhor, foi outro; todos me diziam isto! De que se admira agora?

LAURO – Não sabe, infeliz, que vai matar meu filho?

CECÍLIA – Seu filho?... Quem é mesmo seu filho?... Quem é o senhor? Quem é seu filho?... Eu não sei, não conheço! Minha mãe morre, socorro! Acuda-me, senhor! (*Estende as mãos suplicantes*).

LAURO – Delira, a infeliz! Oh! Se toda esta horrível história fosse uma criação do delírio!

CECÍLIA (*sempre delirando*) – Sim, sim! Mas salve-a, senhor, salve-a!

LAURO (*tomando-lhe o pulso*) – Cecília, Cecília, que é que tem?

CECÍLIA (*como despertando*) – O senhor ainda está aqui? Que é que me dizia?

LAURO – Que é preciso estar calma e ver se repousa um pouco. Artur não pode tardar.

CECÍLIA – Artur! Oh! Agora me lembro! (*Erguendo-se*). Não quero que ele venha, não quero que ele se aproxime de mim! Deixe-me sair daqui, senhor.

LAURO (*fazendo-a sentar-se*) – Mas Artur ama-a e está muito doente! Artur morrerá se a menina se recusa a vê-lo.

CECÍLIA – Mas não compreende, senhor, que eu não posso vê-lo? Que morreria de vergonha, se ele pudesse fitar-me?!

LAURO – Ele há de perdoar-lhe, porque a senhora tem sofrido muito.

CECÍLIA – Oh! Isso tenho, muito, muito! Meu sacrifício foi amaldiçoado por Deus: minha mãe morreu, apesar de não lhe faltarem socorros; morreu, sem ter suspeitado a minha desgraça. Ao princípio, recuperando um pouco as forças, pediu papel e pena e fez uma declaração garantindo o meu direito a uma pequena propriedade que deixara no lugar do seu nascimento: foi só então que soube o verdadeiro nome de minha mãe, porque a infeliz até de nome mudara para não envergonhar os seus.

LAURO – E o nome de seu pai não ficou conhecendo?

CECÍLIA – Não! Nem desejo conhecê-lo! Minha mãe compreendeu, sem dúvida, que eu não poderia amá-lo, pois nunca me falou nele. Eu nunca tive pai, e de todo coração amaldiçoo aquele que tanto fez sofrer minha mãe!

LAURO – E é segredo que não possa revelar-me, o nome verdadeiro de sua mãe?

CECÍLIA (*recomeçando a exaltar-se*) – Para que quer sabê-lo? Para cobrir de opróbrio esse nome, revelando o que ela[,] com tanto cuidado[,] ocultou de todos? Não, senhor, não lho direi! Ao senhor[,] que tanto me odeia!

LAURO (*com tristeza*) – Julga-me muito mal, Cecília! Já lhe disse que desejo salvá-la.



CECÍLIA – Salvar-me, para quê? Oh! Faça-me o único benefício que posso agradecer-lhe: o senhor é médico, ajude-me, dê-me qualquer coisa que apresse mais a morte, que sinto aproximar-se tão lentamente!

LAURO – Modere-se, minha filha; vou preparar-lhe um calmante. (*Vai à mesa e prepara[,] em um copo[,] uma bebida que traz a Cecília*).

CECÍLIA (*delirando*) – Não digo, não! Descansa, minha mãe; eu queimei aquele papel, ninguém saberá que te chamavas Eugênia de Magalhães!

LAURO – Santo Deus, que ouço! Eugênia de Magalhães!... Ouvi mal. (*Chegando o copo aos lábios de Cecília*). Beba menina! (*Vai colocar o copo em cima da mesa e volta, agitado, para junto de Cecília, pega-lhe na mão e toma-lhe o pulso*). Veja se descansa um pouco, tem falado muito e isto faz-lhe mal. (*Arruma-lhe as almofadas. Cecília encosta a cabeça e fecha os olhos*). Dorme! (*Começa a passear agitado, apertando de vez em quando a cabeça com as mãos*). Eugênia de Magalhães, disse ela! Meu Deus, se isto é um pesadelo, acorda-me! Eugênia de Magalhães! Ouviria eu bem?! Passei vinte anos sem que uma só vez esse nome evocasse em meu espírito a lembrança daquela desgraçada que o meu amor perdeu! Vinte anos! Nunca mais tive notícias dela, não sabia se era viva ou morta, e nem com isso me preocupei nunca! E agora[,] que turbilhão de lembranças vem agitar-me o espírito, ouvindo este nome! Eugênia!... Oh! Recordo-me perfeitamente; a desgraçada anunciara-me que sentia agitar-se em seu seio o fruto da nossa falta; fingi não acreditar e apressei o meu casamento com outra! Miserável que fui! Meu Deus! Será ela? A minha cabeça estala!... Oh! Preciso sair desta incerteza que me tortura!... Vou acordá-la! (*Dirige-se à Cecília e para junto dela[,] contemplando-a*). Pobre criança! Quanto deve ter sofrido!... E fui eu que a impeli à desgraça com a minha inexorável crueldade! Céus! Que ideia horrível atravessou-me a mente!... Fatalidade! Que semelhança!... (*Cecília abre os olhos, dá um suspiro e passa a mão pela testa*).

CECÍLIA – Como é bom dormir!... Sonhei com a mamãe que me chamava, sorrindo!

LAURO (*à parte*) – Vamos! É preciso sair desta dúvida! (*Alto, sentando-se junto à Cecília e pegando-lhe a mão*). Ouça, Cecília: há pouco, em sonhos, a menina pronunciou o nome de sua mãe, que não tinha querido revelar-me; preciso que me tire da incerteza: sua mãe chamava-se Eugênia de Magalhães? – Por favor, não me esconda a verdade!

CECÍLIA (*depois de vacilar um instante*) – Sim, era esse o seu verdadeiro nome; já que eu o pronunciei em sonho, é porque Deus assim o quis!

LAURO (*levando a mão ao coração*) – Deus!... Ainda uma pergunta: sua mãe era natural de São Paulo?

CECÍLIA – Era; morava em companhia de sua avó[,] quase cega, e sei que o sedutor era um estudante de medicina[,] que gozava as férias em São Paulo. (*Reparando em Lauro*). Mas que tem o senhor? Por que me faz esta pergunta?



LAURO (*caindo de joelhos*) – Minha filha!

CECÍLIA (*erguendo-se de um salto*) – Sua filha!... Eu, sua filha? (*Cambaleia*).

LAURO (*erguendo-se e amparando-a*) – Sim, eu sou o miserável que perdeu tua mãe! Perdoa, filha, perdoa teu pai!

CECÍLIA (*levando a mão ao peito[,] dá um grito de dor*) – Ai! (*Leva o lenço à boca e retira-o cheio de sangue*).

LAURO – Filha, filha, por quem és, fala-me! (*Coloca-a na cadeira e ajoelha-se, beijando-lhe a mão*). Cecília, minha filha, diz-me que me perdoas, por piedade!

CECÍLIA (*com voz desfalecida*) – Sim, papai, adeus! Mamãe chama-me! (*Inclina a cabeça*).

LAURO (*levanta-se e chega o rosto ao de Cecília*) – Morta!... Deus, eu reconheço a tua onipotência no castigo com que me fulminas! (*Curva a cabeça e fica acabrunhado. Neste momento[,] ouvem-se passos e a voz de Artur, chamando – Cecília!*).

Cena V

OS MESMOS, ARTUR e SERAFIM.

SARAFIM (*aparecendo à porta*) – Por aqui, moço, seu pai está aqui.

ARTUR (*com alegria*) – Cecília, Cecília! Meu pai, onde está ela? (*Lauro oculta o rosto nas mãos e deixa ouvir soluços*).

SERAFIM (*aproximando-se de Cecília*) – Morta!

ARTUR (*segurando-se ao braço de Lauro*) – Morta?!

LAURO (*abraçando-o*) – Sim, meu filho, coragem!... (*Artur afasta-se dele e vai contemplar Cecília*).

SERAFIM (*enxugando os olhos*) – Pobre menina! Foi uma santa. Tenho que dar parte ao senhor diretor. (*Sai*).

Cena VI

LAURO e ARTUR.

ARTUR (*a Lauro*) – Era assim que o senhor prometera restituir-ma? Encontrou-a sofrendo e acabou de matá-la, para ficar tranquilo, certo de que ela não envergonharia seu nome! Sempre cruel, sempre desleal! E eu pude acreditar no seu arrependimento!...

LAURO – Cala-te, Artur, por piedade, não aumentes o meu martírio!

ARTUR – O seu martírio?... Que martírio pode ser o seu comparado com a minha dor e o sofrimento desta infeliz que o senhor matou?

LAURO – Oh! Tu não sabes nada, ainda!... Não podes calcular os séculos de sofrimento que vivi nestes minutos que passaram! Artur, essa desgraçada que aí vês, e que me acusas com razão de ter matado, é tua irmã, é minha filha!

ARTUR – Minha irmã!... Sua filha!... (*Aperta a cabeça com as mãos*).



LAURO – Sim, conheci este monstruoso segredo, quando ela revelou-me o verdadeiro nome de sua mãe! Perdoa-me, meu filho!

ARTUR – Sua filha!... Minha irmã!... Ah! Ah! Ah! Como deve estar satisfeito, meu pai! Agora é que lhe assentava bem a irônica compaixão com que me chamava de idiota! Ria-se, meu pai, ria-se! Os frutos de sua moral teórica e prática devem enchê-lo de orgulho! Ah! Ah! Ah!

LAURO – Só me faltava esta tortura, meu Deus! Artur, torna a ti, poupa-me, por piedade!

ARTUR (*com expressão cruel*) – Poupá-lo! A quem? Ao algoz de Cecília?... Porventura poupou-a o senhor, quando ofendeu a sua pureza de anjo, com as suas infames propostas, como me confessou? Poupou-a, quando aceitou o seu sacrifício de renunciar ao meu amor? Poupou-me o senhor a mim, seu filho, quando lhe pedi de joelhos que consentisse no nosso casamento, que fizesse a minha felicidade? Oh! Eu perdoar-lhe-ia tudo, se ma tivesse restituído cheia de vida ao meu amor, mas restitui-ma morta, matou-a, talvez, e pede-me que o poupe! Não a conheceu virtuosa, casta e pura como os anjos? E quem é a causa de vir eu encontrá-la morta, numa miserável cama de hospital? Neste último abrigo da miséria e da prostituição? Diga[,] meu pai, quem foi que a perdeu, quem foi que a matou? Foi o senhor, só o senhor, com o seu cruel orgulho! (*Exaltando-se e olhando para Cecília*). Morta! Cecília morta! quando podia estar hoje enchendo de encanto e de alegria o nosso lar, aquele ninho de amor que nos meus sonhos ideava! Não! É impossível! Mentiram-me! Cecília não está morta! Diga, meu pai, ela não está morta, pois não é? Já sei: querem experimentar-me! Cecília está dormindo. Dorme, minha adorada, dorme! (*Colocando um dedo nos lábios para recomendar silêncio*). Não façam rumor; para que ela não se acorde! Olhe; eu vou ajoelhar aqui junto dela e esperar que ela abra os olhos. Que alegria quando ela reconhecer-me! Depois o meu pai, o meu bom pai, dir-lhe-á que não se opõe mais ao nosso casamento; que ventura, meu Deus! Estou a vê-la, como tantas vezes sonhei, com as vestes do noivado, a coroa de flores de laranjeira nos seus belos cabelos, rubra de pejo e trêmula de felicidade! Que linda! Receber dos seus lábios o primeiro beijo!... Oh! Como ficarei bem pago dos meus sofrimentos!... Mas como demora a despertar!... Cecília, acorda! Cecília! Cecília! (*Pega-lhe a mão e larga-a*). Ah! Que fria!... (*Levantando-se e passando a mão pela testa*). Que foi que me disseram?... Que Cecília está morta! Morta! (*Reparando em Lauro*). Ah! Estás aí, mau pai, pai algoz! Estás contente com a tua obra? Que fizeste da minha noiva? Oh! Restitui-me Cecília ou eu te amaldiçoó!

LAURO (*agarrando-lhe num braço*) – Desgraçado!... Torna a ti! Esqueces que a Providência quis assim evitar um crime monstruoso? Esqueces que Cecília era tua irmã?

ARTUR – Minha irmã!... Minha irmã!... Minha irmã!... Ah! Ah! Ah!

LAURO – Compaixão, meu Deus! Perdão para a minha culpa!



Cena VII

OS MESMOS, SERAFIM e OUTRO ENFERMEIRO, que conduzem uma maca.

(Artur estaca a observar o que eles fazem).

LAURO – Que vêm fazer os senhores?

SERAFIM – Dei parte ao senhor diretor do falecimento desta pobre menina e ele deu ordem para que levássemos o cadáver para a sala da anatomia.

LAURO – Peço-lhes, meus amigos, vão dizer ao senhor diretor que irei falar-lhe e que desejo encarregar-me do enterro desta infeliz.

SERAFIM – Se o doutor é seu parente, nada mais fácil!

LAURO *(depois de hesitar um momento)* – Não!

SERAFIM – É pena! Porque dói-me pensar que o corpo desta santa vai servir de objeto de estudo, nas mãos dos estudantes, numa sala de anatomia. Parece-me que ela ainda há de sofrer com isto, a pobre menina que tanto sofreu neste mundo! Mas as ordens são formais. Vamos, meu amigo. *(Colocam o corpo de Cecília na maca e põem-se a caminho. Lauro dá um passo para detê-los; mas suspende-se. Artur, que tem estado a observar tudo, leva a mão ao coração, dá um grito e corre para os condutores).*

ARTUR – Parem! Parem! Não a levem daqui; este cadáver pertence-me! *(A Lauro)*. E deixava levá-la, sem soltar dos lábios este grito: – É minha filha! Oh! Que pai é o senhor? Pois bem, eu direi: “Não a levem, que é minha irmã!” *(Levando a mão à cabeça)*. Minha irmã!... Minha irmã!... Como? Se ela era minha noiva? Ah! Já sei, já me lembro!... Ah! Ah! Ah!

SERAFIM – Não entendo! *(Ao companheiro)*. Deixemo-la, e vamos chamar o senhor diretor.

(Saem os dois).

ARTUR *(contemplando Cecília)* – Minha noiva... Minha irmã!... Ah! Ah! Ah!

LAURO – Meu Deus! Poupa-me a este martírio! Restitui a razão a meu filho ou fulmina-me de vez com a tua cólera! *(Soluça)*.

ARTUR *(chegando-se para ele)* – Choras? Comédia, meu velho. Não estás com o teu século! Quem é que chora hoje em dia? Ah! Ah! Ah!

LAURO – Curvo-me aos teus decretos, Senhor! Tremendo é o castigo com que me feres, porque tremenda foi também a minha culpa!

(Ouve-se ainda uma gargalhada de Artur).

FIM



AS VÍTIMAS DO JOGO

Drama em três atos

por

Anna Aurora do Amaral Lisboa

RIO PARDO

Edição da Tipografia Popular

—
*1931*⁵¹

⁵¹ O drama *As vítimas do jogo* foi publicado originalmente no jornal *A Reforma* (edições de 29 de janeiro a 12 de fevereiro de 1900). Voltou a ser editado em: *Teatro*. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Rio Pardo: Edição da Tipografia Popular, 1931. O Acervo Júlio Petersen, da Biblioteca Central da PUCRS, possui exemplar dessa edição.



PERSONAGENS

CARLOS GAMA, 36 anos.

LUCIANA, mulher de Carlos, 26 anos.

ALFREDO, irmão de Carlos, 25 anos.

LUÍS GONÇALVES, 38 anos.

AMÉLIA, 34 anos.

PEDRO, criado.

ISIDORO, jogador.

SILVESTRE, jogador.

ARTUR, filho de Carlos.

UM CRIADO.

UM MÉDICO.

JOGADORES.

MULHERES.



ATO I

Sala em casa de Carlos. Janelas ao fundo, porta à direita[,] comunicando com um corredor que dá para a rua e outra à esquerda, dando para o interior da casa. Ao levantar do pano[,] Carlos está só, encostado a uma janela, pensativo; passeia depois, sempre preocupado, e afinal, como se tomasse uma resolução, sacode a cabeça e passa a mão pela testa.

Cena I

[CARLOS, só.]

CARLOS – Está decidido, não irei! Já basta de ser fraco, de ser covarde como tenho sido até aqui. Não sairei hoje, não porei os pés naquela casa, ainda que tenha de romper as minhas relações com Luís. Oh! Eu o reconheço, é ele o meu gênio mau!... Quanto receio que Luciana venha descobrir a verdade que procuro ocultar-lhe com tanto cuidado. Quando ela me fala na antipatia que lhe inspira Luís, suspeito que desconfia de alguma coisa; quem sabe? Quanto a Alfredo, é impossível que ignore coisa alguma, pobre irmão! Não o vejo eu lutando contra mim próprio, para salvar-me[,] ocultando-me entretanto os seus esforços? Pois bem, eu me salvarei com o teu auxílio, se ainda for tempo, alma generosa!

Cena II

CARLOS e PEDRO.

PEDRO (*entrando com uma carta*) – Uma carta a meu amo.

CARLOS – Quem a trouxe?

PEDRO – Um rapazola que disse não ser preciso esperar pela resposta e saiu correndo.

CARLOS – Dá-ma e retira-te. (*Pedro sai*).

Cena III

[CARLOS, só.]

CARLOS – A letra é de Luís, vejamos que quer ele. (*Abre a carta e lê*). “Pediste a desforra a nossos amigos, os quais com toda a certeza não deixarão de ir. Não vou logo pessoalmente buscar-te, porque tenho algumas voltas a dar antes da noite. Até logo, pois, sem falta. Não esqueças que empenhaste tua palavra. Tenho o mais vivo palpite de que a fortuna será por ti e que recuperarás o que perdeste. Teu amigo Luís.” (*Dobra a carta e bota no bolso*). E eu que havia esquecido o compromisso que tomara de ir hoje!... Não importa, deixarei de ir... Mas... entretanto[,] que dirão meus amigos? (*Fica pensativo à mesa*).



Cena IV

CARLOS e LUCIANA.

LUCIANA (*dirige-se cautelosamente a Carlos e, depois de observá-lo algum tempo em silêncio, coloca-lhe a mão no ombro*) – Sempre isolado e pensativo! Carlos, tu estás doente!

CARLOS (*sobressaltando-se[,] mas serenando logo e levantando-se*) – Ah! És tu Luciana? Assustaste-me! Não, não estou doente; sempre a mesma eterna desconfiança, pelo que vejo?

LUCIANA – Mas se me aflige tanto ver-te assim! É possível que tu mesmo não tenhas notado a mudança que tens feito de algum tempo para cá?

CARLOS (*sorrindo*) – Eu? Palavra que não! Porém, vamos a saber qual é essa grande mudança, minha visionária.

LUCIANA – Não, Carlos, não sou visionária; fôra preciso que eu não te amasse como te amo, para que essas coisas passassem despercebidas aos meus olhos. Escuta e verás se tenho ou não razão em dizer que tens mudado muito. Dantes, quando eu insistia contigo para que fosses a alguma reunião, a algum divertimento a que eu não podia comparecer, deixavas-te ficar em casa afirmando-me que era mais agradável para teu coração passares aquelas horas em minha companhia[,] junto ao berço de nosso filho; hoje passas quase todas as noites fora de casa, muitas vezes até pela madrugada, e, quando voltas, vens quase sempre tão preocupado, com os teus pensamentos, tão abstrato, que nem te lembras de corresponder com um beijo às carícias do inocente que se acorda e te estende os bracinhos a sorrir. Ainda mais; se me encontras velando à tua espera, não podes ocultar-me a contrariedade que experimentas com isso. De minha parte nada te digo, não te faço a menor recriminação, e no dia seguinte mostra-te terno e carinhoso como se estivesse arrependido; dás-me explicações e desculpas que não te peço nunca, e até já cheguei a surpreender sinais de lágrimas em teu rosto, algumas vezes[,] quando ia dar contigo afagando o nosso Artur. Responde, Carlos, não é verdade tudo o que acabo de dizer-te?

CARLOS – É, sim, não o nego; mas queres a explicação? É que, no outro dia[,] sinto verdadeiros remorsos por ter preferido insensatamente passar parte da noite, aí em qualquer *club*[,] conversando com alguns amigos, a passá-la em tua companhia e na de nosso filho, e esses remorsos aumentam tanto mais, quanto mais solícita te mostras, procurando minorar os meus sofrimentos[,] que só existem na tua imaginação de esposa carinhosa e amante.

LUCIANA – Mas se assim é[,] por que te demoras até tão tarde fora de casa?

CARLOS – Eis a razão porque me vês voltar contrariado, de mau humor mesmo: deixo-me prender, distrair com a palestra dos amigos, ora uma coisa, ora outra, depois... a política... Enfim, quando me lembro de voltar para casa, noto, com verdadeira surpresa, que é já muito tarde da noite. Venho encontrar-te acordada ainda, velando, inquieta, por minha causa, e, descontente



comigo mesmo, só comigo, em vez de agradecer-te os cuidados, o carinho com que me acolhes, irrita-me, fico taciturno e ofendo-te com isto. (*Pegando-lhe nas mãos carinhosamente*). Não é o bastante para sentir remorsos, minha boa Luciana?

LUCIANA – Eu te dispenso deles; o que não quero é ver-te triste. Mas ainda não acabei, e, já que principiei a desafogar o coração, é melhor que o alivie de todo, dizendo-te tudo o que sinto. Sempre que aquele teu amigo Luís se acha na tua companhia, parece-me notar que te aborreces quando te aparece e procuras sempre um pretexto para fazer me retirar da sala. Tens com esse homem negócios particulares que me ocultas[,] com toda a certeza.

CARLOS – Outro engano. Não tenho com Luís negócio nenhum particular. Tu, porém, tens por tantas vezes me manifestado que não simpatizas com esse meu amigo, que eu receio lhe dê um dia alguma demonstração involuntária dessa tua antipatia e bem deves compreender que isso não seria conveniente.

LUCIANA – Confesso que muitas vezes não lhe posso esconder a minha aversão, pois tenho um pressentimento que me diz que a amizade desse homem te será prejudicial.

CARLOS – Mas em que baseias esse teu pressentimento? Que fez Luís para o julgares tão severamente?

LUCIANA – Não gosto dele, mas não sei porque: é uma repulsão instintiva que não posso vencer.

CARLOS – Pois é porque conheço os teus sentimentos por Luís que não escondo talvez a contrariedade que me causa a tua presença na sala, quando Luís se acha em minha companhia, tanto mais que me parece ter ele já descoberto a tua antipatia...

LUCIANA – Disse-te ele isso?

CARLOS – Vagamente...

LUCIANA – É bem possível que ele tenha certeza mesmo de que não me inspira simpatia; mas ainda não acabei o que tinha a dizer-te[,] para desabafar de todo o coração do peso que[,] há tanto tempo[,] o oprime.

CARLOS (*procurando sorrir*) – Pois ainda guardas alguma queixa?

LUCIANA – Sim. É para mim fora de dúvida que me ocultas algum cuidado. Tenho notado estranha mudança no teu procedimento para com o mano Alfredo, parece que foges dele, que receias a sua presença quando dantes o acolhias com tanta cordialidade e com tanta alegria. Houve[,] porventura[,] alguma desavença entre ambos?

CARLOS – Que ideia!... Se eu digo que os teus excessivos temores tornam-te visionária! Disse-te acaso Alfredo alguma coisa por onde pudesses deduzir tão mal cabida desavença?

LUCIANA – Não; porém[,] mostra-se muito contrariado quando não te encontra e[,] há dias[,] me disse que lhe causava grande transtorno o não ter-te encontrado, que tinha que prestar-te contas, que havia quinze dias não aparecias no armazém, enfim, mostrou-se muito aflito. Perguntei-lhe se os negócios corriam mal e se queria que mandasse à tua procura, tranquilizou-me e retirou-se.



CARLOS – E, então, que mais queres? Não tenho, com efeito[,] aparecido lá no armazém, mas isso é porque confio plenamente na direção que Alfredo dá aos nossos negócios; se eu adivinhasse o dia em que ele viria procurar-me, não sairia de casa[,] para esperá-lo.

LUCIANA – Pego-te na palavra, hoje ficou ele de voltar aqui e justamente me tinha pedido que te prevenisse disso. Se me não engano, disse ele que, sendo amanhã domingo e depois de amanhã dia de vencimentos de diversas letras, era muito preciso que fizessem hoje a escrituração necessária, contassem o dinheiro e não sei o que mais.

CARLOS (*à parte*) – E eu que o tinha esquecido, meu Deus! (*Alto*). Pois está dito: esperá-lo-ei e se ele não vier...

LUCIANA (*com tristeza*) – Sairás, não é?

CARLOS – Sairei, sim, mas para ir procurá-lo, pois que isso é preciso.

LUCIANA – Ele há de vir[,] tenho toda a certeza.

CARLOS – Creio bem que não te enganas, porque alguém sobe, e julgo reconhecer os passos de Alfredo. (*Dirige-se à porta da direita, quando por ela entra Alfredo*). Ei-lo.

Cena V

CARLOS, LUCIANA e ALFREDO.

ALFREDO – Falavam a meu respeito, pelo que vejo. Boa tarde, mana. (*Aperta a mão à Luciana*). Graças a Deus que te encontro, Carlos, como passas?

CARLOS – Bem, obrigado. Luciana dizia-me[,] há pouco[,] que me tens procurado mais vezes e eu sinto não nos termos encontrado. Por que não lhe recomendaste há mais tempo que me prevenisse para eu esperar-te?

ALFREDO (*com simulada negligência*) – Não me lembrei disso, e hoje mesmo não tinha esperança de encontrar-te, tanto que não trouxe os livros. Já aprontei toda a escrita, falta só que a verifiques e assines, mas isso é indispensável que seja feito hoje, porque amanhã é domingo e, segunda-feira, dia de pagamentos, como sabes.

CARLOS – Sim, podemos tratar de negócios. Sou teu o tempo que quiseres. Pena é que não tivesses trazido os livros, porque, sentindo-me um pouco indisposto, preferia não ter que sair.

ALFREDO – Irei buscá-los; uma vez que hoje não saias[,] teremos muito tempo.

LUCIANA – Sabe, mano Alfredo? Carlos chamou-me visionária porque eu disse que ele parecia fugir do mano, que nunca o encontrava quando o procurava, e porque perguntei-lhe se entre ambos houvera alguma desinteligência.

ALFREDO (*sorrindo*) – Realmente, mana, essa suspeita participa um pouco de visão.



CARLOS – Ora[,] aí tens: Alfredo pensa como eu. Duvidarás ainda de que a minha doença e tantas outras coisas com que te afliges, são frutos da tua imaginação?

LUCIANA – Pode ser, se é que o mano não faz contigo causa comum para acabarem meus receios e afastarem as minhas visões.

ALFREDO – Não pense em tal.

LUCIANA – Bem, fico então mais tranquila e peço-lhes licença. (*A Carlos*). Agora que o mano está em tua companhia não receio que lhe escapes. Mano, segure-o bem, vingue-se das vezes que o procurou sem encontrá-lo.

CARLOS (*sorrindo*) – Vai descansada, que não tentarei fugir. Não mandas cá o Artur a pedir a benção ao padrinho?

LUCIANA – Vou justamente buscá-lo à casa de minha mãe[,] que o levo hoje para passar a tarde com ela. Já volto. (*Sai*).

Cena VI

[CARLOS e ALFREDO.]

ALFREDO (*depois de dar tempo a Lucina de afastar-se*) – Carlos, agora que tua mulher não pode ouvir-nos, falamos seriamente de negócios. Sabe em que estado nos achamos?

CARLOS – Não estás tu à testa do negócio? Que cuidado posso eu ter?

ALFREDO – Deixemos de evasivas, Carlos. Tu és o proprietário da casa e eu não sou mais do que o gerente: o teu nome é que está em jogo. Tu tens a chave da caixa; depois de amanhã é dia de grandes pagamentos[,] como sabes. Estamos em circunstâncias de satisfazer os nossos compromissos? Responde-me sem subterfúgios[,] como eu te interrogo.

CARLOS – Mas tu estás ao corrente do estado da caixa, visto que fizeste a escrituração.

ALFREDO – Oh! Pelas minhas contas[,] o seu estado é até muito lisonjeiro, mas...

CARLOS – Vamos, acaba!

ALFREDO – Vou ser franco, Carlos. Dizem que tens jogado muito ultimamente, que tens perdido somas consideráveis, que as tens pago sempre, mas que uma noite destas tinhas ficado devendo...! É isto verdade?

CARLOS – Alfredo!...

ALFREDO – Sou mais moço do que tu, bem sei; não tenho o direito de dar-te conselhos; mas se é verdade o que me dizem, em paga das noites de insônia que tenho passado, pensando no que te aguarda, na ruína que não tardará, talvez, a bater-te à porta; no nome sem mácula de nosso pai que pareces esquecer que usas, em paga de tudo isso, assiste-me o direito de dizer-te: Carlos, meu irmão, é necessário parar no caminho escabroso em que te lançaste: salva-te, se ainda for tempo!...



CARLOS (*comovido*) – Sim, tu me salvarás, guia-me, e eu te obedecerei. Se não me estendes a mão, estou perdido! Tu não imaginas como tenho esta cabeça!... Quando penso em Luciana, no meu filho, em ti, na minha honra, não sei o que se passa no meu espírito... Estou perdido! (*Aperta a cabeça*).

ALFREDO (*à parte*) – É então verdade, desgraçado! (*Alto*). Carlos, tua mulher falou[,] há pouco[,] em receios e cuidados; suspeita ela alguma cousa?

CARLOS – Às vezes parece-me que sim, mas depois convenço-me do contrário. Oh! É o maior favor que te peço, Alfredo; nunca lhe dês a conhecer a minha fraqueza. Eu não posso suportar a ideia de ver-me quase desonrado aos seus olhos! Demais, sabes o horror que ela tem ao jogo, que foi a causa do suicídio de seu pai; se ela chega a descobrir a verdade, o seu desespero a matará!

ALFREDO – Acalma-te; creio também que não chegamos ainda a um estado tão desesperador. Podes suster-te à beira do abismo e salvar-te com honra, se o quiseres, basta um pouco de energia.

CARLOS – Tê-la-ei, sim, quero tê-la, sinto-me com a necessária coragem perto de ti; inspira-me o que devo fazer e tu serás o meu salvador.

ALFREDO – Ao trabalho, Carlos, ao trabalho! Encontrarás nele a força e a coragem para vencer a funesta paixão a que cedeste num momento de fraqueza. Coragem, pois! Mas faz-se tarde e é preciso ir buscar os livros e as contas[,] para que as verifiques. Eu vou e já volto.

CARLOS – Sim, ficarei aqui à tua espera.

ALFREDO – Até já. (*Toma o chapéu e sai*).

Cena VII

[CARLOS, só.]

CARLOS (*acompanha Alfredo até a porta e volta, sentando-se numa cadeira junto à mesa, com vivos sinais de desânimo*) – Ainda não chegamos a um estado tão desesperador, disse ele. Pobre irmão! Ignora toda a verdade; ignora que o que possuo, o que me resta, que todos os meus haveres não chegam para pagar a terça parte dos meus credores e que depois de amanhã a minha desonra será publicada e a miséria virá[,] com o seu cortejo de humilhações e opróbrios[,] sentar-se à minha porta. Agora mesmo não tive coragem para dizer-lhe tudo, com essa esperança insensata, absurda, de que me salve o imprevisto, nem eu sei o que, retardo o quanto posso o momento inevitável, fatal, em que me sentirei morrer de vergonha dessa criança que tem sabido dar-me lições de honradez e probidade. Oh! Lutar!... Vencer esta paixão funesta que me perdeu! Ver diante de nós um monte de ouro e pensar que depende de um lanço de cartas passar aquele ouro para o nosso bolso! Que tentação irresistível! Depois perde-se, perde-se sempre, e sempre a esperança de recuperarmos o que perdemos a influir-nos a jogar mais e mais! Que é que me espera? A ruína... A desonra... Que hei de fazer, meu



Deus? Lançar-me aos pés de Alfredo, confessar-lhe todo o horror de minha situação, suplicar-lhe que me ajude a salvar do opróbrio o meu nome[,] que também é o dele... Miserável que sou! Arrastá-lo na minha queda, porque eu o conheço, aquela alma nobre e generosa não hesitará em salvar-me, sacrificando-se... Não! Seria mais uma covardia, mais uma infâmia... (*Ouvem-se passos no corredor*). Meu Deus, já de volta! Não é possível! (*Vai abrir a porta e encontra-se com Luís*). Ah!

Cena VIII

LUÍS e CARLOS.

LUÍS – Safa! Que efeito te produziu a minha presença! Dir-se-ia que te assustei! Não me esperavas[,] não é verdade? Como passas?

CARLOS – Bem, e tu como vais?

LUÍS – Menos mal.

CARLOS – Senta-te.

LUÍS (*sentando-se*) – Não recebeste uma carta minha?

CARLOS (*secamente*) – Recebi.

LUÍS – Pensei que não; e que decides sobre o que nela te digo?

CARLOS – Desculpar-me-ás com os amigos; mas hoje me é absolutamente impossível ir.

LUÍS – Isso é que eu não faço. Eles já estão à tua espera e não serei eu quem lhes levará desculpas em lugar de tua pessoa, seria realmente engraçado, quando eu estou aqui a pedido deles e resolvido a não voltar só.

CARLOS – Sinto-me um pouco indisposto hoje, e além disso, espero Alfredo[,] que saíu há pouco daqui e ficou de voltar para tratarmos de negócios importantes.

LUÍS (*à parte*) – Isso sei eu, mas veremos! (*Alto*). Sim, já entendi, o teu mentor não quer que tu saias, proíbe-te o passeio! É verdadeiramente ridículo, Carlos, que te deixes governar como uma criança pelo teu irmão, sendo tu o mais velho e tendo sido um tempo seu tutor. É o carro adiante dos bois, meu caro. É o mundo às avessas...

CARLOS – Enganas-te: Alfredo não exerce sobre mim o ascendente que lhe atribuis. Tenho negócios importantes a tratar com ele, prometi esperá-lo, nada mais natural que o espere.

LUÍS – E não tinhas prometido aos nossos amigos ir hoje? Porventura[,] a palavra dada em particular ao irmão, é mais séria, mais sagrada do que a que se deu em público aos amigos, sendo de mais a mais o teu compromisso com estes anterior ao que tomaste com Alfredo?

CARLOS – Decerto que não; mas ouve Luís: os nossos amigos não têm de que se queixar, visto que fui eu que pedi a desforra e eu não estava em minha razão quando pedi tal coisa. Queres que seja franco contigo? Pois bem, sê-lo-ei: estou arruinado, meu amigo, estou perdido se não acabar de vez com as minhas loucuras, e eu estou decidido a pôr-lhes um paradeiro.



LUÍS – Ora, deixa-te disso!

CARLOS – Digo-te a verdade e se és meu amigo não procures precipitar-me de todo no abismo[,] a cujas bordas procuro ainda suste-me!

LUÍS – Ninguém te acreditará, asseguro-to. Se da última vez que jogaste, não pagaste como costumavas[,] à vista, os teus credores foram os primeiros a publicar a prontidão com que logo na manhã lhes pagaste integralmente.

CARLOS – É verdade, mas para fazer isso, cometi uma verdadeira infâmia: lancei mão do dinheiro destinado a outros pagamentos, em suma, dispus do que não era meu. Depois de amanhã, vencem-se letras importantes e eu não posso satisfazê-las.

LUÍS – Mais uma razão para tentares a fortuna: como queres achar de um momento para outro a soma de que precisas? Só arriscando ao jogo. Olha, para desafiar a fortuna e ver se recuperas o que perdeste, ponho à tua disposição a quantia que quiseres e isto com tanto maior satisfação quanto é certa a confiança que tenho nos meus palpites: tu hoje ganharás.

CARLOS – Não me tentes, Luís, protestei parar no caminho escorregadio que levava e hei de parar; em vez de me desviars do meu propósito, ajuda-me a manter-me nele, se realmente és meu amigo.

LUÍS – Mas, que pretendes fazer? De onde esperas recursos para salvar-te da desesperada situação em que dizes te achar?

CARLOS – Não sei ainda; confio em Alfredo e ele há de inspirar-me.

LUÍS (*à parte*) – Hei de vencê-lo! (*Alto*). Se eu disse que era ele o teu mentor...

CARLOS – Se o fosse, não haveria que admirar, porque eu tenho sido um louco, enquanto que ele...

LUÍS (*atalhando-o*) – É um poço de sabedoria, um abismo de sensatez, um tesouro de virtudes... Já sabia! Enfim, não vais? Que queres que eu diga aos nossos amigos?

CARLOS – Que eu lhes peço mil desculpas, e que, se me animo a faltar assim à minha palavra, é porque a desforra foi pedida por mim: no caso contrário não o faria.

LUÍS – Está bem. (*À parte*). Vou tocar-lhe na corda sensível. (*Alto*). Dize-me uma coisa Carlos, comunicaste à tua mulher a minha carta? Aposto que sim.

CARLOS – Não; por que o perguntas?

LUÍS – Supunha-o, à vista da tua resistência.

CARLOS (*contrariado*) – Que queres dizer com isso?

LUÍS – O que é muito possível que já estejam dizendo[,] a esta hora[,] os nossos amigos.

CARLOS (*impaciente*) – Mas que é? Acaba!

LUÍS (*com uma risada*) – Ora!...

CARLOS – Vamos, dirão que eu...

LUÍS – Não vais porque tua mulher...

CARLOS – Porque minha mulher não quer, não é assim?



LUÍS – Pelo menos é o que o teu procedimento induz a crer, e eu...

CARLOS – Então também o acreditas, tu.

LUÍS (*à parte*) – Já te toquei no fraco, meu caro; agora não me escapas! (*Alto*). Carlos, acredita-me, tua mulher e teu irmão deram-se as mãos para te fazerem representar um dos papéis mais apreciáveis e mais justamente apreciado em nossa roda, – o de um marido tutelado. Uma faz-te uma cena trágica, o outro prega-te um sermão moral, cada vez que queres sair e tu aí ficas sem ânimo de desobedecer-lhes. Que boas e gostosas gargalhadas não irão dar os nossos amigos, quando eu aparecer sem ti no meio deles e apresentar-lhes as tuas desculpas. (*Dá uma gargalhada*). Adeus, Carlos, amanhã te contarei o que então se passar. (*Vai a sair*).

CARLOS (*detendo-o*) – Vem cá[,] Luís, tu não lhes dirás que...

LUÍS – Que mais hei de dizer-lhes[,] se é isto que estou vendo?

CARLOS (*à parte*) – A zombaria... O ridículo... (*Alto*). Espera-me, eu te acompanho.

LUÍS – Ora, graças a Deus que te mostras homem! (*À parte*). Custou[,] mas venci!

CARLOS (*chega-se à mesa, escreve algumas palavras em um papel que dobra, chamando*) – Pedro!

Cena IX

CARLOS, LUÍS e PEDRO.

PEDRO (*aparecendo em uma porta da esquerda*) – O senhor chamou?

CARLOS (*dando-lhe o papel*) – Entrega isto à senhora, logo que ela chegar.

PEDRO – Sim, senhor.

CARLOS (*a Luís*) – Vamos. (*Pegam nos chapéus*).

LUÍS – Vamos quanto antes que, se tua mulher aparece...

CARLOS – Queres que esperemos por ela? Mostrar-te-ei que Luciana...

LUÍS (*interrompendo-o*) – Não, não, já é tarde e eu prefiro não te expor à experiência: fica para outra vez, vamos! (*Saem pela direita*).

Cena X

[PEDRO, só.]

PEDRO – Ahn!... Agora é que compreendo as razões porque a senhora minha ama não gosta nada do tal senhor Luís Gonçalves! O tal sujeitinho, além de que não é mesmo lá muito simpático, não lhe faz também muito boas ausências! E o senhor meu amo, que é todo cheio de mimos e ternuras, quando fala com a mulher, fica todo cheio de soberbia e arrogância perto do senhor Luís, para lhe provar que a mulher não manda... Vamos, porém, acender os lampiões que já são horas, que o mais não me diz respeito, são negócios dos patrões e eles que se arranjam: são brancos[,] lá se entendam. (*Acende os lampiões*). Bem; agora[,] enquanto a patroa não chega, vou para a porta da rua, ver quem passa; quando ela chegar, que me chame se quiser saber notícias do marido. (*Sai pela direita; a cena fica um momento vazia e depois entra Luciana com o filho pela mão...*).



Cena XI

[LUCIANA, só.]

LUCIANA (*sem reparar*) – Demorei-me muito, não é verdade? (*Reparando que na sala não está ninguém*). Mas aqui não está ninguém! Sem dúvida[,] Alfredo resolveu Carlos a ir ao escritório. (*Ao menino*). O padrinho não está, enquanto ele não chega, vai brincar lá dentro. (*Leva-o a uma das portas da esquerda e fala com a criada*). Luciana, entretém Artur algum tempo[,] para que ele não durma ainda. (*Volta*). Não sei que tristes pressentimentos me trazem[,] há alguns dias[,] a alma tão angustiada!... Carlos já não é o mesmo e diz-me o coração que aquele seu amigo Luís é a causa de tudo. Uma aversão instintiva contra aquele homem nasceu-me na alma[,] logo que o vi: o seu olhar falso e o seu sorriso[,] irônico sempre, não escondem os seus maus sentimentos. E disseram-me ainda há pouco, em casa de minha mãe[,] que semelhante homem é um jogador perdido, que é ele quem dirige aquela casa de que tantas vezes tenho ouvido falar. Meu Deus, se Carlos[,] arrastado por ele, pelo seu exemplo... Que pensamento horrível!... (*Ouve-se passos no corredor, Luciana dirige-se para a porta e encontra-se com Alfredo[,] que traz os livros*). O senhor? E vem só? Onde está Carlos?

Cena XII

LUCIANA, ALFREDO e PEDRO.

ALFREDO – Deixei-o aqui nesta sala, enquanto fui buscar os livros e ele tinha prometido esperar-me. Saiu[,] então?

LUCIANA – Quando cheguei[,] não o encontrei mais aqui; mano, vá procurá-lo, vá, receio tanto!...

ALFREDO – Mas não vejo motivo para a mana afligir-se desse modo. Carlos[,] provavelmente achando que eu demorava, ou refletindo melhor, achou mais conveniente que tratássemos de negócios no escritório, resolveu ir ao meu encontro; eu vim por outra rua, desencontramo-nos, nada mais natural. Esperemos um pouco a ver se ele volta, e então mandaremos em sua procura. (*À parte*). Procuremos ao menos iludi-la por mais algum tempo.

LUCIANA – Sim, talvez fosse isso; o mano tranquiliza-me.

ALFREDO (*abrindo um álbum e simulando tranquilidade*) – A senhora anda verdadeiramente nervosa, mana Luciana. Oh! Ainda não tinha visto este retrato. É de sua prima Alice, não?

LUCIANA – É, recebemo-lo ontem. Que tal o acha?

ALFREDO – Muito parecido ainda, conquanto a menina que deixamos há três anos se tenha tornado uma moça, segundo parece. (*Mirando o retrato[,] sorrindo*). E bonita que ela está, não acha?



LUCIANA – Acho-lhe um ar muito sério demais para aquela estouvada que conhecemos, sempre a encher a casa com as suas gargalhadas a propósito de tudo[,] lembra-se?

ALFREDO – Ora, se me lembro! Bem boas me fez ela passar com as suas zombarias, inocentes, afinal de contas. (*Luciana tem ido olhar à janela*). Mas essa mudança é natural, está uma moça, há de querer mostrar-se, e mesmo é provável que esteja mais sisuda. Que idade ela tem?

LUCIANA (*voltando da janela*) – Quinze anos. Quando a deixamos tinha doze e não prometia ser tão alta; cresceu muito nestes três anos. Minha tia escreveu-me, dizendo que Alice está mais alta do que ela[,] e Alice[,] em *post-scriptum* na carta de minha tia, diz que já fez seus cálculos e que até aos vinte anos espera atingir a altura de um coqueiro e que eu ainda vê-la-ei ganhar a sua vida se exibindo como raridade nas grandes capitais. (*Vai novamente à janela*).

ALFREDO – Ora, aí está revelando-se a mesma galhofeira de outro tempo.

LUCIANA – Pois é justamente por isso, por me parecer que ela não mudou de gênio[,] que lhe acho no retrato uma expressão de sisudez que não pode ser natural. (*A Alfredo*). Meu Carlos demora-se, não lhe parece, meu irmão?

ALFREDO (*depondo o álbum*) – Realmente, mas... (*Vai olhar à janela*). Talvez Pedro saiba para onde ele foi[,] porque está ali[,] à porta da rua[,] desde que cheguei. (*Chamando*). Pedro!

PEDRO (*aparecendo*) – Chamaram-me?

LUCIANA – Viste se o teu amo saiu?

PEDRO – Saiu, sim senhora. Logo depois que o senhor Alfredo retirou-se, apareceu o senhor Luís Gonçalves, com quem depois de muito conversar, meu amo saiu.

LUCIANA – Sabes para onde foram?

PEDRO – Meu amo deixou este bilhete para ser entregue à senhora, talvez aí ele lho diga. (*Entrega o bilhete*).

LUCIANA – Está bem, retira-te. (*Pedro sai*). Vejamos. (*Lendo o bilhete*). “Luciana, dirás ao Alfredo que um negócio urgente e imprevisto obrigou-me a sair antes de sua volta, porém[,] que amanhã bem cedo[,] irei, sem falta, procurá-lo ao armazém. Não te aflijas com a minha ausência: voltarei cedo: – Teu Carlos.”

ALFREDO (*à parte*) – Desgraçado! Está perdido!

LUCIANA – Ah! Mano Alfredo[,] se o senhor soubesse que ideia me passou pelo espírito!...

ALFREDO – Diga!

LUCIANA – Disseram-me que esse Luís Gonçalves é um homem perdido, um jogador de profissão... que dirige uma casa de jogo bem conhecida[,] pelas ruínas que tem causado... Esse homem tem ultimamente estreitado relações com meu marido, e desde então Carlos já não é o mesmo; quem sabe se[,] levado pelo exemplo e maus conselhos desse homem, Carlos também...



(*Alfredo faz um movimento*). Oh! O senhor sabe alguma coisa!... Carlos fez-se jogador, diga!... O senhor é irmão dele e há de ajudar-me a salvá-lo! Oh! Fale, diga-me a verdade, meu irmão!

ALFREDO (*à parte*) – Já agora o melhor é dizer-lhe tudo. (*Alto*). Minha irmã, adivinhou em parte a verdade; mas é preciso não desesperar. Carlos não está irremessivelmente perdido; ele há de deixar-se convencer pelos seus conselhos, há de atender os seus rogos...

LUCIANA (*com desespero*) – Oh! O mano não sabe o que é a paixão do jogo. O homem que se deixa dominar por essa paixão funesta, esquece tudo, o dever, a família, a honra; vai de queda em queda até o suicídio; é uma fascinação, um arrastamento invencível, que leva o desgraçado ao abismo. Eu o vi bem no meu pobre pai; quantas vezes nos abraçava ele[,] chorando ante as demonstrações e súplicas de minha mãe, prometendo-lhe não tornar a jogar e[,] entretanto[,] lá ia ele, sempre, até que um dia... (*Chora*).

ALFREDO – Não se desole assim, minha irmã, peça-lhe; aqui estou eu, procuraremos o meio de salvá-lo.

LUCIANA (*como concentrada em seus pensamentos*) – Como eu estava cega! Já devia tê-lo adivinhado, já devia ter descoberto a verdade há muito tempo; a sua preocupação... A impaciência febril com que esperava que chegasse a hora de sair... Tudo devia esclarecer-me, e eu nada via!

ALFREDO (*à parte*) – Ela não sabe ainda toda a verdade!

LUCIANA (*levantando-se agitada*) – Mas eu vou buscá-lo! Vou arrancá-lo daquela mesa fatal a que o infeliz senta-se preso como o galé à corrente. (*Vendo Artur[,] que nesse momento aparece à porta*). Vem, meu filho, vamos salvar teu pai! (*Vai sair[,] levando o menino, Alfredo toma-lhe a passagem*).

ALFREDO – Onde vai, minha irmã?! Que vai fazer? Sabe ao que se vai expor, apresentando-se em tal lugar? À zombaria de pessoas sem consciência, ao escárnio de pessoas sem coração, aos insultos de muitos e até...

LUCIANA (*terminando-lhe a frase*) – E até ao arrebatamento de Carlos, não é isso? Não importa, irei lá, levarei comigo meu filho[,] que vai salvar seu pai, quem não tiver coração que escarneça de mim, que me insulte, e ele que me repila e a seu filho, eu terei cumprido o meu dever, procurando salvá-lo.

ALFREDO (*comovido*) – Aceite ao menos o meu braço, terá quem a defenda.

LUCIANA – Obrigada, meu irmão, mas fique aqui, eu levo meu filho e Deus há de guiar-me e proteger-me. (*Sai levando o filho*).

ALFREDO – Vai, pobre mulher! Hoje principia para ti a vida de inquietações e vigílias que há tanto tempo me atormenta. Mas eu velarei por ti e por ele, eu salvarei da desonra e do opróbrio o nome sem mácula que legou meu pai.

CAI O PANO.



ATO II

Sala em casa de Amélia, contígua a outra[,] onde joga-se. Portas à esquerda[,] comunicando com a sala do jogo; à direita[,] com o interior da casa e[,] ao fundo[,] janela e porta[,] dando para a rua. Ao levantar o pano[,] Silvestre e Isidoro fumam e conversam. De vez em quando ouvem-se vozes e risadas na sala do jogo.

Cena I

SILVESTRE e ISIDORO.

SILVESTRE – E que dizes, teremos ainda hoje o nosso amigo Carlos aqui?

ISIDORO – Confio no poder que sobre ele exerce Luís; este prometeu que há de trazê-lo, e há de cumprir a promessa.

SILVESTRE – Realmente parece que Luís domina de alguma sorte aquele pobre diabo. Que dizes tu dessa influência? De onde nasce ela?

ISIDORO – Foi até algum tempo segredo de Luís, mas afinal revelou-mo um dia. Vou contar-te a coisa por miúdo. Sabes que, em relação a Carlos[,] todo o trabalho consiste em fazer que ele se sente à mesa do jogo: daí em diante tudo corre bem. Houve um tempo em que esse nosso companheiro andou arredo e aqui não aparecia senão à força de instigações, das quais⁵², ora um, ora outro, se encarregavam os sócios do nosso *club*. Carlos opunha-me sempre tantas objeções, quando eu o convidava, saía-me com tantas tolices, escrúpulos... Negócios... O futuro do filho que estava sacrificando... Que me aborreci e declarei que não mais me encarregaria de tais incumbências; Luís[,] entretanto[,] sempre vencia-lhe as resistências[,] de tal sorte que ultimamente só ele se encarregava de trazer Carlos ao grêmio. Uma ocasião, achando-se Luís doente e não podendo sair para ir buscá-lo, pediu-me que fosse em seu lugar, pois fazia questão que Carlos viesse e perdesse naquela noite, conforme prometera Luís à Amélia. Esquivei-me, dizendo-lhe que tinha um coração muito sensível e que não queria comover-me, pois Carlos trazia à baila muita coisa enternecedora. – Vou ensinar-te o meio de vencer-lhe os escrúpulos, disse-me Luís. Ouve: quando Carlos sair-te com todas essas asneiras, dize-lhe sem rodeios que não o acreditas[,] que conhecestes um sujeito que alegava as mesmas razões que ele para não comparecer às reuniões dos amigos, e afinal de contas o que ele tinha era medo de desobedecer à mulher[,] que lho proibia, dize-lhe isso e finge-te desconfiado de que suceda o mesmo com ele.

SILVESTRE – E que resolveste?

ISIDORO – Fui tentado a fazer a experiência e[,] com efeito[,] logo que lhe disse aquelas palavras, notei que o nosso amigo contrariava-se, e, insistindo

⁵² Na edição original, “... sendo à força de instigações, dos quais...”.



eu fingir-me desconfiado decidiu-se ele a vir, dizendo-me que o fazia unicamente para provar que não pertencia ao número dos maridos tutelados pelas mulheres.

SILVESTRE – Entendo agora a causa!... Como diabo foi Luís descobrir isso?

ISIDORO – Ora, como amigo íntimo de Carlos, gozando de toda a sua confiança, podendo estudá-lo bem a fundo todos os dias, não seria difícil a Luís descobrir-lhe as fraquezas, os defeitos e os prejuízos.

SILVESTRE – E como merece bem Luís a confiança que inspira a Carlos!

ISIDORO – Está se vendo!... Mas vamos a saber, Silvestre, tens ou não um empenho especial em que Carlos não deixe de vir esta noite?

SILVESTRE – Ora[,] graças que chegamos ao assunto de que deveríamos ter tratado logo, pois Luís e Carlos podem chegar de um momento para outro[,] sem nos termos ainda entendido. Luís pediu-me que me explicasse contigo sobre um ponto relativo a Carlos e de que já estás inteirado. Foi para isso que te convidei a vir conversar para esta sala. Vamos a saber de que se trata.

ISIDORO – Aí vai: Carlos perdeu[,] há três dias[,] no jogo forte soma e pediu a desforra para hoje; mas José e Antônio que lhe prometeram, ou porque acharam mais prudente não arriscarem seu ganho, ou por outro motivo particular, no qual desconfio muito estar o receio de complicações com a polícia, desapareceram de ontem para hoje. Luís ocultou esta circunstância a Carlos[,] pois lhe convém que este não deixe de vir e de jogar e ofereceu-me um meio de ganhar uma boa soma, – a que infalivelmente Carlos há de perder hoje, – mas...

SILVESTRE – Ora[,] vamos de uma vez ao caso! Para que reticências? Quem foi que aconselhou Luís a procurar-me para esse negócio, não foste tu mesmo? Ele assim mo disse. Fala, pois, para aí, como se falasses a outro[,] tu entendes?

ISIDORO – Perfeitamente; bem me parecia que não me tinha enganado na escolha do parceiro. Expliquemos tudo sem rodeios, que é o melhor modo de tratar de negócios. Faço-te meu sócio por igual, no ganho que Luís me ofereceu, e o que devemos fazer é o seguinte: apresentar-nos-emos a Carlos como encarregados, tu por José e eu por Antônio, de substituir nossos amigos, para que lhe apresentaremos estas cartas[,] que Luís fez que José e Antônio escrevessem antes de partir. (*Entrega um cartão a Silvestre*). Aqui tens o teu.

SILVESTRE – E se Carlos recusa aceitar-nos por substitutos?

ISIDORO – Mostrar-nos-emos ofendidos com isso e... Mas não haja receios: Carlos é um perfeito cavalheiro, para nos fazer semelhante injúria.

SILVESTRE – Eu assim o creio. Mas previno-te de que não tenho, nem para a primeira parada.

ISIDORO – Luís tudo previu e justamente por saber da *pindaíba* em que te achas[,] foi que me lembrei de ti para esta empresa: os amigos devem ajudar-se mutuamente.

SILVESTRE – Obrigado. Que é preciso fazer?



ISIDORO – Desde que Carlos reconheça e aceite as nossas credenciais, sentar-se-á à mesa e nada mais temos a fazer que parar, jogar e ganhar.

SILVESTRE – Assim, sem mais nem menos, jogar e ganhar.

ISIDORO – Não há perigo de perder. Ora, escuta. (*Levantam-se e Isidoro fala algum tempo ao ouvido de Silvestre, que faz sinais de que compreende: entrega-lhe um baralho[,] que ele examina e guarda*). Que dizes?

SILVESTRE – Magnífico! É infalível!

ISIDORO – Então, estamos de acordo?

SILVESTRE – De perfeito acordo.

ISIDORO (*entregando-lhe uma carteira*) – Aqui tens a quantia necessária para garantires a Carlos a desforra prometida por José, e nesta outra tenho eu quantia igual. Já vês que estamos ricos, porque, se Carlos perder, estas quantias serão nossas. A boa fé quase infantil do nosso amigo, assegura-nos de antemão a vitória.

SILVESTRE – Estamos entendidos, pode chegar quando quiser o senhor Carlos Gama.

ISIDORO – Não te esqueças alguma alusão indireta àquela história do marido que...

SILVESTRE – Já sei. Já sei.

ISIDORO – Luís acha que isto produz sempre algum efeito... (*Espreitando à porta da sala do jogo*). Todos nos seus postos; só se acha vazia a nossa mesa. Mas realmente demoram-se! Dar-se-á o caso que a eloquência de Luís não obtivesse hoje o resultado do costume?

SILVESTRE – Isso seria o diabo para mim; agora que sinto sobre o coração esta carteira assim recheada e que o ganho é certo...

ISIDORO – Ei-los que chegaram!

SILVESTRE – Preparemo-nos, pois.

Cena II

SILVESTRE, ISIDORO, LUÍS e CARLOS.

SILVESTRE e ISIDORO – Até que enfim! Boa noite, senhores retardatários!

CARLOS e LUÍS – Boa noite!

ISIDORO (*a Luís*) – Safa! Que demoraste hoje!

LUÍS – Carlos é que foi o culpado, não queria vir e...

ISIDORO – Heim? Que te dizia eu, Silvestre?

SILVESTRE – Tinhas razão...

CARLOS – Que diziam então? Que más ausências nos faziam?

LUÍS – Que era que eu te dizia? Mas senhores, deixemo-nos disso agora, Carlos aqui está, e já veem que eram injustos os seus juízos. Mas por que viemos encontrá-los nesta sala e não na outra? Não jogam hoje? Sabem se os nossos amigos José e Antônio já chegaram?

ISIDORO – Não chegaram, nem virão hoje, e justamente por causa disto é que aqui esperávamos a tua chegada e de Carlos, junto de quem temos honrosa incumbência a desempenhar.



CARLOS – Qual é ela?

ISIDORO – José e Antônio[,] que te haviam de tão boa vontade concedido a desforra que lhes pediste, tiveram que ausentar-se à última hora, por um motivo urgente, mas não esquecendo o compromisso de honra que haviam tentado contigo, encarregaram-nos, a mim e a Silvestre, de os substituímos juntos de ti, transferindo-nos todos os deveres. Aceitamos o honroso encargo e estamos às tuas ordens, se, como esperamos, não puseres dúvida em nos aceitar como substitutos daqueles nossos amigos. Aqui estão as nossas credenciais de ministros plenipotenciários. *(Entrega-lhe um cartão e Silvestre faz outro tanto e[,] enquanto Carlos lê os cartões, diz a Luís)*. Tudo combinado.

LUÍS *(à parte)* – Bem, mãos à obra, que o lucro é de vocês.

CARLOS *(rindo)* – Senhores, estão em devida ordem as suas credenciais; e nenhuma dúvida tenho em aceitá-los como substitutos legais de José e Antônio. Quando quiserem...

SILVESTRE e ISIDORO – Prontos!

CARLOS – Vamos. *(Entra primeiro na sala do jogo)*.

ISIDORO *(a Luís antes de entrar)* – Descansa[,] que tudo há de correr às mil maravilhas. *(Entra)*.

SILVESTRE *(idem)* – Agradeço-te o teres te lembrado de mim. *(Entra)*.

LUÍS – Vai, Carlos, nas mãos destes dois amigos, deixarás hoje o resto dos teus haveres; perderás as últimas penas, pobre pato! *(Vai à porta da direita e chama)*. Amélia.

Cena III

LUÍS e AMÉLIA.

AMÉLIA – Ah! Já de volta? E Carlos?

LUÍS *(apontando para a sala do jogo)* – Já está no seu posto de honra, mas desta vez custou-me o diabo arrancá-lo de casa!

AMÉLIA – Como assim? Por quê?

LUÍS – Acabava de ter uma conferência com o irmão e este pedira-lhe que o esperasse para tratarmos de negócios. Se me tivesse demorado mais um pouco arriscava-me a não achá-lo só, e então o meu trabalho seria inútil.

AMÉLIA – Mas afinal, como o resolveste a vir?

LUÍS – Quando o vi muito recalcitrante, mais forte do que nunca em resistir-me, lancei mão de um remédio enérgico que descobri para esses casos, e o efeito foi pronto.

AMÉLIA – E qual é esse remédio tão eficaz?

LUÍS – Ligando-me a Carlos, conforme a tua vontade e para o fim que sabes, tratei de estudar-lhe todas as fraquezas e prejuízos, afim de tirar deles todo o partido possível e foi assim que eu cheguei a conhecê-lo melhor do que ele próprio se conhece. Ora[,] descobri que o nosso amigo, apesar do extremoso



amor que vota à sua esposa, nada receia mais do que cair no ridículo de ser governado por ela. Na opinião de Carlos, opinião que eu tenho procurado justificar cada vez mais, nada é mais ridículo do que um marido que presta obediência à sua cara metade. Ora[,] quando se faz preciso...

AMÉLIA – O ameaças com esse ridículo⁵³, foi bem achado! Vamos, porém, ao que mais importa, uma vez que ele está aqui: em que estado se acha a fortuna dele, sabes?

LUÍS – Hum!... Se hoje fizer as suas costumadas loucuras, ver-se-á, talvez[,] no extremo de empenhar a própria casa em que mora, único bem que possui. Ainda hoje confessou-me que depois de amanhã vencem-se letras consideráveis e que não poderá pagá-las, porque na última noite em que aqui jogara[,] lançara mão de dinheiro destinado a esses pagamentos.

AMÉLIA – Aproxima-se então para mim a hora de vingança; verei aquela mulher odiosa, por cuja causa fui desprezada, sair de sua casa, coberta de dor e de vergonha. Sabes, Luís, que a esperança dessa hora de gozo é o mais belo sonho da minha vida?

LUÍS – Sim, Amélia; e tu sabes também que, trabalhando para ti, trabalho igualmente para mim; ajudando-te a vingares-te de Luciana, vingo-me[,] por minha vez[,] do desprezo com que me trata aquela mulher orgulhosa, que nem sequer procura disfarçar aos meus olhos a aversão que lhe inspiro. Comecei a obra unicamente para servir-te, e hoje se quisesses abandoná-la, desistindo da tua vingança, parece-me que eu a continuaria por minha conta própria.

AMÉLIA – Eu o creio; porém[,] não temas que eu desista de uma vingança que tem sido o meu sonho dourado, há tanto tempo; sei odiar. Mas a tua ausência na sala do jogo pode ser notada; vai para lá, incita-o a fazer grandes paradas e prontifica-te a fornecer-lhe a soma de que ele carecer, mediante um vale que te dê o direito de o lançares fora de sua casa.

LUÍS – Obedeço-te; ele, porém, não necessita que o incitem, quando já tem as cartas na mão. (*Entra na sala do jogo*).

Cena IV

[AMÉLIA, só.]

AMÉLIA – Causa-me asco e horror este homem! Fingir-se amigo de Carlos, apossar-se de toda a sua confiança, para melhor arrastá-lo à perdição, é verdadeiramente revoltante! Eu, odeio, sim, mas sou leal no meu ódio; nunca mais busquei encontrar-me com Carlos, não procurei conquistar a amizade de sua mulher, e, se um dia encontrar-me com ela, oh! com que prazer lhe direi, face a face, que a detesto, que a odeio! Mas que me importa a conduta de Luís? Que tenho eu com a consciência dos outros? Se Luís prefere

⁵³ Na edição original: "O ameaças com esse ridículo, foi bem achado!".



usar da perfídia a ser um inimigo leal, isso é lá com ele! Sirvo-me dele como de um executor a quem deixo livre a escolha do instrumento com que deve ferir a vítima: que fira como e com o que quiser[,] contanto que fira profundamente, contanto que me vingue! (*Chega à porta da sala do jogo[,] levanta a cortina e espreita*). Lá está ele com a fascinação do jogo pintada no semblante: olhos fixos, sob olhos carregados, lábios ressequidos, entreabertos, mãos trêmulas!... Está perdido, quando algum chega àquele ponto, raro se salva!

Cena V

AMÉLIA e um CRIADO.

CRIADO (*aparecendo*) – Está aí à porta da rua uma senhora que teima em querer entrar, por mais que lhe diga que se enganou no número da casa.

AMÉLIA – Uma senhora[,] nesta casa! Não lhe perguntaste quem era e o que queria?

CRIADO – Não, senhora.

AMÉLIA – Quem poderá ser? Que ideia! Se fosse ela!... (*Ao criado*). Vai perguntar a essa senhora que deseja ela. (*O criado sai*). Assim saberei se é quem suspeito.

CRIADO (*voltando*) – Diz que procura seu marido[,] o senhor Carlos Gama, que lhe disseram achar-se aqui.

AMÉLIA (*com alegria*) – Não me tinha enganado. (*Ao criado*). Manda entrar essa senhora para esta sala. (*O criado sai*). Vou enfim achar-me face à face com essa mulher que tanto odeio! (*Dirige-se à porta da sala do jogo e cerra mais as cortinas. Entram Luciana com o filho e o criado[,] que logo se retira*).

Cena VI

AMÉLIA, LUCIANA e ARTUR.

LUCIANA (*pálida e perturbada*) – Minha senhora...

AMÉLIA (*mostrando-lhe o sofá*) – Queira sentar-se, minha senhora, e explicar-me a que devo eu a honra de sua visita.

LUCIANA (*depondo o filho e sentando-se*) – Não é uma visita que lhe faço, minha senhora, pois que nem sequer a conheço, e devo parecer-lhe bem imprudente, mas...

AMÉLIA – Mas?...

LUCIANA – Não sei como explicar-lhe o passo que dei, mas[,] senhora, peço-lhe, suplico-lhe, se é a dona desta casa, faça-me o favor de mandar chamar meu marido, a quem tenho comunicações de tal importância a fazer, que vim eu mesma procurá-lo aqui.

AMÉLIA – E a senhora[,] me conhece? Sabe a quem faz semelhante pedido?

LUCIANA – Não a conheço[,] é verdade; mas sei que é mulher, e que por força tem um coração compassivo. Olhe, senhora, meu pai suicidou-se por-



que perdeu todos os seus haveres ao jogo, e desde que o vi morto, ensanguentado, com o rosto desfigurado pelo tiro de revolver com que pôs termo à existência, só a palavra jogo, basta para me tornar quase louca. Carlos não era jogador, ama-me, adora o filho, é impossível que, vendo-me aqui[,] onde me trouxe o desespero, não ceda às minhas súplicas. Oh! Mande chamá-lo, por compaixão! Tenha piedade de mim e eu abençoa-la-ei toda a minha vida!

AMÉLIA – Desgraçada[,] que não sabe a quem pede compaixão!... Não sabe que fui eu que preparei a sua desgraça!

LUCIANA – A senhora?! Mas que mal lhe fiz, meu Deus?!

AMÉLIA – Quer sabê-lo? Pois escute: eu amava Carlos. (*Ironicamente*). Descanse, já o não amo! Ele também dizia amar-me. (*No mesmo tom*). Nada de ciúmes, ele hoje nem ao menos se recorda do meu nome. Eu acreditava nos seus protestos de amor e sonhava gozar um dia a felicidade que a senhora me roubou: ser esposa de Carlos era a minha única ambição, todos os meus sonhos de ventura reuniram-se nisso. De repente[,] começou Carlos a afastar-se de mim, até que de todo deixou de me ver e um dia lia eu a notícia do seu casamento com a senhora! Eu que então o amava ainda, senti o despeito, o ciúme, o ódio substituírem no meu coração o amor que até ali alimentara; mas, coisa estranha, inexplicável para mim mesma, esse ódio em vez de recair sobre Carlos, cujo desprezo me ofendera, reverteu todo sobre a senhora, causa inocente de tudo, bem sei; sobre a senhora[,] a quem até esta hora não conhecia e a quem odeio desde tanto tempo! Veja bem agora, a que porta dirigiu-se.

LUCIANA – Meu Deus! Meu filho. (*Abraça-se com o filho*).

AMÉLIA – Ainda não é tudo; escute o resto. Quando eu dava tratos à imaginação, a ver se descobria o meio de tirar da senhora uma vingança cruel, a primeira ideia que tive foi reatar as minhas relações com seu marido, levá-lo, por minha causa, a desprezar a senhora, ainda que para isso fosse necessário perder-me; mas[,] por esse tempo[,] o acaso deparou-me um homem, um libertino, um devasso, um jogador que se apaixonou por mim e se associou à minha vingança. Oh! Eu não avaliava que bom auxiliar me tinha dado a fortuna. Esse homem que é hoje meu amante, fora amigo de infância de Carlos e soube captar-lhe a confiança e adquirir sobre ele um grande ascendente[,] que empregou muito bem e com o fruto, eu lho asseguro! jogador sem lealdade, sem consciência[,] tinha e tem um único fito: – enriquecer pelo jogo. Pouco a pouco[,] arrastou Carlos a imitar-lhe o exemplo, trouxe-o a esta casa, extorquiou-lhe ao jogo somas consideráveis, perdendo afinal. E quer saber mais? Esse homem que a princípio trabalhava na empresa unicamente para servir-me, é agora mais empenhado do que eu em levá-lo ao cabo, porque a senhora o ofendeu, tratando-o com o desprezo que lhe inspira. Que quer? Já lhe disse que é um libertino, um devasso, e pensa também em tirar, talvez, a sua desforra.

LUCIANA – O nome desse miserável, posso sabê-lo?



AMÉLIA – Por que não? Conhece Luís Gonçalves, não?

LUCIANA – Oh! O Judas! Não me enganaram os meus pressentimentos. Quanta infâmia, meu Deus! Que hei de fazer! Meu Deus, meu Deus, a minha cabeça se perde. *(Ouve-se grande vozerio na sala do jogo e a voz de Carlos que brada – Maldição!).* Oh! Compaixão, senhora! Perdoe o mal que lhe fiz sem saber, tenha dó deste inocente a quem sacrifica nesta cruel vingança! *(Ajoelha-se).*

AMÉLIA *(desviando-se)* – Eu não sei o que é ter compaixão. Saia de minha casa! *(Aponta-lhe a porta da rua).*

LUCIANA *(levanta-se chorando)* – Chame o meu marido, senhora, deixe-o ir comigo.

AMÉLIA – Eu aparecer-lhe?... Nunca! Dou-lhe, porém, licença que o vá chamar a senhora mesma: pode ir buscá-lo àquela sala.

LUCIANA – Eu entrar naquele antro de vício, levar ali, meu filho!?... *(Abraça nervosamente o menino).*

AMÉLIA *(com desdém)* – Pois[,] então[,] retire-se, que já me vai enfastiando a cena, e se se demorar mais um minuto... *(Aparece Luís agitando triunfalmente um papel na mão).* Ah! Eis quem poderá servi-la.

Cena VII

AMÉLIA, LUCIANA, LUÍS e ARTUR.

LUÍS *(sem ver Luciana)* – Vitória completa! Eis o vale. O desgraçado... *(Interrompendo-se[,] reparando em Luciana).* Que vejo? D. Luciana aqui?

AMÉLIA – Sabes? Veio em procura do marido, porque receia que ele se perca nesta casa. *(Dá uma risada).*

LUÍS *(irônico)* – Receio infundado[,] D. Luciana! Carlos será sempre o seu fiel esposo. Quer ter a prova? Olhe, venha vê-lo daqui. *(Levanta a cortina da porta da sala do jogo).* Repare como ele permanece impassível, indiferente aos sorrisos provocadores daquelas sereias que o cercam: para nenhuma lança sequer um olhar. Ora[,] venha ver, minha senhora.

LUCIANA – Miserável! Infame!

LUÍS – Que é lá isso? Temos insultos? Faz mal, minha senhora, faz muito mal em provocar as iras da única pessoa que poderá protegê-la neste lugar! Se a senhora conhecesse os mais que se acham ali!... Mas eu não sou mau nem vingativo e estou às suas ordens: se quer retirar-se para sua casa, ofereço-lhe o meu braço e a minha proteção. *(Oferece-lhe o braço).*

LUCIANA *(afastando-se indignada)* – Senhor, eu chamo meu marido.

LUÍS *(com uma gargalhada)* – Creia, D. Luciana, eu estou mais no caso de protegê-la do que seu marido, e isso em todos os sentidos. Se quer experimentá-lo... *(Neste momento ouve-se grande rumor na sala do jogo. Vozes: Basta Carlos. Não jogueis mais, etc. e a voz de Carlos. – Não! Quero a minha desforra!).*



LUCIANA – Meu Deus! (*Vai precipitar-me para a sala do jogo, mas Luís inter-põe-se-lhe*).

LUÍS – Quer que eu o chame?

LUCIANA (*desesperada*) – Sim! Sim!

LUÍS – Espere. (*Levantando a cortina e gritando para a sala do jogo*). Carlos, vem cá; tua mulher está aqui e deseja falar-te. (*Ouve-se uma gargalhada geral dos jogadores*).

CARLOS (*dentro*) – De que riem? Já disse que quero a minha desforra!

LUCIANA (*gritando*) – Carlos! Carlos! Eu enlouqueço, meu Deus!

LUÍS – Eu vou buscá-lo, minha senhora. (*Entra na sala*).

AMÉLIA – E eu vou apreciar daquele quarto a cena que promete ser magnífica! Não quero que Carlos me veja. Às suas ordens, minha senhora! (*Cumprimenta ironicamente e retira-se. Luciana deixa-se cair numa cadeira chorando e abraçando o filho*).

Cena VIII

LUCIANA e o FILHO; LUÍS, CARLOS, ISIDORO, SILVESTRE;
JOGADORES e MULHERES, dentro.

LUÍS (*dentro, em voz bem alta*) – Senhores, juro que a mulher de Carlos está ali na outra sala. Carlos, tua mulher veio buscar-te e espera-te para voltar para casa.

CARLOS (*dentro[,] com voz colérica*) – Quem falou aqui em minha mulher?

LUÍS – Fui eu. Quando eu te dizia que era ela que não queria que viesses! Desobedeceste-lhe e ei-la aí em tua procura! O que me admira é que teu irmão não tenha vindo também com ela! (*Gargalhadas*).

LUCIANA – Oh! Que miseráveis! Que infames!

CARLOS (*dentro*) – Mentos, Luciana não viria aqui!

LUÍS (*dentro*) – Pois vem certificar-te! Podem vir, senhores, que o espetáculo vai pagar a pena. (*Vozes: vamos, vamos, vamos! Rumor de cadeiras, aparecem todos. Carlos pálido[,] com o cabelo em desordem*).

LUÍS (*apontando para Luciana*) – Ei-la!

CARLOS (*avançando para Luciana*) – Luciana, que vieste fazer aqui? (*Luciana oculta o rosto nas mãos*).

ISIDORO – Heim? Que te dizia eu ainda hoje[,] Silvestre? Os maridos de agora necessitam tirar licença por escrito de suas mulheres para divertirem-se algumas horas. Mira-te neste espelho, meu caro, e casa-te para aguentares uma destas.

SILVESTRE – Livra!

CARLOS – Luciana, que vieste fazer a esta casa?

LUCIANA – Arrancar-te deste inferno, Carlos! Pedir-te[,] em nome do nosso filho, que fujas deste antro maldito, onde tantos desgraçados têm perdido a fortuna, a honra e a vida! Vem, Carlos, saíamos desta casa!



SILVESTRE – Fala muito bem, que dizes, Isidoro?

ISIDORO – E trata-nos com extrema delicadeza!

CARLOS (*severamente*) – Senhora, este lugar não é seu; nunca devia ter posto os pés nesta casa.

ISIDORO – Isto é que é verdade; mas as mulheres de agora entenderam inverter a ordem das coisas...

SILVESTRE – Quando os maridos não sabem falar grosso, como devem.

LUCIANA – Perdoa-me, Carlos; tu tens razão, mas eu não sabia o que fazia, estava louca! Mas vem! Em nome de nosso filho, acompanha-me.

ISIDORO – Irá ele?

SILVESTRE – Não vai, não é louco!...⁵⁴

LUÍS (*aos jogadores*) – Hã de ver, senhores, que ele vai obedecer-lhe! (*Gargalhadas*).

ISIDORO – Façamos jogo. Quem quer apostar? Vinte mil réis no marido.

SILVESTRE – Eu topo. A mulher vencerá.

CARLOS (*exasperado*) – Luciana, retira-te!

ISIDORO – Heim, Silvestre?

LUCIANA – E deixas-me voltar só[,] Carlos? É impossível!

SILVESTRE – Heim, Isidoro?

LUÍS (*a Carlos*) – Ora, vamos, mostra agora que és tu quem manda; não acharás melhor ocasião para desmentir-me aos olhos de nossos amigos, aos quais sempre digo que em tua casa quem canta é a galinha, e não o galo. (*Gargalhadas*).

CARLOS – Tu vieste só Luciana, podes voltar só. Retira-te!

ISIDORO – Assim, Carlos, energia!

LUCIANA – Não, não! Sem ti não me retiro daqui!

SILVESTRE – Bravo, D. Luciana, assim é que se fala!

CARLOS (*cada vez mais alucinado*) – Luciana, ainda uma vez, retira-te[,] eu to ordeno, não me leves ao extremo...

LUCIANA (*som desespero*) – O desgraçado atreve-se a ameaçar-me, não respeita ao menos o filho que tenho nos braços! Fica pois, infeliz! Segue o teu destino, um dia, quando o nosso filho, coberto dos andrajos da miséria, pedir-te conta do seu futuro, do seu nome[,] da sua honra, responde-lhe com a vergonhosa estampa no rosto que tudo isto atiraste na medonha voragem do jogo! Fica, infeliz! Casa amaldiçoada[,] onde se consome o bem estar, o sossego e a honra das famílias, caia sobre ti o pranto vertido pelas tristes mães de família arremessadas na miséria e no desespero por tua causa. Maldição sobre vós todos, miseráveis, que especulais com a fraqueza de vossos semelhantes, neste covil de ladrões! A maldição de uma infeliz a quem roubais o esposo, as lágrimas de um inocente cujo pai lançastes à perdição, hã de atrair sobre vossas cabeças a cólera de Deus! (*Vai sair, levando o filho[,] e Carlos volta para a sala do jogo*).

⁵⁴ Na edição original: “Não vai, não é pouco!...”.



SILVESTRE – Bonita tirada! Que belo efeito faria num palco!

ISIDORO – Meus vinte mil réis, ganhei!

SILVESTRE – Espera um pouco.

LUÍS (*chegando-se à Luciana*) – Ainda uma vez ofereço-me para acompanhá-la até sua casa. Aceita agora o meu braço? (*Oferece-lhe o braço*).

LUCIANA (*com desespero*) – Miserável.

LUÍS – Realmente, a senhora é mal agradecida!

ISIDORO – Serei eu mais feliz, minha senhora? Aceitará de mim a proteção que recusa aceitar de Luís?

LUCIANA – Oh! Infames!

SILVESTRE – Em vista dos autos[,] nem me atrevo a oferecer-lhe os meus préstimos.

LUCIANA (*chorando o filho*) – Meu filho, meu filho, chama teu pai!

ARTUR – Papai! Papai!

CARLOS (*dentro*) – Vamos continuar a nossa partida, senhores!

TODOS – Vamos, vamos! (*Retiram-se[,] ficando Luís, Isidoro e Silvestre para trás*).

ISIDORO – Ganhei a aposta.

SILVESTRE – Perdi, mas era justamente o que eu queria, e olha que concorri mais do que tu para a vitória de Carlos.

ISIDORO – Bem o percebi, e por isso dispenso-te do pagamento.

SILVESTRE – Obrigado.

LUÍS (*cumprimentando Luciana*) – Às suas ordens, D. Luciana. (*Retiram-se*).

Cena Última

[LUCIANA, só.]

LUCIANA – Carlos!... Carlos!... Infeliz, nunca pensei que tivesse descido tanto! Meu filho, meu pobre filho, já não tens pai! (*Abraça o filho, soluçando. Amélia aparece à porta da direita e solta uma gargalhada*).

CAI O PANO.



ATO III

Cena I

LUCIANA e ALFREDO.

ALFREDO – Vamos minha irmã, coragem! Conte-me tudo o que se passou.

LUCIANA (*tirando as mãos do rosto*) – Já lhe contei a surpresa dolorosa que tive com as revelações daquela mulher, a sua vingança, a perfídia daquele miserável Luís Gonçalves; mas a minha desesperação foi sem limites, quando vi... Para que fui àquela casa, meu Deus! (*Chora*).

ALFREDO – A mana não me quis atender...

LUCIANA – Sim, o senhor tinha razão, mas eu não media o alcance dos meus atos, estava louca e não imaginava até que ponto Carlos estava dominado por aquela funesta paixão, não sabia a influência que exerciam sobre ele as palavras daquele miserável! Chegou a ameaçar-me na presença daquela gente, meu irmão!... Ainda estou ouvindo aquelas gargalhadas infernais, que me fazem corar de vergonha! Ainda tenho diante dos olhos o sorriso irônico daqueles homens, os olhares insultantes daquelas mulheres, e, mais do que tudo[,] a indiferença de Carlos ao escárnio, à zombaria de que eu era objeto!... Quando, ao retirar-me, aquele homem infame veio oferecer-me o braço, ainda ouvi a voz de Carlos que dizia: – Vamos acabar a nossa partida! Oh! Meu irmão, isto é demais para as minhas forças! (*Chora*).

ALFREDO – Coragem, minha irmã, continue.

LUCIANA – Nada mais tenho que lhe contar; saí daquela casa com a morte no coração, desesperada; o resto o mano sabe; quando eu caíra sem forças, sucumbindo ao meu desespero, apareceu-me o senhor[,] que me conduziu até aqui.

ALFREDO – Sim, inquieto porque não a via voltar nem Carlos, resolvi-me a ir procurá-los, chegando, felizmente[,] a tempo de ampará-la, quando ia cair sem sentidos. E Carlos[,] ainda não apareceu?

LUCIANA – Ainda não, e é isso que mais me aflige. Talvez que agora, calmo e a sangue frio, reconheça que mal procedeu ontem para comigo, e não tinha ânimo de aparecer-me; mas eu receio uma desgraça ainda maior. Quem sabe a que desvarios o não arrastou ontem a sua paixão pelo jogo: ele estava fora de si! Quem sabe se hoje, arrependido... desesperado... Meu Deus, lembro-me tanto de meu infeliz pai!

ALFREDO – Pois quê! Receia...

LUCIANA – Sim! Sim! E além de tudo não avalio bem até que ponto o irritou o passo inconsiderado que dei ontem! Viu-se, por minha causa, exposto aos motejos daqueles homens e eu bem conheci que as palavras daquele infame Luís o exacerbaram mais. Quem sabe que ressentimento guarda ele contra mim!



ALFREDO – Mas, minha irmã, não deve de modo algum alimentar semelhante receio; é de supor ao contrário, que Carlos, voltando a si do seu passageiro delírio[,] tenha refletido no quanto foi injusto, e, comovido, há de ter admirado a sua dedicação e eu tenho fé que o veremos voltar arrependido a pedir-lhe perdão.

LUCIANA – Entretanto[,] a sua demora põe-me em torturas; é preciso saber onde ele está, e foi por isso que o mandei chamar, meu irmão. Não tive coragem de mandar procurá-lo àquela casa maldita, e quem sabe se[,] a esta hora, o meu infeliz Carlos, vendo-se perdido, terá procurado no suicídio o termo de uma existência de privações e de amarguras...

ALFREDO – Mas aqui estou eu, e, graças a Deus, possuo bastante para socorrer meu irmão; o que é meu é também dele.

LUCIANA – Quanto é nobre e generoso, Alfredo. Salve-o, sim, meu irmão! Vá procurá-lo, diga-lhe o que acaba de me dizer, restitua-lhe a esperança e a coragem e traga-mo. Vá.

ALFREDO – Faça o meu dever de bom irmão. Vou procurá-lo!

LUCIANA – Sim, e volte depressa, lembre-se de que cada minuto que passa, aumenta a minha ansiedade e os meus temores.

ALFREDO – Não me demorearei. *(Pega o chapéu e sai)*.

Cena II

[LUCIANA, só.]

LUCIANA – Excelente irmão! Que nobre exemplo dás àqueles que menosprezam os sagrados laços da família! Quem dirá hoje que foi Carlos quem lhe deu os primeiros exemplos de virtude, honradez e probidade, entregando-lhe, quando ele chegou à maioridade, os seus haveres aumentados, pelo zelo com que ele olhava para os interesses e para o futuro do irmão mais moço[,] de quem fora nomeado tutor por morte do pai. Foi Carlos quem o educou, quem lhe ensinou com firmeza o caminho da honra e do dever, e hoje! Pobre Carlos! Que triste fatalidade pesa sobre mim, meu Deus! Ainda criança, vi meu pai, meu desgraçado pai, levado ao desespero por perdas que sofrera ao jogo[,] pôr termo aos seus dias, e hoje receio igual sorte ao meu marido! Que desgraçado é o homem que se deixa dominar por esse horrível vício! Cego, desvairado, louco, atira no sorvedouro medonho, insaciável, a sua fortuna, o bem estar da família, a honra, e, quando nada mais lhe resta, senão a vergonha e a miséria, lança mão do suicídio[,] para escapar ao justo desprezo da sociedade, esquecendo Deus, a religião, a família que deixa entregue à miséria e ao desespero. Oh! Meu pai, meu pobre pai, perdoa ao meu sofrimento as recriminações que te faço; quem sabe as desgraças e as dores que me aguardam ainda! Meu pobre Carlos, quem me diria que ele me trataria de semelhante modo, que se deixaria desvairar ao ponto de esquecer todos os nobres sentimentos de homem, esposo e pai, ele que sempre foi



tão bom para mim, tão extremoso pelo filho... Infeliz! Parece-me que[,] no meu desespero[,] lancei-lhe em rosto a covardia do seu procedimento: não o devia ter feito, mas se eu não estava em mim, estava louca de desespero e de cólera. E Carlos que não aparece! Meu Deus, que terá acontecido! (*Chega-se a uma das janelas do fundo e olha para todos os lados*). Ele, meu Deus, em que estado! (*Corre à porta da direita[,] por onde entra Carlos, desfigurado, com os cabelos e o fato em desordem*). Carlos, meu Carlos! (*Abraçado*).

Cena III

CARLOS e LUCIANA.

CARLOS (*sombrio*) – Pois tu me abraças, Luciana? (*Afastando-a*). Oh! Não, afasta-te de mim! Não vês que sou um miserável cujo contato te mancha?

LUCIANA (*com carinho*) – Não digas isso[,] Carlos. Vem[,] senta-te!

CARLOS (*sentando-se*) – Onde está nosso filho?

LUCIANA – No seu quarto[,] a brincar. Queres que eu vá buscá-lo?

CARLOS – Não, deixa a pobre criança brincar. (*Depois de uma pausa*). Luciana, senta-te ao pé de mim e responde-me com toda a clareza e sinceridade: que foi que se passou de ontem de tarde para cá?

LUCIANA (*perturbada*) – Ontem...

CARLOS – Fala, Luciana, tenho a cabeça a arder, as fontes⁵⁵ latejam-me, parece-me que vou ficar louco! Não sei se é febre, as ideias baralham-se-me por forma tal, que não posso recordar-me nitidamente do que se passou: tu saíste ontem de casa?

LUCIANA (*com voz sumida e curvando a cabeça*) – Saí...

CARLOS (*com ansiedade*) – E onde fostes? Onde estivestes?

LUCIANA (*coabrindo o rosto com as mãos*) – Carlos!...

CARLOS (*retirando as mãos do rosto e vendo-lhe os olhos*) – Tu choras, Luciana? É, pois, verdade o que eu julgava um delírio, um pesadelo produzido pela febre que me requeima as veias... (*Apertando as fontes⁵⁶ com ambas as mãos*). Oh! Miserável que sou! Insultei-te, não é verdade? Dei àqueles infames o espetáculo repugnante de um homem que esquece todos os seus deveres, até o ponto de chegar a ameaçar uma mulher, sua esposa, a mãe de seu filho! E tu não me repeles, Luciana? Não te inspiro horror e desprezo?

LUCIANA – Não, Carlos; eu é que fui culpada do teu arrebatamento; uma mulher não deve fazer o que eu fiz. Mas tinham-me falado em jogo, e eu ficara fora de mim; bem sabes o efeito que semelhante palavra produz em meu espírito. Fiz mal, muito mal, eu reconheço, em aparecer naquele lugar expondo-te[,] como te expus, aos sarcasmos e motejos daqueles homens. Perdoa-me[,] Carlos! (*Quer abraçá-lo, mas Carlos a afasta*).

⁵⁵ Na edição original, "as fontes".

⁵⁶ Idem.



CARLOS – Afasta-te, Luciana! Oh! Eu descí tanto, tanto, que só deve merecer o teu desprezo, e não sou digno sequer da tua compaixão. Não te deixei eu só naquela sala, exposta aos insultos e às zombarias daquela gente?!... Meu Deus; meu Deus, eu enlouqueço! (*Aperta a cabeça[,] desesperado*).

LUCIANA – Carlos, em nome do céu, acalma-te, sossega o teu espírito, procura recuperar a paz do coração, vem descansar, vem!

CARLOS – Logo; viste Alfredo hoje?

LUCIANA – Sim, já esteve aqui e[,] inquieto com a tua demora em aparecer, saiu à tua procura.

CARLOS – Sempre o mesmo, pobre irmão! Eis outro a quem faço sofrer.

LUCIANA – Não penses nisso, Carlos; mas eu ouço passos, há de ser ele.

Cena IV

LUCIANA, CARLOS e ALFREDO.

ALFREDO (*entra com ar inquieto, mas vendo Carlos, solta um grito de alegria*)

– Ah! Já estás aqui! (*Luciana faz-lhe um sinal de não falar*). Folgo ver-te.

CARLOS (*estendendo-lhe a mão*) – Obrigado, meu Alfredo. Vens para tratarmos do negócio, não é verdade?

ALFREDO – Vinha; mas se estás fatigado, deixaremos isso para amanhã.

CARLOS – Os negócios não admitem essa delonga. Pareço-te então fatigado?

ALFREDO – Sim, estás muito pálido, e não podes disfarçar a tua agitação, teus olhos têm o brilho da febre... Sentes[,] com certeza[,] alguma coisa.

CARLOS – Não, apenas o cansaço proveniente de uma noite de insônia: com um pouco de repouso[,] isso passará. Luciana, temos que tratar de negócios[,] vai preparar-nos o café e traze-me depois o Artur.

LUCIANA – Sim. (*A Alfredo*). Veja se o acalma, e[,] sobretudo[,] não lhe fale nas minhas queixas.

ALFREDO (*a Luciana*) – Descanse em mim. (*Luciana sai pela esquerda*).

Cena V

CARLOS e ALFREDO.

ALFREDO (*lançando-se nos braços de Carlos*) – Oh! Meu irmão, que fizeste?

CARLOS – Sou um miserável, não é verdade?

ALFREDO – Não disse semelhante coisa, meu irmão.

CARLOS – Mas digo-o, eu. Luciana contou-te tudo o que se passou ontem, não é assim? Ela, porém, ainda não sabe a cruel realidade de minha situação, e eu afastei-a daqui, a fim de poder falar-te com toda a franqueza. Alfredo, estou perdido!

ALFREDO – Exageras, talvez, a tua posição.

CARLOS – Não! Já não possuo coisa alguma; esta casa já não é minha, e amanhã, quando os meus credores souberem a verdade, a minha desonra será



pública. Luciana e meu filho⁵⁷ podem ser[,] a qualquer momento[,] expulsos desta casa, cobertos de vergonha e tendo por futuro a indignação!

ALFREDO – Ainda não chegamos a esse ponto!

CARLOS – Queres zombar de mim? É possível que ignores o que tenho feito, que eu ia ao escritório, às ocultas, como um ladrão e tirava do cofre somas consideráveis[,] que todas as noites consumia no jogo? Não sabes que eu fugia de me encontrar contigo, como o criminoso foge à justiça? Que temia ouvir a tua voz[,] severa como a própria honra, a lançar-me em rosto a infâmia de minha conduta?

ALFREDO – Não podia tomar-te contas, dispunhas do que era teu.

CARLOS – Não, Alfredo! Não tentes iludir-me, sabes bem que eu não dispunha do que era meu, que lancei mão até de quantias que outros depositaram em meu poder, confiados na minha probidade. Cego, arrastado por um falso amigo, – tarde o reconheci – eu fazia tudo isso esperançado cada dia em recuperar o que perdera no dia anterior; hoje reconheço que o meu procedimento tem sido infame; como juiz da minha própria conduta, não acho absolvição possível para mim, e nem uma atenuante sequer encontro para ela na minha consciência. Para que hás de tu absolver-me, tu[,] a honra imaculada?

ALFREDO – Julgaste com demasiada severidade, Carlos.

CARLOS – Que é que me espera amanhã? A vergonha pública, a desonra, o opróbrio! Até agora pudeste resolver – sabes tu com que sacrifício! – os embaraços em que eu te deixara, ocultando-mos com uma dedicação que eu, covarde, abusava, pois que bem o percebia; amanhã, porém, nada poderás fazer, nada, porque eu estou perdido, irremessivelmente perdido! Ontem, levado pela louca esperança de recuperar e ganhar o que havia sacrificado já de meus haveres, joguei tudo o que me restava, e tudo, tudo perdi no meu desvario, porque eu estava louco! Além disso, o meu indigno procedimento com a minha pobre Luciana... Oh! Sou um miserável, Alfredo, sou um infame!

ALFREDO – Modera-te, Carlos. Luciana ama-te muito e já esqueceu tudo; o que é necessário agora é tranquilizar-lhe os receios e a inquietação de espírito em que vive por tua causa. Eu, de minha parte, só me queixo de que não tenhas sido franco comigo[,] que sou teu irmão, o teu melhor amigo. Porém[,] sossega, os teus credores já foram pagos e a tua casa e o teu nome estão mais acreditados do que nunca.

CARLOS – Zombas de mim, Alfredo? Queres enlouquecer-me em tal momento?

ALFREDO – Não zombo, Carlos, escuta. A notícia das perdas que sofras ao jogo, divulgara-se logo e aqueles que tinham valores nas tuas mãos, alarmaram-se e apresentaram-se lá no armazém, à tua procura, reclamando seu

⁵⁷ Na edição original, “meus filhos”.



dinheiro, surpreendido eu de que esse fato se repetisse duas ou três vezes no mesmo dia, indaguei do que havia e cheguei ao conhecimento da verdade. Afirmei[,] sob a minha palavra de honra[,] aos teus credores, que eram infundados os seus receios, que as tuas perdas ao jogo não prejudicaram seus interesses e convoquei-os a irem hoje ao escritório para serem por ti pagos integralmente, porque ia informar-te de tudo e o teu procedimento seria esse. Era isso o que eu queria comunicar-te ontem[,] porque era necessário que assistisses aos pagamentos; como, porém, não comparecesses hoje até a hora marcada, participei aos teus credores que te achavas doente e que eu estava por ti autorizado a fazer os pagamentos. Queres saber o que então aconteceu? Vendo que estavas em circunstâncias de pagar até o último real de tuas dívidas, muitos pediram que continuasses a ser o depositário de seus capitais, eu, porém, recusei, dando-me por ofendido[,] por terem duvidado uma vez de tua probidade. Hoje só tens um credor: teu irmão, e este declara-te que quer que sejas tu o depositário de sua fortuna. Já vês que não zombava, quando te dizia que a tua casa e o teu nome estão mais acreditados do que nunca. Estamos pobres, sim, mas temos um crédito ilimitado; com energia, coragem e perseverança tudo remediaremos, tu te reabilitarás aos teus próprios olhos e...

CARLOS – Que foi que fizeste, Alfredo? Tu te sacrificaste por mim, meu irmão!

ALFREDO – Fiz o meu dever, porque és meu irmão, porque uso do teu nome, e a tua honra é a minha, porque era suficientemente rico para socorrer-te, porque, finalmente, pago-te uma dívida: a dos cuidados paternos que tiveste comigo, mas... Que tens Carlos? (*Aproxima-se dele*).

CARLOS (*com um grito de dor[,] leva a mão ao peito*) – Ai!

ALFREDO – Que tens Carlos, tu empalideces horrivelmente, estás doente?

CARLOS (*com emoção*) – Não é nada... A emoção... O que fizeste... Deixa-me agradecer-te de joelhos. (*Quer ajoelhar-se, mas Alfredo o impede, abraçando-o e fazendo-o sentar-se de novo*).

ALFREDO – Carlos, que tens? Que é isto?

CARLOS (*com novo grito de dor*) – Ai! Quanto sofro, meu Deus!

ALFREDO (*amparando-o*) – Que é que tens, meu irmão? Tu estás doente!

CARLOS – Escuta, Alfredo, o teu sacrifício... tão nobre... meu filho... um dia... to pagará...

ALFREDO – Cala-te!

CARLOS (*com dificuldade*) – Para mim... Já foi tarde... Mas ao menos eu morro... com a certeza... de que meu nome... não será coberto... de opróbrio... e eu nem... essa consolação... merecia.

ALFREDO – Morrer! Por que falas tu em morrer, Carlos? Meu Deus, tu empalideces cada vez mais... Que fizeste, meu irmão?

CARLOS – Era o único... recurso... Ai! (*Leva as mãos ao peito*). Sofro muito... muito... Perdoa... meu irmão.

ALFREDO – Desgraçado!... (*Corre à porta da esquerda e chama*). Luciana, minha irmã, venha depressa!



Cena VI

LUCIANA, CARLOS, ALFREDO e ARTUR.

LUCIANA (*entrando com Artur pela mão*) – Que é[,] mano?

ALFREDO (*apontando para Carlos*) – Acuda-lhe, enquanto eu corro a chamar um médico. (*Sai correndo*).

CARLOS – Luciana... Meu filho... Ai... Que sofrimento, meu Deus! Meu Deus!

Cena VII

CARLOS, LUCIANA e ARTUR.

LUCIANA (*correndo para Carlos*) – Carlos, Carlos, que é que tens? Em nome de Deus[,] fala. (*Segurando-lhe a cabeça[,] que ele deixara pender*). Responde, Carlos, que tens?

CARLOS – Ai! Luciana... per... doa.. Eu estava... perdido... desonrado... (*Com um dilacerante grito de dor, estorcendo-se*). Ai!... É horrível!... Este sofrimento... Dá-me... meu filho... Eu... não... o vejo... Luciana... perdoa... Sofro... muito!...

LUCIANA (*com grito despedaçador*) – Meu Deus! (*Cai de joelhos diante de Carlos, cobrindo o rosto com as mãos e soluçando*).

Cena VIII

LUCIANA, CARLOS, ARTUR, ALFREDO e o DOUTOR.

ALFREDO (*entrando*) – Por aqui[,] doutor, venha depressa! (*Ouvindo os soluços de Luciana, para e exclama*). Ah! Morto!

DOUTOR – Chegamos tarde, senhor Alfredo. Aceite os meus préstimos como amigo já que a fatalidade não permitiu que lhe pudesse ser útil com os recursos da minha ciência. (*Apertando-lhe as mãos*). Coragem e resignação!

Cena Última

OS PRECEDENTES e LUÍS.

LUÍS (*entrando, em tom jovial*) – Pontual e exato como um inglês!

ALFREDO (*tomando-lhe o passo*) – Que vem o senhor fazer aqui?

LUÍS – Que venho fazer? Ora essa! Quero que me façam já a entrega desta casa[,] cuja propriedade me é transmitida por este documento em regra, assinado ontem pelo senhor Carlos Gama, diante de vinte testemunhas que o atestam. Ora[,] veja. (*Apresenta o documento a Alfredo[,] que o examina e lho restitui*).

ALFREDO – Respondo pela dívida: mas sai daqui, miserável, que vens[,] com tua presença, insultar a dor das vítimas que fizeste. (*Segurando Luís pelo pulso e arrastando-o até o grupo formado por Luciana, Carlos e Artur*). Mas antes de sair, vem, infame[,] contemplar a tua obra: – um suicida, uma viúva e um órfão na miséria. Ai tens o quadro da desgraça que preparaste, aí tens as vítimas do jogo.

CAI O PANO.

FIM



BIBLIOGRAFIA

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth C. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. (Trad. Edgar Süssikind de Mendonça). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

ÁLBUM de *Domingo*. Porto Alegre, ano I, n. 35, 1º de dezembro de 1878.

ARTAGÃO, Mário de. *Janina*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1907.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BARRETO, João da Cunha Lobo. Estrelas e diamantes. Porto Alegre: *Revista Ensaios Literários*, n. 1, abr 1875, p. 10-25; n. 2, mai, p. 37-51; n. 3, jun, p. 69-80; n. 4, jul, p. 101-112; e n. 5, ago 1875, p. 101-112.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *Notícia do Rio Grande: literatura*. (Org. Tania Franco Carvalho). Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade/ UFRGS, 1994.

CODMAN, John. *Ten Months in Brazil: with Notes on the Paraguayan war*. 2ª ed. New York: James Miller Published, 1872.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras – 1711 - 2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COLTON, Walter. *Deck and Port, or Incidents of a Cruise in the U. S. Frigate Congress to California, with Sketches of Rio de Janeiro*. New York: A. S. Barnes & Co., 1850.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. 2ª ed. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Ministério da Cultura (Fundação Biblioteca Nacional), [1990] 2001.

CUNHA, Maria da. *Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas*. Porto Alegre: Of. Graf. de “A Federação”, 1887, p. 1-39.

_____. A flor do deserto. Idem, p. 40-55.



DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro* (em Porto Alegre no século XIX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1956.

____; CESAR, Guilhermino et alii. *O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SEC, 1975.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo: [s.e.], 1935.

FISCHER, Antenor. *A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX – Subsídios para uma História*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. PPGL da PUCRS, 2003.

____. *A literatura dramática do Rio Grande do Sul (de 1900 a 1950)*. Porto Alegre: Tese de Doutorado. PPGL da PUCRS, 2007.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

____. Contribuição feminina. *RS no contexto do Brasil*. Círculo de Pesquisas Literárias. (Org. Lotário Neuberger). Porto Alegre: EDIPLAT, 2000, p. 165-182.

FRANCES, May. *Beyond the Argentine, or Letters from Brazil*. London: W. H. Allen and Co., 1890.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

____ & RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob Dom Pedro II*. 2ª Parte. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1986.

HORMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional*. Porto Alegre: Luzzatto/EDUNI-SUL, 1986.

“HUM MILITAR AVULSO”. *Político, e liberal, por especulação*. Porto Alegre: Tip. de Fonseca & Cia., 1834.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834*. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JORNAL *O Artilheiro*. Porto Alegre, 5 de agosto, 24 de novembro e 16 de dezembro de 1837.

JORNAL *O Povo*. Caçapava, RS, 11 de janeiro de 1840.



JORNAL *O Povo*. Piratini, RS, 2 de janeiro de 1839.

LISBOA, Anna Aurora do Amaral. A calúnia. 3ª ed. *Teatro*. Rio Pardo: Edição da Tip. Popular, 1931. p. 1-31 (1ª sessão).

____. A culpa dos pais. Idem, p. 1-39 (2ª sessão).

____. As vítimas do jogo. Idem, p. 1-41 (3ª sessão).

LOPES, Antonio de Castro. *Teatro do doutor A. de Castro Lopes*. Rio de Janeiro: Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1864-1865, 3 v.

MAIA, João. *A adúltera*. Porto Alegre: Globo, 1936.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MORAIS, Vamberto. *A emancipação da mulher: as raízes do preconceito anti-feminino e seu declínio*. 2ª ed. [s.n.] (Introdução: Londres, abril de 1968).

MOURA, Maria Lacerda de. “*A mulher é uma degenerada*”. São Paulo: Tip. Paulista – José Napoli & Cia., 1924.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. (Org. Maria Eunice Moreira). Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 261-275.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. (Trad. Nathanael C. Caixeiro). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1995.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Tese de Doutorado. PPGL da PUCRS, 2005, 2 v.

QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeiros do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

REVISTA *Contemporânea*. Porto Alegre, 4ª série, n. 1, 2 e 3, abril, maio e junho de 1879.

REVISTA d’*O Guaíba*. Porto Alegre, ano I, n. 11, 12 de outubro de 1856; ano III, n. 35, 36, 37 e 40, de 3, 10 e 17 de outubro e 7 de novembro de 1858.



REVISTA *Literária*. Porto Alegre, ano I, n. 6, 13 de março de 1881.

REVISTA *Mensal*. Porto Alegre, ano 1, n. 5, julho de 1869; 2ª série, 2º ano, n. 12, dezembro de 1873; 3º ano, fevereiro de 1874; 3ª série, n. 3, setembro de 1877; 3ª série, n. 4, outubro de 1877.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia da. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. (Trad. Adroaldo Mesquita da Costa). Porto Alegre: Martins Livreiro – Erus, 1987.

SCHITZ, Viviane Salatti. *Presença de mulher: a produção feminina na revista da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. PPGL da PUCRS, 2002 (defendida em 2003).

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. (Trad. Waldéa Barcellos). Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Lafayette. *História do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do MES, 1938.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira – Seus fundamentos econômicos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960, 2 v.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. Resgate da dramaturgia feminina brasileira do século XIX. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, 1996, p. 124-127.

TOSCANO, Moema e GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

VIEIRA, Damasceno. *Adelina*. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1880.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas ao dicionário brasileiro de Sacramento Blake* (Parte do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: Ed. datilografada, 1978.

___ & MARTINS, Ari. *150 anos de literatura dramática no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: exemplar datilografado, 1968.

Vol. I – Autores primordiais e textos fundadores ◦ O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto, de Manuel José da Silva Bastos ◦ O nobre e o plebeu, de Manuel Pereira Bastos Júnior ◦ Vitor, de Félix da Cunha ◦ *Vol. II – A desonra como Machina Fatalis* ◦ Risos e lágrimas, de Hilário Ribeiro ◦ Os filhos da viúva, de Arthur Rocha ◦ Frutos da opulência, de Joaquim Alves Torres ◦ *Vol. III – O Jesuitismo na alça de mira* ◦ Os jesuítas ou O bastardo do rei, de José Manuel Rego Vianna ◦ Os lazaristas, de Antonio Ennes ◦ Deus e a natureza, de Arthur Rocha ◦ *Vol. IV – O divórcio em cena* ◦ O marido de Ângela, de Joaquim Alves Torres ◦ Arnaldo, de Damasceno Vieira ◦ Janina, de Mário de Artagão ◦ *Vol. V – O drama abolicionista* ◦ O filho duma escrava, de Apparício Mariense da Silva ◦ A filha da escrava, de Arthur Rocha ◦ Um fruto da escravidão, de Boaventura Soares ◦ *Vol. VI – O ideal republicano* ◦ Estrelas e diamantes, de João da Cunha Lobo Barreto ◦ Lucinda, de Hilário Ribeiro ◦ Escrava e mãe, de José Alves Coelho da Silva ◦ *Vol. VII – A mulher como autora* ◦ Uma lágrima derramada ou O ramo de violetas e A flor do deserto, de Maria da Cunha ◦ A culpa dos pais, A calúnia e As vítimas do jogo, de Anna Aurora do Amaral Lisboa ◦ *Vol. VIII – A comédia* ◦ Político, e liberal, por especulação, de “Hum Militar Avulso” ◦ Uma manhã em casa dum autor crítico, de “O Freguês” (Pedro Antônio de Miranda) ◦ Por um retrato, de Damasceno Vieira ◦ File-o, de José de Sá Brito ◦ Por causa de uma camélia ou Marido por meia hora, de Arthur Rocha ◦ Epidemia política, de “Iriema” (Appolinário Porto Alegre) ◦ Impalpáveis, de Joaquim Alves Torres ◦ O primeiro cliente, de Gomes Cardim.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68558-09-6



9 788568 558096